

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA

MATHEUS FERREIRA GONÇALVES



The Birthday of the Infanta, de Oscar Wilde:  
análise de tradução com ênfase em estruturas sintáticas complexas

Uberlândia/MG

2023

MATHEUS FERREIRA GONÇALVES

The Birthday of the Infanta, de Oscar Wilde:  
análise de tradução com ênfase em estruturas sintáticas complexas

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Tradução do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Tradução.

Orientador: Prof. Dr. Stéfano Paschoal

Uberlândia/MG

2023

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU  
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

G635 2023	<p>Gonçalves, Matheus Ferreira, 1995- The Birthday of the Infanta, de Oscar Wilde [recurso eletrônico] : análise de tradução com ênfase em estruturas sintáticas complexas / Matheus Ferreira Gonçalves. - 2023.</p> <p>Orientador: Stéfano Paschoal. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Uberlândia, Graduação em Tradução. Modo de acesso: Internet. Inclui bibliografia.</p> <p>1. Linguística. I. Paschoal, Stéfano, 1974-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Graduação em Tradução. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 801</p>
--------------	--

MATHEUS FERREIRA GONÇALVES

The Birthday of the Infanta, de Oscar Wilde:  
análise de tradução com ênfase em estruturas sintáticas complexas

Monografia apresentada ao Curso de Tradução do  
Instituto de Letras e Linguística da Universidade  
Federal de Uberlândia como requisito parcial para  
a obtenção do título de Bacharel em Tradução

Banca de Avaliação:

Prof. Dr. Stéfano Paschoal – UFU  
Orientador

Profa. Dra. Paula Godoi Arbex – UFU  
Membro

Prof. Dr. João Carlos Biella – UFU  
Membro

Uberlândia/MG, 27 de janeiro de 2023

## AGRADECIMENTOS

Aos Senhores do Mundo e do Universo e Alma da Terra, por terem permitido e proporcionado a minha existência e por tudo de maravilhoso com o que vocês a preencheram.

Aos meus pais, pelo maior dos presentes: a vida! Além de todo o amor e apoio incondicionais que vocês sempre me deram.

Aos meus avós, pelos cuidados, ensinamentos, lições e histórias de inestimável valor.

Aos meus irmãos, pelos momentos e todo o amor compartilhados em família.

A todos os familiares e amigos, que de alguma maneira me incentivaram para que hoje eu pudesse chegar até aqui e estar redigindo este trabalho, e em especial ao professor Stéfano, por toda a dedicação e paciência, além da sua amizade. Sem toda a sua ajuda, eu certamente não teria nem começado este feito.

Aproveito também para estender o agradecimento a todos os demais professores, especialmente a vocês, professora Paula e professor Biella, que compõem a minha banca avaliadora: muito obrigado por terem aceitado o convite. O conhecimento que me trouxeram moldou a pessoa que eu sou hoje e isso eu carrego comigo todos os dias e faço questão de gritar aos quatro ventos o quão fundamentais vocês foram e sempre serão para mim.

## RESUMO

O trabalho com traduções literárias se mostra complexo por diversos motivos, a começar por sua própria definição. Este trabalho, fundamentado em concepções literárias e nos Estudos da Tradução, investiga de maneira comparativa o modo como três tradutores procederam em relação à tradução dos três trechos mais longos do conto *The Birthday of the Infanta*, de Oscar Wilde. A análise realizada, com base nas concepções de Paulo Henriques Britto, Valentín García-Yebra e Clifford E. Landers, permite afirmar a proximidade entre original e tradução, nos três casos. Embora mais comum na década de 1980, o tipo de análise comparativa adotado aqui permanece válido, já que permite constatar a consonância entre prática de tradução e concepções teóricas vigentes até a atualidade.

**Palavras-chave:** Tradução Literária. Análise de Tradução. Oscar Wilde.

## ABSTRACT

Researching literary translation is – for several reasons – something very complex, firstly due to its own definition. Based on literary conceptions and on Translation Studies, this research presents a comparative analysis and exhibits how three translators proceeded in translating the three longest passages of the short story *The Birthday of the Infanta* by Oscar Wilde. The analysis, based on conceptions of Paulo Henriques Britto, Valentín García-Yebra, and Clifford E. Landers, allows us to affirm the proximity between original and translation, in the three cases. Although more common in the 1980s, the type of comparative analysis adopted here remains valid, as it allows us to verify the consonance between translation practice and current theoretical concepts.

**Keywords:** Literary Translation. Comparative Analysis. Oscar Wilde.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
CAPÍTULO 1 – OSCAR WILDE: ALGUMAS POUCAS PALAVRAS .....	14
CAPÍTULO 2 – TRADUÇÃO LITERÁRIA .....	18
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DE TRADUÇÕES .....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	47
REFERÊNCIAS .....	50
ANEXOS .....	51

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho, intitulado *The Birthday of the Infanta*, de Oscar Wilde: *Análise de Tradução com Ênfase em Estruturas Sintáticas Complexas*, tem como principal objetivo analisar os três períodos mais extensos do conto *The Birthday of the Infanta* de Oscar Wilde, com o intuito de verificar como os tradutores procederam com relação a essas estruturas. Analisaremos descritivamente as soluções encontradas, sem, contudo, emitir juízos de valor. Algumas características do texto escolhido, como o fato de pertencer a um gênero literário curto (conto), com períodos labirínticos (marca estilística em alguns contos de Oscar Wilde), contribuem para que se cumpra a análise proposta aqui.

O conto é o segundo de quatro contos de fadas, presentes na coletânea *A House of Pomegranates* (*Uma Casa de Romãs*), de Oscar Wilde (1854-1900), publicada em 1891 como continuação de *The Happy Prince and Other Tales* (*O Príncipe Feliz e Outras Histórias*), outra coletânea do autor publicada em 1888. Os dois primeiros contos de *Uma Casa de Romãs* (*O Jovem Rei* e *O Aniversário da Infanta*, respectivamente) já haviam sido publicados anteriormente à publicação da coletânea em si.

As três traduções selecionadas têm o mesmo título, *O Aniversário da Infanta*. São elas: de Gil Reyes (publicada em 2018 pela Folha de S. Paulo), de Oscar Mendes<sup>1</sup> (publicada em 1986) e a de Luciana Salgado (2013). Todas existem em versão impressa e são traduções para o português do Brasil. A seleção das traduções contempla trabalhos realizados em datas diferentes, o que, certamente, pode ter influências no registro, a depender do público-alvo pressuposto. Não nos parece, entretanto, que essas diferenças provoquem mudanças na tradução, em relação ao que nos propusemos a analisar neste trabalho.

O primeiro passo para o desenvolvimento deste trabalho foi a leitura do conto mencionado em sua língua original. Selecionamos os três trechos mais longos (em

---

<sup>1</sup> Oscar Mendes também foi tradutor da obra de William Shakespeare, tendo realizado esta tradução da obra completa de Wilde (da qual retiramos a do conto *The Birthday of the Infanta*) ainda no início da década de 60, mais especificamente em 1961.

relação ao número de palavras por períodos), que nos chamaram a atenção por sua natureza sintática e, algumas vezes, estilística: períodos longos, muitas vezes de sintaxe complexa, e orações relativas intercaladas, característica recorrente neste conto.

Uma vez que se trata de um texto literário, baseamo-nos, predominantemente, nas teorias de Valentín García-Yebra, Paulo Henriques Britto, Clifford E. Landers e Anthony Burgess. Embora este tipo de análise (comparativa) tenha sido mais comum nos anos de 1970 e 1980, acreditamos, pelo viés dado à tradução literária, conforme será demonstrado no Capítulo 2, que seja significativa para os Estudos da Tradução, haja vista apoiar-se em concepções de tradução literária vigentes até os nossos dias.

Se, por um lado, há diversas pesquisas que abrangem a adaptação de textos para mídias ou públicos diversos, questões de transferência e circulação de obras, autoria, invisibilidade do tradutor, há, por outro, a necessidade de, algumas vezes, repetir o caminho já feito pelos pesquisadores nos inícios dos Estudos da Tradução como disciplina (1970 e 1980), trazendo à baila – e isto é de vital importância para a universidade – um modelo de análise que vai ao encontro de concepções vigentes no âmbito da tradução literária. Não esgota, certamente – e nem esta é a sua intenção – a matéria. Realça, contudo, suas concepções predominantes, proporcionando a possibilidade de refletir sobre elas.

A análise dos trechos selecionados busca responder se a ordem dos períodos foi mantida na tradução ou se houve reconstrução de períodos, afastando-se da estrutura presente no original, isto é, se um período longo foi subdividido em dois ou mais períodos no texto alvo, ou, ao contrário, se dois ou mais períodos do texto original foram aglutinados num único período no texto traduzido; se a ordem das palavras foi mantida, respeitando-se, logicamente, as estruturas da língua de chegada etc.

Não obstante a diferença de pontuação e da natureza entre o par de línguas em questão (texto original em inglês e traduções em português), existe a possibilidade de que os tradutores busquem manter estruturas semelhantes às do original, mesmo que isso, em alguns casos, possa ferir a recepção ou a

acomodação das ideias na língua de chegada. Em maior ou menor proporção, muitas vezes, as decisões estão atreladas a uma intenção ou concepção de tradução.

A contribuição vem em boa hora, já que, segundo García-Yebra (1983), as traduções literárias têm aumentado nos últimos anos<sup>2</sup>.

As decisões que pretendemos analisar, embora possam parecer simples, num primeiro momento, aos olhos dos leigos, possui implicações evidentes. Isto quer dizer: não obstante a praticidade da análise proposta, os resultados não apontam para a neutralidade do tradutor em relação a manter certos aspectos estilísticos do texto.

Não se vive mais numa era de obediência servil ao denominado original, mas, na prática, muitas vezes, encontramos coincidências formais robustas: e elas não podem significar, na modernidade, uma atitude servil ao texto de partida. Qual então o motivo de sua ocorrência, e quais as suas consequências – na acepção mais neutra possível do termo – na tradução?

Para Tavares e Lopes (2005), a manutenção ou não de certos elementos, de certa estrutura ou, ainda, de certa ordem (sequência de informações), pode estar relacionada à função estética do texto, já que, para os autores:

[...] traduzir, por exemplo, um conto ou um romance não se poderá limitar apenas a uma mera e imediata transposição de sentido, ignorando a “função estética” do texto, [visto que] [...] Tal como na crítica de um texto original, não poderá existir uma única leitura possível ou uma única interpretação, também numa tradução de um texto literário – que pressupõe sempre uma interpretação anterior e/ou simultânea ao ato de traduzir – não poderá existir uma única tradução, dita “correta”, que se imponha a todas as outras (p.84)

A citação acima corrobora esta pesquisa, na medida em que contribui para os esclarecimentos acerca do tratamento do material (original e traduções), já que, segundo o que se diz ali, é possível que seja apontado o grau de dissimilaridade ao traduzir certos contos e romances, por exemplo, analisando as traduções feitas por alguns profissionais da área, uma vez que, para o tradutor literário, pensa-se haver

---

<sup>2</sup> En el aspecto cuantitativo también ha crecido notablemente en los últimos tiempos la traducción literaria, aunque tampoco aquí tanto como la científica, y menos aún, tanto como la simplemente documental (García-Yebra, 1983, p.42-43)

certa liberdade de escrita, podendo este manipular seu texto de forma mais “livre” em relação aos demais tipos. Assim, ao analisarmos o original e as traduções para esta pesquisa, estaremos cientes de que deveremos considerar – pela própria natureza do texto – as certas liberdades.

Assim como ocorre nas diversas leituras de um único texto em um mesmo idioma, devemos tomar a tradução como um processo de recriação, ou seja, não existe uma tradução que possa ser considerada “a mais correta”. Antunes (1991) cita uma passagem da *Estética*, de Croce, utilizada por Manuel Bandeira:

Toda tradução é impossível se pretende o transvasamento de uma expressão em outra, como o líquido de um recipiente a outro; não podemos reduzir o que já tem forma estética a outra forma estética. Toda tradução com efeito, ou diminui e estrofia, ou cria uma expressão nova. Assim, a tradução que merece o nome de boa é uma aproximação que tem valor de obra de arte, e que pode viver independentemente (p. 263).

Delille (1986), do mesmo modo, reconhece:

Goethe admite e valoriza os diversos tipos de tradução possíveis, conforme as necessidades dos vários níveis etários ou, numa perspectiva diacrônica, do grau de maturidade de uma cultura. Se para um jovem estudante ou para um estágio mais rude da cultura de um povo a tradução “prosaica-simples” pode ser a mais benéfica, uma fase mais avançada exigirá uma versão que, no respeito pelo original, se amolde aos padrões autóctones, ficando reservado para um último e mais apurado estágio o gosto pela tradução que verdadeiramente se identifique com o original. Isto é, que exista não em vez dele, mas em seu lugar. (p. 8)

Assim, apresentaremos uma investigação que privilegia não apenas a natureza do texto original e seu ambiente de produção, mas também o ambiente de produção das traduções, bem como suas intenções. Conforme explicitado no projeto que precedeu este trabalho, o objetivo da pesquisa não foi e não é julgar as traduções, mas apresentar como os tradutores procederam em determinados trechos, com o intuito de perceber se há semelhança de tratamento e se, a partir disso, seja possível apontar uma tendência.

Acreditamos que este tipo de análise, que reúne questões gramaticais, linguísticas e, principalmente, de tradução (ou seja, embora utilizemos conhecimentos advindos de outras áreas, predominam aqui os conhecimentos de tradução), colabora, inclusive, para que o diálogo entre as áreas seja cada vez mais profícuo.

Este trabalho consiste desta Introdução, de três capítulos: o primeiro, panorâmico, traz informações sobre a vida e obra de Oscar Wilde (1854-1900); o segundo, em que se discorre brevemente sobre o significado de literatura e se apresentam concepções consagradas e vigentes até os dias de hoje sobre tradução literária; o terceiro, em que se mostra a análise – e seus parâmetros – das traduções dos trechos selecionados, apontando os resultados; as Considerações Finais e as Referências Bibliográficas.

## CAPÍTULO 1 – OSCAR WILDE: ALGUMAS POUCAS PALAVRAS

Oscar Fingal O’Flahertie Wills Wilde, mais conhecido por Oscar Wilde, foi um escritor da literatura inglesa e é bastante lembrado por suas obras um tanto quanto peculiares.

Nasceu em Dublin, Irlanda, em 16 de outubro de 1854, e foi um brilhante estudioso clássico, obtendo uma bolsa de estudos no Magdalen College de Oxford já em 1874, aos vinte anos de idade, permanecendo ali por 5 anos.

O segundo de três filhos, foi criado numa família protestante (depois convertendo-se à Igreja Católica), estudou na Portora Royal School de Enniskillen e no Trinity College de Dublin, onde se sobressaiu como latinista e helenista.

Acerca de seus primeiros anos, no posfácio à tradução *O retrato de Dorian Gray*, de Jose Eduardo Ribeiro Moretzsohn, informa-se:

Oscar cresceu num ambiente de abundância. Ele e seu irmão Willie estudaram em Portora e depois no Trinity College com uma forte formação humanística. Tinham uma irmã menor, Isola, que morreu aos nove anos. Além dela, tinham também três outros irmãos, filhos de seu pai, anteriores ao casamento com Jane. Destes, Henry Wilson seguiu a carreira do pai, e as duas moças morreram cedo, e de forma trágica, marcando profundamente a experiência familiar. O pai, que nunca escondeu os filhos ilegítimos, cuidou da educação de todos. (2010, p. 289)

Ao sair de Oxford, passou a residir em Londres, onde começou a ter uma vida social mais agitada e seu estilo foi logo caracterizado como extravagante.

Foi convidado para ir aos Estados Unidos a fim de dar uma série de palestras sobre o movimento estético fundado por ele, o Esteticismo (ou Dandismo), que defendia, a partir de fundamentos históricos, o belo como antídoto para os horrores da sociedade industrial, sendo ele mesmo um dândi (homem de bom gosto e fantástico senso estético, mas que não pertencia, necessariamente, à nobreza).

Em 1883, foi para Paris e entrou para o mundo literário local, o que o levou a abandonar seu movimento estético. Voltou para a Inglaterra e se casou com Constance Lloyd, filha de um rico advogado de Dublin, tendo ido morar em Chelsea, um bairro de artistas londrinos. Ele teve dois filhos com Constance, Cyril, em 1885 e

Vyvyan, em 1886. O melhor período intelectual de Oscar Wilde é o que vai de 1887 a 1895.

Em 1892, começou uma série de bem-sucedidas histórias, hoje clássicos da dramaturgia britânica: O leque de Lady Windermere (1892), Uma Mulher sem Importância (1893), Um Marido Ideal e A importância de ser Prudente (ambas de 1895). Nesta última, o ar cômico começa pelo título ambíguo: *Earnest*, "fervoroso" em inglês, tem o mesmo som de *Ernest*, nome próprio.

Publicou contos como O Príncipe Feliz, O Gigante Egoísta e O Rouxinol e a Rosa (todos de 1888), que escrevera para os seus filhos, e O crime de Lord Arthur Savile (1891).

O seu único romance foi O Retrato de Dorian Gray, publicado em 1891.

A situação financeira de Wilde começou a melhorar, e, com ela, conquistou uma fama ainda maior. O sucesso literário foi acompanhado de uma vida bastante mundana, e suas atitudes tornaram-se cada vez mais excêntricas.

Em maio de 1895, após três julgamentos, foi condenado a dois anos de prisão, com trabalhos forçados, por "cometer atos imorais com diversos rapazes". Wilde escreveu uma denúncia contra um jovem chamado Bosie, em suas memórias escritas no cárcere, sob o título *De Profundis* (1897), acusando-o de tê-lo arruinado. Bosie era o apelido de Lorde Alfred Douglas, um dos homens de que se suspeitava que Wilde fosse amante. Foi o pai de Bosie, o Marquês de Queensberry, que levou Oscar Wilde ao tribunal.

Após a condenação a vida mudou radicalmente e o talentoso escritor viu, no cárcere, serem consumidas a saúde e a reputação. No presídio, o autor de *Salomé* (1893) produziu, entre outros escritos, *A Alma do Homem sob o Socialismo* (1891) e a célebre *Balada do Cárcere de Reading* (1898).

Wilde saiu da prisão em 19 de maio de 1897. Poucos o esperavam na saída, entre eles seu maior amigo, Robert Ross.

Passou a morar em Paris e a usar o pseudônimo Sebastian Melmoth. As roupas tornaram-se mais simples e o escritor passou a morar num lugar humilde, de apenas dois quartos. A produtividade literária era pequena.

O fato histórico de seu sucesso ter sido arruinado por Lorde Alfred Douglas (Bosie) tornou-o ainda mais culto e filosófico, sempre defendendo o amor que não ousa dizer o nome, definição sobre a homossexualidade, como forma de mais perfeita afeição e amor.

Oscar Wilde morreu de um violento ataque de meningite, agravado pelo álcool e pela sífilis, às 9h50 do dia 30 de novembro de 1900.

Em seu leito de morte foi aceito pela Igreja Católica Romana e Robert Ross, em sua carta para More Adey (datada de 14 de dezembro de 1900), disse: “Ele estava consciente de que havia pessoas presentes e levantou sua mão quando pedi, mostrando entendimento. Ele apertou nossas mãos. Eu então fui enviado em busca de um padre e, depois de grande dificuldade, encontrei o Padre Cuthbert Dunne, que foi comigo e administrou o batismo e a extrema unção — Oscar não pode tomar a eucaristia.”

Wilde foi enterrado no Cemitério de Bagneux, fora de Paris, porém mais tarde foi movido para o Cemitério do Père Lachaise. Sua tumba é obra do escultor Sir Jacob Epstein, à requisição de Robert Ross, que também pediu um pequeno compartimento para seus próprios restos. Seus restos foram transferidos para a tumba em 1950.

Embora Oscar Wilde tenha sido uma figura polêmica e, ao que parece, despertado a ira dos poderosos de seu tempo, tendo sofrido uma grande injustiça, que culminou com o seu encarceramento, não se pode negar o reconhecimento que lhe é atribuído pelas gerações posteriores, que pode se concretizar tanto nas traduções constantes de sua obra, como no carinho dedicado a ele. Também no posfácio à tradução *O retrato de Dorian Gray*, de Jose Eduardo Ribeiro Moretzsohn, encontra-se:

Flores se espalham em volta do túmulo de Oscar Wilde, no cemitério Père Lachaise, em Paris. Há também inúmeros bilhetinhos apaixonados pelo chão. São declarações de amor ao autor de *O retrato de Dorian Gray*, que morreu num hotel simples, em Paris, em 1900. De certa forma, essas

pequenas e diárias homenagens revelam a admiração que até hoje sua literatura suscita entre jovens leitores. Não se pode dizer apenas sua literatura, mas sua figura, que encarnou perfeitamente a imagem do dândi do século XIX. (2010, p. 287)

## CAPÍTULO 2 – TRADUÇÃO LITERÁRIA

Para iniciar as discussões acerca da tradução literária precisaríamos buscar definições de literatura. O entendimento de um termo tão amplo e que tem evoluído nos últimos tempos, irmanando-se principalmente com os Estudos Culturais, seria, de fato, um empecilho para o desenvolvimento do trabalho, já que, por certo, não conseguiríamos definir literatura sem nos comprometermos com uma ou outra corrente teórica – das muitas existentes. Por essa razão, traremos – tão somente a título de ilustração – alguns aspectos sobre a literatura (e talvez uma entre diversas possibilidades de defini-la) com base em Anthony Burgess, a partir de sua obra *A Literatura Inglesa*.

Para Burgess (1996), a literatura se encontra dentro de um dos dois grupos que subdividem, grosso modo, os assuntos que estudamos na escola: as artes. Burgess também afirma que a aprendizagem deste e do outro grupo – as ciências – tem como função nos preparar para a vida em uma comunidade civilizada, parecendo ser estas, portanto, as duas coisas mais importante na vida civilizada: as ciências e as artes.

O autor explica que, para a vida do homem comum – que se baseia em algo que ele denomina mundo da subsistência (conseguir comida e bebida, fazer filhos, dormir, e morrer) –, essas duas coisas não devam ser muito úteis em seu dia a dia, ou seja, não têm importância se para ele é o Sol que gira em torno da Terra ou o contrário, mas mesmo que para esse homem comum esse fato possa parecer inútil, para os cientistas, saber a verdade sobre o que de fato se passa tem um valor. Um valor é algo que eleva nossas vidas para além desse nível puramente animal; é algo acrescentado a esse mundo da subsistência e que, de certa forma, faz a nossa vida valer a pena, ter um sentido por assim dizer; algo que se perpetua para além das nossas vidas comuns e caminha em direção à eternidade. E essa busca pela verdade é um valor para os cientistas, assim como também a busca pela beleza o é para os artistas.

A obra de Oscar Wilde ilustra, de forma especial, a busca pela beleza, própria dos artistas. Wilde se sobressai dentre os autores de literatura inglesa

principalmente por seu senso estético, refletido no estilo de seus contos, com inversões sintáticas, ritmo e figuras de linguagem.

Uma vez tendo nos detido, ainda que de modo breve, sobre a concepção de literatura, apresentaremos, doravante, discussões atinentes à tradução literária. García-Yebra (1983) a define do seguinte modo:

Eu disse, anteriormente, que a tradução literária é uma espécie do gênero *tradução*. Qual é, então, a diferença específica, o caráter constitutivo da tradução literária? Não será tradução literária, ainda que muito apropriada, a de um tratado científico. Será, pelo contrário, literária, uma tradução da *Ilíada* ou da *Divina Comédia*, ainda que seja medíocre. A tradução não obtém o seu caráter específico do talento do tradutor, mas da obra traduzida. Não será, pois, tradução literária, aquela de um excelente tradutor, mas sim aquela que tenha por objeto uma obra pertencente à literatura<sup>3</sup>. (p.126)

Devemos aqui nos atentar ao que García-Yebra considera como tradução literária. Ele define esse tipo de tradução ao traçar as principais diferenças entre a tradução literária e a dos demais tipos. Ou seja, para García-Yebra, a tradução literária é aquela que tem como objeto um texto também literário, podendo ser considerada uma espécie do gênero tradução. Ele nos mostra, como exemplo, que a tradução de um tratado científico, por melhor que possa parecer, ou feita pelo melhor dos tradutores, ainda assim não poderia ser considerada como tal. Em contrapartida, uma tradução da *Ilíada* – ou da *Divina Comédia* – poderia obter o tal predicativo por se tratar de textos tidos como parte da literatura. Em suma: “a tradução não recebe seu caráter específico do talento do tradutor, mas sim da obra traduzida” (p. 126).

A definição de García-Yebra – de que a tradução literária é aquela que tem como objeto um texto literário – nos leva à seguinte pergunta: como definir um texto literário? Além das dificuldades para responder a esta pergunta, adentraríamos uma questão que extrapola o escopo de nosso trabalho. Entretanto, consideramos necessário discutir, ainda que superficialmente, apoiados nos escritos de Estudos da

---

<sup>3</sup> Dije antes que la traducción literaria es una especie del género traducción. ¿Cuál es, entonces, la diferencia específica, el carácter constitutivo de la traducción literaria? No será traducción literaria, aunque sea muy buena, la de un tratado científico. Será, en cambio, literaria una traducción de la *Ilíada* o de la *Divina Comedia*, aunque sea medíocre. Y e que la traducción no recibe su carácter específico del talento del traductor, sino de la obra traducida. No será, pues, traducción literaria la de un traductor excelente, sino la que tenga por objeto una obra perteneciente a la literatura. (García-Yebra: 1983: p.126)

Tradução, o que seja o texto literário (em função da tradução literária). Nesse sentido, Britto (2012) aponta:

Podemos agora tentar definir de modo um pouco mais claro o que entendemos por tradução literária: é a tradução que visa recriar em outro idioma um texto literário de tal modo que sua literariedade seja, na medida do possível, preservada. Isso significa que a tradução literária de um romance deve resultar num romance; a de um poema, num poema. Significa que a tradução de um texto que provoque o riso no original deve provocar o riso em seu leitor; que a tradução de um poema cheio de efeitos musicais, como padrões rítmicos e rimas, deve conter efeitos semelhantes ou de algum modo análogos; que a tradução de uma peça teatral que represente fielmente a maneira de falar de pessoas de classe média na cultura de origem deve representar de modo igualmente fiel a maneira de falar de pessoas de classe média na cultura do idioma da tradução. Significa também que a tradução de um texto considerado difícil, espinhoso, idiossincrático e estranho em sua cultura de origem deve ser um texto que provoque as mesmas reações de perplexidade e estranhamento no público da cultura para o qual foi traduzido; e que a tradução de um texto considerado singelo e de fácil leitura pelos leitores da língua-fonte deve resultar num texto que seja encarado como igualmente simples pelos leitores da língua-meta. (pp.47-48)

Na citação anterior, não apenas percebemos que o texto literário – objeto da tradução literária – deve conter literariedade, mas também que a tradução literária deve atentar para o fato de que produza, em seu público-leitor, na medida do possível, os mesmos efeitos do texto original. É necessário ponderar acerca desta ideia apresentada por Britto, já que se mostra impossível, por exemplo, definir com certo grau de exatidão o que um texto escrito há 500 ou 600 anos provocou em seus leitores/receptores. Entende-se tratar-se de uma intenção, que nasce a partir da imaginação do tradutor-leitor.

Tentar recriar ou ressignificar o texto de modo que ele produza nos leitores da tradução efeitos semelhantes àqueles produzidos nos leitores do original é uma forma de proceder, em relação ao original, que coloca os tradutores numa posição mais próxima deste original, de modo a sondá-lo em todos os seus espaços e tempos, para, posteriormente, partir-se para o exercício da recriação, da ressignificação.

Acerca do termo literariedade, que remete à qualidade que torna literário um texto, Britto (2012) discorre:

O que caracteriza a literariedade de um texto? Essa discussão é bastante complexa, e não seria este o lugar mais adequado para aprofundá-la; mas tampouco podemos deixá-la de lado por completo, já que nosso objeto de interesse, a tradução literária, depende do conceito de literariedade.

Podemos adotar o critério proposto por Jakobson num artigo famoso, “Linguística e poética” (incluído no livro *Linguística e comunicação*): chamemos de “função poética” – deixando claro que “poética” aqui tem um sentido mais amplo, que abrange toda a literatura, e não só textos em versos – aquele aspecto da comunicação verbal que enfatiza não o conteúdo do que se diz, nem os pensamentos de quem fala, nem o efeito sobre aquele com quem falamos, nem nenhum dos outros componentes da comunicação, mas sim a própria mensagem em si. O texto literário é aquele que, ainda que possa ter outras funções, tem um valor intrínseco para aqueles que o utilizam; ou seja, ele é valorizado como objeto estético. (p.47)

Ou seja, assim como Burgess nos trouxe uma definição do que é literatura, Britto a corrobora ao dizer que o texto literário é valorizado como objeto estético, sendo ele algo para ser apreciado e, digamos, carregado ou levado para além dos tempos para que seja recriado para diferentes gerações e culturas.

Para podermos caracterizar, então, um texto como literário, devemos levar em conta que ele é tomado como uma obra de arte, que existe primordialmente para ser apreciado e que, como toda obra de arte, produza certo efeito em seu público-alvo. Tomando-se assim o texto escrito como objeto de apreciação, é facilmente perceptível que, para torná-lo apreciável por outros públicos, de línguas, culturas e épocas diferentes, é necessário traduzi-lo.

Outro aspecto que uma obra de arte tem é o da história que ela carrega, ou seja, ela está carregada com um contexto de vida de seu autor. Ela traz em si também a maneira específica de cada autor escrever, a forma de seu texto, o que, como proposto por García-Yebra e Britto, deve ser respeitado e reproduzido<sup>4</sup> de tal forma que atinja uma reação similar à de que o texto fonte atingiu em seus primeiros leitores.

Friedrich Schleiermacher (1768-1834), em seu texto *Sobre os diferentes métodos de traduzir*<sup>5</sup> (1813), embora não tenha tratado explicitamente da tradução de textos literários, deixa-nos um legado aplicável também à tradução desse tipo de texto. De forma sucinta, há, para o filósofo alemão, duas possibilidades metodológicas ao traduzir: afastar-se do texto original (aproximando-se, conseqüentemente, do público-leitor) e realizar as devidas modificações para que o texto cumpra uma função predominantemente comunicativa, ou, então, aproximar-se do texto original (e, por conseguinte, afastar-se do público-leitor) e buscar trasladar a

<sup>4</sup> Entenda-se aqui o termo reproduzir de modo abrangente, como recriação, ressignificação.

<sup>5</sup> Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens (1813)

forma e as características (marcas estilísticas, principalmente) do texto. Ou seja, o objeto principal da tradução, neste segundo caso, seria o texto propriamente dito, e as relações com o público-leitor ficariam em segundo plano.

Ao que parece, García-Yebra (1983) defende a postura de aproximação do texto original, como podemos perceber em:

[...] Por questões de delimitação, direi apenas que o objeto da tradução literária, o que deve ser tra-duzido, trans-ladado, “levado a outro lado”, não são os leitores da tradução, mas sim a obra original. É esta que deve passar à língua de seus novos leitores. E, quanto mais se ajusta ao caráter desta língua, *ceteris paribus*, tanto melhor será a tradução<sup>6</sup>. (p.137)

Conforme apontado na Introdução, o objetivo de nosso trabalho é apresentar uma análise de três trechos do conto *The Birthday of the Infanta*, de Oscar Wilde. Além de compactuarmos da concepção de García-Yebra, de que é necessário observar, sobretudo, as formas nas traduções literárias – pelo menos no que se refere aos textos de Wilde, em que formas e padrões retóricos são muitas vezes inseparáveis daquilo que significam – concordamos com Britto (2012), quando ele discorre sobre em que tipo de texto literário essa postura deve ser adotada. Para o autor, conforme citação abaixo, o tipo de postura muitas vezes relaciona-se ao “peso” do autor. Vejamos:

Em primeiro lugar, o tradutor tenderá a adotar uma política tradutória mais estrangeirizadora quanto maior for o prestígio do autor a ser traduzido. O reconhecimento crítico da excelência de um determinado escritor implica sempre a valorização de seu estilo, das peculiaridades de sua linguagem que o singularizam. Isso fará com que o tradutor se esmere na tarefa de reproduzir na língua-meta as características do estilo original, e fatalmente o levará a aproximar-se mais da língua-fonte. (p.64)

Sustentamos, acima, que as formas do original devem prevalecer nas traduções literárias, pelo menos nos contos de Oscar Wilde, pois acreditamos que a forma auxilia na construção do significado e da identidade do autor. Em tradução literária, a forma é, muitas vezes, tão importante quanto o conteúdo. A este respeito, Landers (2001) diz:

Um dos conceitos sobre tradução literária mais difíceis de se transmitir àqueles que nunca se empenharam seriamente nisto, incluindo profissionais das áreas de tradução técnica e comercial, por exemplo, é que “como” se

<sup>6</sup> [...] Como el tiempo apremia, diré sólo que el objeto de la traducción literaria, lo que debe ser traducido, tras-ladado, “llevado al otro lado” no son los lectores de la traducción, sino la obra original. Es ésta la que debe pasar a la lengua de sus nuevos lectores. Y, cuanto más se ajuste al carácter de esta lengua, *ceteris paribus*, tanto mejor será la traducción (García-Yebra: 1983: p.137)

diz algo pode ser tão importante, e algumas vezes mais importante do que aquilo que se diz<sup>7</sup>. (p.7).

Landers vai além do que sustentamos, afirmando que a forma, algumas vezes, supera, em importância, o conteúdo. Ao discorrermos sobre forma ou formas, adentramos outro campo importante para a discussão das características da tradução literária: o estilo. Esta temática pode ser polêmica, se dissermos que o tradutor deve renunciar a seu estilo de escrita para mostrar, na tradução, o estilo do autor, principalmente se levarmos em conta as diferenças entre sistemas linguísticos. A esse respeito, Landers (2001) aponta:

Pelo menos na teoria, 'estilo' num tradutor é um oxímoro. Idealmente, o tradutor se esforça ao máximo para não ter estilo e tenta se diluir no estilo do autor do texto fonte, tornando o seu estilo indistinguível (do dele). O tradutor deve se adaptar ao estilo de cada autor traduzido, ora conciso e elegante, ora divagando, algumas vezes obscuro, mas sempre tão fiel ao original quanto permitirem as circunstâncias. Dito isso, devo chamar a atenção para o fato de que, na prática, os tradutores individuais têm estilo(s), impossíveis de se evitar, para eles, assim como para os autores dos textos-fonte. O estilo, afinal de contas, pode ser definido como um modo peculiar ou expressão, e consciente – ou inconscientemente o tradutor exibe um (estilo). No âmbito individual, o estilo é inextricavelmente entrelaçado com um idioleto, a forma como um indivíduo normalmente fala<sup>8</sup>. (p.90)

De acordo com a citação anterior, uma das tarefas do tradutor é adaptar-se ao estilo do autor traduzido. Landers reconhece que os tradutores podem ter o seu próprio estilo, entretanto, isto não parece impossibilitar que ele alie a seu estilo aquele do autor, seja por meio da imitação, ou de qualquer outro recurso que encontrar. Se entendida literalmente a expressão, de que o escritor individual (tradutor) tem o seu estilo próprio, cai por terra a possibilidade de trazer para a obra traduzida (na tradução) marcas estilísticas do autor. Landers (2001) afirma, mais especificamente, que o modo individual de escrever de um tradutor (e de todos

---

<sup>7</sup> One of the most difficult concepts about literary translation to convey to those who have never seriously attempted it – including practitioners in areas such as technical and commercial translation – is that how one says something can be as important, sometimes more important, than what one says. (Landers, 2001, p.7).

<sup>8</sup> In theory at least, 'style' in a translator is an oxymoron. Ideally, the translator strives to have no style at all and attempts to disappear into and become indistinguishable from the style of the SL author. The translator should adapt to the style of each author translated – now terse, now rambling, sometimes abstruse, but always as faithful to the original as circumstances permit. Having said this, I should point out that in practice individual translators do have styles, which are as impossible for them to avoid as for the SL author. Style, after all, can be defined as a characteristic mode or expression, and consciously or unconsciously the translator displays one. In this individual respect, style is inextricably intertwined with one's idiolect, the way an individual normally speaks. (Landers: 2001, p.90)

aqueles que escrevem) diz respeito a idioleto, e não a estilo propriamente dito. Vejamos:

Isto significa dizer que cada tradutor literário tem um estilo pessoal? Tomara que não. Flaubert e Camus, nas mãos do mesmo tradutor, deveriam manter seus estilos individuais e idiosincrasias. Como tradutores, não temos o direito nem de *aperfeiçoar* o original, nem de impor o nosso estilo – por contraposição com o nosso idioleto, que está no âmago de nossa essência – aos autores que traduzimos<sup>9</sup>. (p.91)

Como podemos perceber, por mais que um tradutor tenha o seu estilo próprio, e conscientes de que todo tradutor/autor (assim como todo autor/tradutor) possui o seu idioleto, é possível – e a tradução de grandes obras literárias tem mostrado isto ao longo do tempo – que o estilo dos autores dos originais esteja presente nas traduções. Ou seja: o tradutor é capaz de, em sua tarefa de recriação, ressignificação, imitar (criativamente) a “voz” do autor.

Com isso, adentramos outro ponto bastante interessante para nossa discussão: a postura do tradutor frente ao texto literário. García-Yebra (1983), ao recorrer a São Jerônimo para discorrer sobre o “dever” do tradutor, parece ser mesmo um pouco normativo. Vejamos:

É dever do tradutor, segundo São Jerônimo, conservar a propriedade, a graça, a força, o sabor e a eufonia da língua do original, inclusive as peculiaridades estilísticas do ‘autor’ humano. [...] E por que há ainda dúvidas de que o tradutor de textos literários profanos também está obrigado a manter, o quanto seja possível, a propriedade, a graça, a força, o sabor e a eufonia do original, inclusive as peculiaridades de seu estilo; a não dizer com rodeios o que o original expressa diretamente, nem por atalho aquilo que o original diz com rodeios; a conservar, enfim, a plurissignificação da linguagem literária, que, como vimos, é característica fundamental da função poética? Tudo isso pode ser resumido numa fórmula que tenho repetido frequentemente, inclusive por escrito: o tradutor deve aspirar a *dizer tudo e apenas o que o autor original disse, e a dizê-lo da melhor forma possível*<sup>10</sup>. (pp.134-135)

<sup>9</sup> Does this mean that each literary translator has a personal style? Hopefully [sic] not. Flaubert and Camus, in the hands of the same translator, should retain their individual styles and idiosyncrasies. As translators we have neither the right to ‘improve’ the original nor to impose our style – as opposed to our idiolect, which is at the very heart of our being – on the authors we translate. (Landers: 2001, p.91)

<sup>10</sup> Es deber del traductor, según san Jerónimo, conservar la propiedad, la gracia, la fuerza, el sabor y la eufonía de la lengua del original, e incluso las peculiaridades estilísticas del “autor” humano (Kloepfer, *ibid.*). [...] Y “qué duda cabe de que también el traductor de textos literarios profanos está obligado a conservar, en lo posible, la propiedad, la gracia, la fuerza, el sabor y la eufonía del original, e incluso las peculiaridades de su estilo; a no decir por rodeo lo que el original expresa directamente, ni por atajo lo que dice el original por rodeo; a conservar, em fin, la plurisignificación del lenguaje literario, que, como hemos visto, es característica fundamental de la función poética? Todo ello puede resumirse en esta fórmula que he repetido muchas veces, incluso por escrito; el traductor debe aspirar a *decir todo y sólo lo que el autor original ha dicho, y a decirlo del mejor modo posible*. (García-Yebra: 1983, pp. 134-135).

Surge a polêmica – apoiada em teorias modernas – sobre o papel do tradutor literário como mero imitador ou como criador (ou ainda, autor). Essas discussões são bastante aprofundadas, principalmente, na teoria da invisibilidade do tradutor de Venuti (1995), mas não explicitadas aqui, por fugirem ao escopo de nosso trabalho.

No âmbito da definição do que seja a tradução literária, Britto (2012) aponta as diferenças entre tradução [literária] e criação literária. Embora acreditemos que a tradução seja também uma tarefa criativa, concordamos com Britto que, entre tradução e criação literária, existem diferenças. O autor aponta:

[...] Sustento que (a) tradução e criação literária *não* são a mesma coisa; que (b) o conceito de fidelidade ao original é de importância central na tradução; e que (c) não só podemos como devemos avaliar criticamente traduções com um certo grau de objetividade. (p.28)

Além de defender as diferenças entre tradução e criação literária, Britto explica que o conceito de fidelidade ao original – hoje já afastado dos debates dos Estudos da Tradução – é de importância central na tradução (e refere-se, aqui, à tradução literária). Isto permite ainda, segundo o autor, que a tradução possa ser analisada com certo grau de objetividade. Trata-se exatamente do que propomos neste trabalho: uma análise objetiva (os passos da análise estão descritos no início do Capítulo 3), cujos resultados apontarão – embora este não seja o objetivo principal do trabalho – o “grau” de fidelidade do tradutor ao texto original, à medida que mantém ou não certas características relacionadas ao “estilo”.

Dentre essas características figuram a extensão do período (avaliada pela ausência de reorganização de períodos extensos e pelo número aproximado de palavras), a ordem da sequência narrativa e a manutenção ou omissão da adjetivação. Estes itens, segundo Britto (2012), são algumas das marcas estilísticas de um texto. Vejamos:

O estilo de T deve ser de algum modo imitado em T1, o que implica que várias características do plano do significante terão de ser recriadas: sintaxe, registro linguístico (ou seja, grau de formalidade/coloquialidade da linguagem) [...] (p.59)

No capítulo seguinte, apresentaremos a análise das traduções selecionadas. É bastante interessante perceber que a discussão teórica que apresentamos não apenas justifica a realização de uma análise comparativa que privilegia, de certo modo, o manuseio com estruturas linguísticas, mas também é realizada a partir dos

resultados, que apresentaremos a posteriori, haja vista sua consonância com a prática de tradução, pelo menos daquelas que são parte deste trabalho.

## CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DE TRADUÇÕES

Neste capítulo, apresentaremos a análise das traduções selecionadas. Para o trabalho com os trechos extensos, será necessário, antes, levar em conta que o sistema de pontuação é diferente em duas línguas, ou seja, sabe-se que não há coincidência entre a forma de pontuar em inglês e em português. Assim, não podemos incluir na análise questões referentes à pontuação, que possuem suas peculiaridades.

Entretanto, sabemos também que, ainda que não seja possível manter exatamente a pontuação do original (e nem deveria existir razão para isso), podem-se produzir períodos tão longos quanto aqueles do original. Em outras palavras: os trechos escolhidos da obra de Wilde contêm todos apenas um ponto final. É nisso que devemos nos prender ao fazer a análise para saber se essa característica do original – a extensão do período – foi mantida. Vamos nos lembrar de que a proximidade do original é desejada (cf. Britto; García-Yebra) e que a consideração da extensão – uma marca formal, estilística – pode ou não ser averiguada em traduções.

O segundo elemento da análise diz respeito à ordem das informações no período, ou seja, se a sequência de informações nas traduções é coincidente com aquela do original ou se, em outro caso, predomina a reorganização de períodos.

Um terceiro elemento: analisar se houve, em algum momento, simplificação da adjetivação.

Por último (quarto passo): contar palavras. Sabemos que as traduções em língua portuguesa geralmente ultrapassam em extensão (número de palavras) os originais de língua inglesa, por estarmos trabalhando com um par de línguas de características distintas: a língua inglesa é considerada sintética; a portuguesa, analítica. Além do mais, apontaremos quantas palavras compõem cada uma das traduções. Como parâmetros para medir a extensão dos trechos quanto à sua manutenção (ou não) em relação à extensão do texto original, utilizamos a seguinte regra: quando uma diferença de 0 a 10 palavras, para mais ou para menos,

consideramos que houve manutenção; quando de 11 a 15 palavras, para mais ou para menos, consideramos que houve manutenção parcial; e quando acima de 16 palavras, também para mais ou para menos, consideramos não ter havido manutenção.

#### Passo a passo da análise

PASSO 1: Os trechos da tradução mantêm a extensão do trecho original? Ou seja, possuem apenas um ponto final? Ou os períodos são reorganizados quanto à extensão?

PASSO 2: As informações na tradução são apresentadas na mesma ordem em que são apresentadas no original? (sequência de informações).

PASSO 3: Em algum momento houve simplificação de adjetivação? Ou seja, todos os adjetivos presentes no original estão presentes na tradução? Ou algum deles foi omitido?

PASSO 4: Contar o número de palavras.

#### O Aniversário da Infanta

##### Três traduções

Tradução 1: tradução de Gil Reyes – 2018

Tradução 2: tradução de Oscar Mendes – 1986

Tradução 3: tradução de Luciana Salgado – 2013

## TRECHO 1

### Trecho 1 – Tradução 1

<p>As for the old Sundial, who was an extremely remarkable individual, and had once told the time of day to no less a person than the Emperor Charles V himself, he was so taken aback by the little Dwarf 's appearance, that he almost forgot to mark two whole minutes with his long shadowy finger, and could not help saying to the great milk-white Peacock, who was sunning herself on the balustrade, that every one knew that the children of Kings were Kings, and that the children of charcoal-burners were charcoal-burners, and that it was absurd to pretend that it wasn't so; a statement with which the Peacock entirely agreed, and indeed screamed out, "Certainly, certainly," in such a loud, harsh voice, that the gold-fish who lived in the basin of the cool splashing fountain put their heads out of the water, and asked the huge stone Tritons what on earth was the matter.</p>	<p>Quanto ao velho Relógio de Sol, um indivíduo extraordinário e que uma vez informara as horas a ninguém menos do que o Imperador Carlos V em pessoa, ficara tão chocado com a aparência do Anãozinho que quase esquecera de marcar dois minutos inteiros com o longo dedo sombreado de sua haste, e não podia deixar de dizer à grande Pavoia branco-leite, que tomava sol empoleirada na cerca, que todos sabiam que os filhos de Reis eram Reis, e que os filhos de carvoeiros eram carvoeiros, e que era absurdo fingir que fosse de outra forma, uma declaração com a qual a Pavoia concordava inteiramente, o que a levou a gritar: "Com certeza, com certeza", com uma voz tão forte e desagradável que os peixinhos dourados que viviam no tanque da fonte puseram a cabeça para fora d'água e perguntaram aos imensos Tritões de pedra que diabos estava acontecendo.</p>
--	---

### TRECHO 1 – TRADUÇÃO 1

No tocante à extensão, a Tradução 1 apresenta as mesmas características do original, ou seja, não houve qualquer reformulação de período que afetasse a extensão do trecho em relação à pontuação.

A sequência das informações, ou seja, da narrativa, é coincidente na tradução e no original.

Em relação aos adjetivos do original, houve poucas modificações: uma simplificação de *extremely remarkable* marcada pela supressão do advérbio de intensidade; e uma modificação do sentido em *cool splashing fountain* (tanque da fonte), tendo-se omitido o adjetivo (na forma de particípio presente, *splashing*), cuja função é adjetivar *fountain* (junto com *cool*). A única tradução em que se manteve o gênero da personagem pavão, entretanto, foi a Tradução 1. O gênero pode ser depreendido do pronome reflexivo *herself* [the great milk-white Peacock, who was sunning herself on the balustrade], já que o artigo definido *the*, que introduz a personagem, não sofre qualquer variação formal em relação a gênero e número em inglês.

Em relação ao número de palavras, o original possui 154 palavras, e a Tradução 1, 148, o que significa que a extensão (média) foi mantida, haja vista a diferença de apenas seis vocábulos.

## Trecho 1 – Tradução 2

<p>As for the old Sundial, who was an extremely remarkable individual, and had once told the time of day to no less a person than the Emperor Charles V himself, he was so taken aback by the little Dwarf 's appearance, that he almost forgot to mark two whole minutes with his long shadowy finger, and could not help saying to the great milk-white Peacock, who was sunning herself on the balustrade, that every one knew that the children of Kings were Kings, and that the children of charcoal-burners were charcoal-burners, and that it was absurd to pretend that it wasn't so; a statement with which the Peacock entirely agreed, and indeed screamed out, "Certainly, certainly," in such a loud, harsh voice, that the gold-fish who lived in the basin of the cool splashing fountain put their heads out of the water, and asked the huge stone Tritons what on earth was the matter.</p>	<p>Quanto ao velho Relógio de Sol, personalidade extraordinariamente notável e que, antigamente, marcou as horas nada menos que para uma pessoa como o Imperador Carlos V, estava tão assombrado diante do aspecto do Anãozinho, que quase se esqueceu de marcar dois minutos inteiros com seu comprido dedo de sombra, e não pôde deixar de dizer ao grande Pavão Real de um branco leitoso, que estava tomando sol na balaustrada, que todos sabiam que os filhos dos reis eram reis e que os filhos dos carvoeiros eram carvoeiros, sendo absurdo pretender o contrário, afirmação com a qual concordou o Pavão Real que, com efeito, piou: "Certamente, certamente", com tão forte e áspera voz, que os peixes dourados, que viviam na bacia da fria fonte de repuxo, puseram suas cabeças fora d'água e perguntaram aos grandes Tritões de pedra o que estava acontecendo.</p>
--	---

## TRECHO 1 – TRADUÇÃO 2

No tocante à extensão, a Tradução 2 apresenta as mesmas características do original, ou seja, não houve qualquer reformulação de período que afetasse a extensão do trecho em relação à pontuação. Há aqui, porém, dois momentos notáveis em que a tradução ficou menos extensa que o original: “Who was an extremely remarkable individual” (seis palavras) passou a ser “personalidade extraordinariamente notável” (três palavras), e “and had once told the time of day” (oito palavras) passou a ser “e que, antigamente, marcou as horas” (seis palavras).

A sequência das informações, ou seja, da narrativa portanto, é coincidente na tradução e no original.

Todos os adjetivos do original encontram-se também na tradução. O tradutor 2 optou por traduzir “great milk-white Peacock” por “grande Pavão Real de um branco leitoso”, o que difere sua tradução das outras, neste ponto; e manteve todos os termos do sintagma “the basin of the cool splashing fountain”, traduzido por “na bacia da fria fonte de repuxo”.

Em relação ao número de palavras, o original possui 154 palavras, e a Tradução 2, 141. Assim, percebemos que a extensão do trecho, no que se refere ao número de palavras, foi mantida apenas parcialmente, levando a uma diferença de 13 palavras.

## Trecho 1 – Tradução 3

<p>As for the old Sundial, who was an extremely remarkable individual, and had once told the time of day to no less a person than the Emperor Charles V himself, he was so taken aback by the little Dwarf 's appearance, that he almost forgot to mark two whole minutes with his long shadowy finger, and could not help saying to the great milk-white Peacock, who was sunning herself on the balustrade, that every one knew that the children of Kings were Kings, and that the children of charcoal-burners were charcoal-burners, and that it was absurd to pretend that it wasn't so; a statement with which the Peacock entirely agreed, and indeed screamed out, "Certainly, certainly," in such a loud, harsh voice, that the gold-fish who lived in the basin of the cool splashing fountain put their heads out of the water, and asked the huge stone Tritons what on earth was the matter.</p>	<p>Quanto ao velho Relógio de Sol, que era um indivíduo extremamente notável e que certa vez tinha informado as horas a ninguém menos que o Imperador Carlos V em pessoa, estava tão surpreso com a aparência do Anãozinho, que quase esqueceu de marcar dois minutos inteiros com o seu longo dedo de sombra e não pode evitar de dizer ao grande Pavão, branco como o leite, que estava tomando sol sob a balaustrada que todos sabiam que os filhos de Reis eram Reis e que os filhos de carvoeiros eram carvoeiros, e que era um absurdo fingir que tudo não era assim; uma declaração com a qual o Pavão concordou inteiramente e que de fato fez com que gritasse, "Certamente, certamente!", tão alto e com uma voz tão severa que os peixes dourados que viviam no tanque da fonte de água fresca, puseram as suas cabeças para fora d'água, a perguntar ao imenso Tritão de pedra o que estava a acontecer na terra.</p>
--	---

### TRECHO 1 – TRADUÇÃO 3

No tocante à extensão, a Tradução 3 apresenta as mesmas características do original, ou seja, não houve qualquer reformulação de período que afetasse a extensão do trecho em relação à pontuação. Vale notar que há um momento em que a tradutora se utiliza de um ponto e vírgula, o que pode talvez ser entendido como uma ruptura na extensão, posto que esse sinal de pontuação gráfica tem um peso maior que o das vírgulas, e pouco menor que um ponto final. Apesar disso, manteremos o parâmetro apresentado no início, o que nos permite afirmar não ter havido diferenças (rupturas) na extensão.

A sequência das informações, ou seja, da narrativa, é coincidente na tradução e no original.

Em relação ao número de palavras, o original possui 154 palavras, e a Tradução 3, 163. Sendo assim, percebemos que a extensão do trecho, no que se refere ao número de palavras, foi mantida. Uma diferença de + 9 palavras. (ou: nove vocábulos a mais).

## TRECHO 2

### Trecho 2 – Tradução 1

<p>He could not keep his eyes off her, and seemed to dance for her alone, and when at the close of the performance, remembering how she had seen the great ladies of the Court throw bouquets to Caffarelli, the famous Italian treble, whom the Pope had sent from his own chapel to Madrid that he might cure the King's melancholy by the sweetness of his voice, she took out of her hair the beautiful white rose, and partly for a jest and partly to tease the <i>Camarera</i>, threw it to him across the arena with her sweetest smile, he took the whole matter quite seriously, and pressing the flower to his rough coarse lips he put his hand upon his heart, and sank on one knee before her, grinning from ear to ear, and with his little bright eyes sparkling with pleasure.</p>	<p>Ele não conseguia tirar os olhos dela, parecia dançar só para ela, e, no final da apresentação, lembrando que havia visto as grandes damas da Corte atirar buquês a Caffarelli, o famoso tenor italiano,</p> <p>enviado pelo Papa de sua própria capela a Madri para, quem sabe, curar a melancolia do Rei com a doçura de sua voz, tirou do cabelo a linda rosa branca e, em parte como gracejo e em parte para provocar a <i>Camarera</i>, atirou-a para o Anãozinho na arena, com seu mais doce sorriso; ele levou a coisa toda muito a sério e, pressionando a flor contra seus lábios grossos e rústicos, pôs a mão no coração e curvou-se apoiado num joelho diante dela, com um sorriso de orelha a orelha, e com seus pequenos olhos jubilosos cintilando de prazer.</p>
---	---

## TRECHO 2 – TRADUÇÃO 1

No tocante à extensão, a Tradução 1 apresenta as mesmas características do original, ou seja, não houve qualquer reformulação de período que afetasse a extensão do trecho em relação à pontuação.

A sequência das informações, ou seja, da narrativa, é coincidente na tradução e no original.

Todos os adjetivos do original encontram-se também na tradução, não tendo havido qualquer tipo de simplificação ou adjetivação. Em relação à retomada de sujeitos, porém, pode ficar confuso para o leitor a falta de explicitação em “lembrando que havia visto as grandes damas da Corte atirar buquês a Caffarelli”, dando a entender que o próprio anãozinho presenciara o fato. No texto original, a oração vem acompanhada de seu pronome pessoal: “remembering how SHE had seen the great ladies of the Court throw bouquets to Caffarelli”. Aqui também é possível perceber a opção de tradução de “how” (como, indicando modo) por “que” suprime a informação acerca do modo como algo foi feito, pois a ênfase não é sobre **o que** aconteceu (fato lembrado) mas sim sobre **como** aconteceu ou acontecia.

Em relação ao número de palavras, o original possui 142 palavras, e a Tradução 1, 133 palavras. Sendo assim, percebemos que a extensão do trecho, no que se refere ao número de palavras, foi mantida. Uma diferença de nove vocábulos menos.

## Trecho 2 – Tradução 2

<p>He could not keep his eyes off her, and seemed to dance for her alone, and when at the close of the performance, remembering how she had seen the great ladies of the Court throw bouquets to Caffarelli, the famous Italian treble, whom the Pope had sent from his own chapel to Madrid that he might cure the King's melancholy by the sweetness of his voice, she took out of her hair the beautiful white rose, and partly for a jest and partly to tease the Camarera, threw it to him across the arena with her sweetest smile, he took the whole matter quite seriously, and pressing the flower to his rough coarse lips he put his hand upon his heart, and sank on one knee before her, grinning from ear to ear, and with his little bright eyes sparkling with pleasure.</p>	<p>Não podia desviar dela os olhos e parecia somente dançar para ela. Quando, ao terminar sua dança, lembrando-se de ter visto as grandes damas da corte atirarem ramos a Caffarelli, o famoso soprano italiano, que o Papa tinha enviado de sua própria capela a Madri para tentar curar a melancolia do rei com a doçura de sua voz, arrancou ela de seus cabelos a bela rosa branca, e atirou-a, em parte por zombaria e em parte para fazer à camareira, à arena, com seu mais doce sorriso, o Anãozinho, tomando isso completamente a sério e apertando a flor com seus rudes e ásperos lábios, pôs a mão sobre o coração e dobrou um joelho diante dela, fazendo caretas de orelha a orelha, com seus olhinhos brilhantes de prazer.</p>
--	--

## TRECHO 2 – TRADUÇÃO 2

No tocante à extensão, a Tradução 2 apresenta diferenças em relação ao original, pois, ainda que pareça insignificante, houve modificação na pontuação no início do trecho.

A sequência das informações, ou seja, da narrativa, é coincidente na tradução e no original, embora exista em determinadas partes do trecho em questão o deslocamento de alguns elementos internos que configuram uma reorganização simples do ponto de vista morfosintático, mas que não pode ser, por essa razão, considerada quebra da sequência de fatos narrados: trata-se, antes, de acomodações de cunho morfosintático e estilístico.

Todos os adjetivos do original encontram-se também na tradução, não tendo havido qualquer tipo de simplificação. Notamos também que o tradutor 2 retomou o substantivo ao qual se referia a ação de lembrar-se de ver as damas jogando rosas ao tenor, no caso, a própria Infanta, em: “lembrando-se de ter visto as grandes damas da corte atirarem ramos a Caffarelli, [...], arrancou ELA de seus cabelos a bela rosa branca, e atirou-a, [...], à arena”.

Em relação ao número de palavras, o original possui 142 palavras, e a Tradução 2, 128, uma diferença de 14 palavras. Sendo assim, podemos dizer que o tradutor fez modificações a serem consideradas no texto no que tange ao sentido, porém percebemos que a extensão do trecho, no que se refere ao número de palavras, foi apenas parcialmente modificada.

## Trecho 2 – Tradução 3

<p>He could not keep his eyes off her, and seemed to dance for her alone, and when at the close of the performance, remembering how she had seen the great ladies of the Court throw bouquets to Caffarelli, the famous Italian treble, whom the Pope had sent from his own chapel to Madrid that he might cure the King's melancholy by the sweetness of his voice, she took out of her hair the beautiful white rose, and partly for a jest and partly to tease the Camarera, threw it to him across the arena with her sweetest smile, he took the whole matter quite seriously, and pressing the flower to his rough coarse lips he put his hand upon his heart, and sank on one knee before her, grinning from ear to ear, and with his little bright eyes sparkling with pleasure.</p>	<p>Não conseguia manter os olhos longe dela, parecendo dançar apenas para ela, e ao final da apresentação, ao lembrar de que ela havia visto as grandes damas da Corte atirarem ramalhetes para Caffarelli, o famoso menino soprano italiano, a quem o Papa enviara da sua própria capela à Madri, para que curasse a melancolia do Rei com a doçura da sua voz, tirou dos cabelos a bela rosa branca e, parte por gracejo e parte para provocar a <i>Camerera</i>, atirou-a para ele do outro lado da arena com o seu sorriso mais doce. Ele levou o assunto completamente a sério e apertando a flor nos lábios toscos e grossos, colocou a mão sobre seu coração, e deitou-se sobre um dos joelhos diante dela, sorrindo de orelha a orelha com seus olhinhos brilhantes a faiscar com prazer.</p>
--	---

## TRECHO 2 – TRADUÇÃO 3

No tocante à extensão, a Tradução 3 apresenta apenas uma quebra do período, que se dá pelo ponto final antes de “Ele levou o assunto completamente a sério [...]”.

A sequência das informações, ou seja, da narrativa, é coincidente na tradução e no original.

A tradutora fez acréscimos de substantivos. No texto original não há o vocábulo “menino” para se referir a Caffarelli: “the famous Italian treble”. Em sua tradução, todavia, Luciana Salgado retoma da seguinte maneira: “o famoso menino soprano italiano”.

Em relação ao número de palavras, o original possui 142 palavras, e a Tradução 3, 136. Sendo assim, a extensão foi mantida, haja vista a diferença de apenas seis vocábulos.

### **TRECHO 3**

#### Trecho 3 – Tradução 1

<p>Even the red Geraniums, who did not usually give themselves airs, and were known to have a great many poor relations themselves, curled up in disgust when they saw him, and when the Violets meekly remarked that though he was certainly extremely plain, still he could not help it, they retorted with a good deal of justice that that was his chief defect, and that there was no reason why one should admire a person because he was incurable; and, indeed, some of the Violets themselves felt that the ugliness of the little Dwarf was almost ostentatious, and that he would have shown much better taste if he had looked sad, or at least pensive, instead of jumping about merrily, and throwing himself into such grotesque and silly attitudes.</p>	<p>Até os Gerânios vermelhos, que não costumavam ser esnobes e eram conhecidos por ter um bom número de amigos pobres, encolheram-se de aversão ao vê-lo, e quando as Violetas timidamente comentaram que ele, embora com certeza fosse muito sem graça, não podia fazer nada a respeito, os gerânios responderam com boa dose de razão que aquela era justamente sua principal falha e que não havia motivo para se admirar uma pessoa por ser incorrigível; e, de fato, algumas das Violetas achavam que o Anãozinho quase fazia ostentação de sua feiura e que seria melhor se procurasse se mostrar triste, ou pelo menos pensativo, em vez de ficar saltando por ali feliz da vida e se permitindo atitudes tão grotescas e tolas.</p>
--	---

### TRECHO 3 – TRADUÇÃO 1

No tocante à extensão, a Tradução 1 apresenta as mesmas características do original, ou seja, não houve qualquer reformulação de período que afetasse a extensão do trecho em relação à pontuação. Importante ressaltar, inclusive, que o tradutor manteve o ponto e vírgula presente também na obra de Wilde, embora tenhamos advertido, no início deste capítulo, que a manutenção de pontuação é algo raro, uma vez que muito peculiar em sistemas linguísticos diversos.

A sequência de informações, ou seja, da narrativa, é coincidente na tradução e no original.

Todos os adjetivos do original encontram-se também na tradução, não tendo havido qualquer tipo de simplificação ou adjetivação (acréscimo). Na tradução, porém, Gil Reyes decide retomar um substantivo (gerânios) quando no texto fonte tem-se a retomada dessa informação apenas por meio de um pronome pessoal (They) em: “quando as Violetas timidamente comentaram que ele, embora com certeza fosse muito sem graça, não podia fazer nada a respeito, **OS GERÂNIOS** responderam com boa dose de razão”, quando no original tem-se “when the Violets meekly remarked that though he was certainly extremely plain, still he could not help it, **THEY** retorted with a good deal of justice”.

Em relação ao número de palavras, o original possui 129 palavras, e a Tradução 1, 121 palavras. Sendo assim, percebemos que a extensão do trecho, no que se refere ao número de palavras, foi mantida, haja vista a diferença de apenas oito vocábulos.

## Trecho 3 – Tradução 2

<p>Even the red Geraniums, who did not usually give themselves airs, and were known to have a great many poor relations themselves, curled up in disgust when they saw him, and when the Violets meekly remarked that though he was certainly extremely plain, still he could not help it, they retorted with a good deal of justice that that was his chief defect, and that there was no reason why one should admire a person because he was incurable; and, indeed, some of the Violets themselves felt that the ugliness of the little Dwarf was almost ostentatious, and that he would have shown much better taste if he had looked sad, or at least pensive, instead of jumping about merrily, and throwing himself into such grotesque and silly attitudes.</p>	<p>Até os Gerânios vermelhos, que não costumavam dar-se ares e eram conhecidos por seus numerosos parentes pobres, eriçaram-se de desgosto ao vê-lo e, quando as Violetas observaram mansamente que, se ele era na verdade extraordinariamente vulgar, não tinha a culpa disso, nem podia dar-lhe remédio, replicaram-lhe com muita justiça que êsse era o principal defeito dele e que o ser isto incurável não era motivo para causar espanto a ninguém; e, realmente, algumas Violetas pensaram que a fealdade do Anãozinho era quase jactância e que teria revelado muito melhor gosto adotando um ar triste, ou pelo menos pensativo, em lugar de andar pulando alegremente e fazer ademanos tão grotescos e estúpidos.</p>
--	--

### TRECHO 3 – TRADUÇÃO 2

No tocante à extensão, a Tradução 2 apresenta as mesmas características do original, ou seja, não houve qualquer reformulação de período que afetasse a extensão do trecho em relação à pontuação. Vale notar que Oscar Mendes também manteve o ponto e vírgula presentes no texto fonte.

A sequência das informações, ou seja, da narrativa, é coincidente na tradução e no original.

Todos os adjetivos do original encontram-se também na tradução, não tendo havido qualquer tipo de simplificação. Oscar Mendes opta por alguns acréscimos em seu texto, como em “e, quando as Violetas observaram mansamente que, se ele era na verdade extraordinariamente vulgar, não tinha a culpa disso, nem podia dar-lhe remédio”, correspondente a “and when the Violets meekly remarked that though he was certainly extremely plain, still he could not help it”. Ele descreveu mais detalhadamente o sentido de “still he could not help it”, redigindo “não tinha a culpa disso, nem podia dar-lhe remédio”.

Em relação ao número de palavras, o original possui 129 palavras, e a Tradução 2, 111 palavras. Há, portanto, disparidade entre o número de palavras do trecho original e da Tradução 2. Assim, podemos dizer que não houve coincidência na extensão deste trecho entre original e Tradução 2, haja vista a diferença de 18 vocábulos.

## Trecho 3 – Tradução 3

<p>Even the red Geraniums, who did not usually give themselves airs, and were known to have a great many poor relations themselves, curled up in disgust when they saw him, and when the Violets meekly remarked that though he was certainly extremely plain, still he could not help it, they retorted with a good deal of justice that that was his chief defect, and that there was no reason why one should admire a person because he was incurable; and, indeed, some of the Violets themselves felt that the ugliness of the little Dwarf was almost ostentatious, and that he would have shown much better taste if he had looked sad, or at least pensive, instead of jumping about merrily, and throwing himself into such grotesque and silly attitudes.</p>	<p>Até mesmo os Gerânios vermelhos, que não costumavam dar-se a ares de importância, sendo conhecidos pelo grande número de parentes pobres, enrolaram-se de aversão quando o viram, e quando as Violetas humildemente observaram que embora ele fosse com certeza extremamente sem graça, nada podia ser feito a respeito, replicaram com boa parte de razão que aquele era o seu principal defeito e não havia razão para alguém admirar uma pessoa por ela ser incurável; e, de fato, algumas Violetas sentiram que a feiúra de Anãozinho era quase ostentação e que ele demonstraria um melhor bom gosto se ele parecesse triste, ou pelo menos pensativo, ao invés de pular alegremente, lançando-se em tais atitudes estúpidas e grotescas.</p>
--	---

### TRECHO 3 – TRADUÇÃO 3

No tocante à extensão, a Tradução 3 apresenta as mesmas características do original, ou seja, não houve qualquer reformulação de período que afetasse a extensão do trecho em relação à pontuação. Luciana Salgado também faz uso da mesma pontuação do texto original (o ponto e vírgula já observado, inclusive, nas outras duas traduções do mesmo trecho aqui analisadas).

A sequência das informações, ou seja, da narrativa, é coincidente na tradução e no original.

Todos os adjetivos do original encontram-se também na tradução, não tendo havido qualquer tipo de simplificação ou adjetivação. Poderíamos até mesmo dizer que, de algum modo, a tradutora é uma das que mais aproxima seu texto do original, pois, diferente dos outros dois tradutores anteriormente analisados, ela não faz uso de acréscimos (apostos explicativos ou expansão de sentido), e nem modificações de elementos constantes no texto original em sua tradução.

Em relação ao número de palavras, o original possui 129 palavras, e a Tradução 3, 115 palavras. A extensão manteve-se parcialmente, haja vista a diferença de 14 vocábulos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para iniciar a conclusão do presente trabalho, trarei aqui um breve resumo das concepções dos autores em que nos fundamentamos.

Em primeiro lugar, convém dizer que não existe uma tradução que se considere mais correta que outra. Existem, contudo, escolhas durante o processo tradutório que influenciam o produto, dando a cada tradução uma característica única, diversa de outras traduções do mesmo texto. Uma tradução mais simples de um texto (original) escrito num estilo muito rebuscado, com muitas figuras de linguagem, muitas inversões, arcaísmos etc., que privilegie sobretudo o conteúdo, desatrelando-o da forma, certamente não conseguirá refletir o estilo de seu original e, a depender do critério de julgamento, poderá ser considerada, pela crítica, uma tradução ruim.

Na maioria das vezes em que se trata de traduções literárias, apoiados no que apresentamos no Capítulo 2, é possível afirmar que se busca “recriar” a complexidade do texto original, o que se confirmou também na prática, cujos exemplos são apresentados no Capítulo 3. As traduções literárias, uma vez produzidas para serem eternizadas em publicações que poderão ser apreciadas por diversas gerações, devem seguir certos padrões que lhes confirmam certo grau de proximidade com o original, ou, na verdade, parecem dever substituir a obra original para seu novo público leitor.

É necessário ter em mente também que, ao traduzirmos, primeiro somos leitores que tivemos uma recepção daquele texto, ou seja, contemplamos o texto com a nossa bagagem, nossa visão de mundo, e como tal, ao traduzirmos, também tendemos a imprimir as nossas experiências de leitores em nosso texto. Entretanto, a participação de nossas experiências na tradução não deve desfigurar o formato do original, a não ser que seja esta a proposta. Nesta linha de raciocínio, a tradução de um poema deve resultar em um poema, a de um conto em um conto, e assim por diante.

O foco da tradução literária, num primeiro momento, está no próprio produto, ou seja, no texto propriamente dito. As análises que fizemos mostraram que as

traduções selecionadas estão em consonância com os princípios teóricos dos autores que serviram de fundamento a nosso capítulo teórico (Capítulo 2).

Apresentamos abaixo alguns quadros seguidos por um resumo das análises dos trechos:

Tradução 1 – Gil Reyes (2018)			
	Trecho 1	Trecho 2	Trecho 3
Extensão do período:	Mantida	Mantida	Mantida
Sequência de informações:	Coincide	Coincide	Coincide
Adjetivação ou simplificação:	Poucas omissões	–	–
Manutenção de N° de palavras:	TOTAL (6-)	TOTAL (9-)	TOTAL (8-)

De modo geral, podemos afirmar que a Tradução 1 foi a mais consonante com os preceitos teóricos explorados no Capítulo 2. O tradutor, Gil Reyes, manteve os períodos longos; a sequência de informações apresentadas; os adjetivos e demais itens textuais descritivos; e a quantidade de palavras foi praticamente a mesma.

Tradução 2 – Oscar Mendes (1986)			
	Trecho 1	Trecho 2	Trecho 3
Extensão do período:	Mantida	Quebra	Mantida
Sequência de informações:	Coincide	Coincide, apesar de haver reorganizações morfosintáticas	Coincide
Adjetivação ou simplificação:	–	–	Acréscimos de informações
Manutenção de N° de palavras:	PARCIAL (13-)	PARCIAL (14-)	Ñ HOUVE (18-)

A Tradução 2, por outro lado, teve grande disparidade no número de palavras em relação ao esperado. A sequência das informações foi mantida em todos os casos, havendo apenas reorganizações morfosintáticas em um dos trechos analisados. Oscar Mendes, o tradutor, também optou por fazer uma quebra do período no mesmo trecho em que fez uso das reorganizações, além de ter acrescentado informações ao longo de sua tradução.

Tradução 3 – Luciana Salgado (2013)			
	Trecho 1	Trecho 2	Trecho 3
Extensão do período:	Mantida	Quebra	Mantida
Sequência de informações:	Coincide	Coincide	Coincide
Adjetivação ou simplificação:	–	Acréscimos de substantivo	–
Manutenção de N° de palavras:	TOTAL (9+)	TOTAL (6-)	PARCIAL (14-)

Por fim, as análises da Tradução 3 nos mostram que Luciana Salgado manteve a extensão dos períodos longos de Wilde na maioria dos trechos, além de seguir a sequência de informações. Em relação à quantidade de palavras, a tradutora se afastou um pouco no último trecho analisado, e foi a única que superou o número em relação ao trecho original em uma das passagens. Digno de nota é o fato de que ela não extrapola a quantidade de vocábulos no trecho em que cresce um substantivo.

Vale ainda ressaltar que, como dito anteriormente, acreditávamos que, devido à língua portuguesa ser uma língua analítica, as traduções consequentemente teriam um maior número de palavras em relação ao texto original. Porém não foi o que observamos com as análises, pois, apenas em um dos nove casos houve quantidade maior de palavras na tradução para o português.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Benedito. Notas sobre a tradução literária. **Alfa**, São Paulo, v. 35, 1-10, 1991.
- BRITTO, Paulo Henriques. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. 157 p.
- BURGESS, Anthony. **A Literatura Inglesa**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996. 312 p.
- DELILLE, Karl Heinz et al. **Problemas da Tradução Literária**. Coimbra: Livraria Almedina, 1986.
- GARCÍA YEBRA, Valentín. **En torno a la traducción: teoría, crítica, historia**. Madrid: Gredos, 1983. 382 p.
- LANDERS, Clifford E. **Literary translation: a practical guide**. Clevedon; Buffalo; Toronto; Sydney: Multilingual Matters, 2001. 214 p.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich; POLL, Margarete von Mühlen; BRAIDA, Celso R.; FURLAN, Mauri. Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens / Sobre os diferentes métodos de tradução / Sobre os diferentes métodos de traduzir / Dos diferentes métodos de traduzir. **Scientia Translationis**, [S.L.], n. 9, p. 3-70, 11 jul. 2011. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/1980-4237.2011n9p3>. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237.2011n9p3/18329>>. Acesso em: 29 maio 2019.
- TAVARES, Ana Cristina; LOPES, José Manuel. Prolegómenos a um Esquema Analítico Para a Crítica de Traduções Literárias. **Babilónia: Revista Lusófona de Línguas, Culturas e Tradução**, Lisboa, v. 3, n. 2, p.81-90, mar. 2005. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/561/56100307.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2016.
- VENUTI, Lawrence. **The Translator's Invisibility: a history of translation**. Londres; Nova Iorque: Routledge, 1995. 356 p.
- WILDE, Oscar. **O Aniversário da infanta = The Birthday of Infanta**. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2018. 72 p. (Coleção Folha. Inglês com clássicos da literatura; v. 3). [tradução: Gil Reyes]. - Ed. bilíngue.
- WILDE, Oscar. **Contos Completos**. São Paulo: Landmark, 2013. 288 p. Tradução, prefácio e notas de: Luciana Salgado.
- WILDE, Oscar. **Obra Completa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. 1472 p. Organizada, traduzida e anotada por: Oscar Mendes.
- WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. São Paulo: Abril, 2010. 304 p. (Clássicos Abril Coleções; v. 4). Tradução de: José Eduardo Ribeiro Moretzsohn.

## ANEXOS

Anexo I – Tradução do conto *The Birthday of the Infanta*, por Gil Reyes, Folha de S. Paulo.

### FOLHA DE S.PAULO

**Coleção Folha Inglês com Clássicos da Literatura** © 2018, Kontenut.  
Todos os direitos reservados.

**Coordenação e organização**  
Folha de S.Paulo | Diretoria Executiva de Circulação

#### O Aniversário da Infanta

**Título original**  
*The Birthday of Infanta*  
Uma obra de Oscar Wilde

**Tradução** Gil Reyes

**Preparação e coordenação da revisão** Ana Luisa Astiz / AA Studio

**Revisão de notas e notas adicionais** Isabella Spangler / AA Studio

**Revisão geral** Juliana Caldas / AA Studio

**Curadoria** Manuel da Costa Pinto

**Projeto gráfico da capa, miolo e diagramação** Ana Maria Romero e Ana Marques

**Ilustração da capa** © Weberson Santiago

**ISBN da coleção:** 978-85-93876-63-9  
**ISBN do volume 3:** 978-85-93876-66-0

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

W672a

Wilde, Oscar, 1854-1900.  
O Aniversário da infanta = *The Birthday of Infanta* / Oscar Wilde;  
[tradução: Gil Reyes]. – Ed. bilingue. – São Paulo : Folha de S.Paulo, 2018.  
72 p. ; 21 cm. – (Coleção Folha. Inglês com clássicos da literatura ; v. 3)

Texto em português, com tradução paralela em inglês.

ISBN 978-85-93876-63-9 (coleção completa).  
ISBN 978-85-93876-66-0 (volume 3).

1. Ficção irlandesa. I. Reyes, Gil. II. Título.  
III. Título: *The birthday of infanta*. IV. Série.

CDD – Ir823

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Lioara Mandoju CRB-7 5331

Impresso no Brasil por RR Donnelley

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio, sem a permissão expressa e por escrito da Publifolha Editora Ltda.



© Shutterstock

## The Birthday of the Infanta

### O Aniversário da Infanta

O Aniversário da Infanta

*À esposa de William H. Grenfell de Tappow Court – lady Desborough*

Era o aniversário da Infanta. A menina tinha apenas 12 anos, e o sol brilhava nos jardins do palácio.

Embora fosse uma Princesa de verdade e Infanta da Espanha, comemorava o aniversário apenas uma vez por ano, como os filhos das pessoas mais pobres; portanto, era naturalmente muito importante para o país inteiro que naquele dia fizesse um tempo magnífico para a ocasião. E de fato fazia um dia lindo. As esbeltas tulipas raídas, retinhas em seus caules como longas fileiras de soldados, lançavam pela relva um olhar desafiador às rosas e diziam:

– Somos agora tão esplêndidas quanto vocês.

Borboletas púrpura esvoaçavam por ali com pozinho dourado nas asas, visitando flor por flor; pequenas lagartixas saíam pelas frestas dos muros e deitavam sob a claridade do sol; romãs rachavam e estalavam com o calor, exibindo seus corações vermelhos sangrando. Até os limões amare-

The Birthday of the Infanta

*To Mrs.<sup>1</sup> William H. Grenfell of Tappow Court – Lady Desborough*

It was the birthday of the Infanta.<sup>2</sup> She was just twelve years of age, and the sun was shining brightly in the gardens of the palace.

Although she was a real Princess and the Infanta of Spain, she had only one birthday every year, just like the children<sup>3</sup> of quite poor people, so it was naturally a matter of great importance to the whole country that she should have a really fine day for the occasion. And a really fine day it certainly was. The tall striped tulips stood straight up upon their stalks,<sup>4</sup> like long rows of soldiers, and looked defiantly across the grass at the roses, and said: "We are quite as splendid as you are now." The purple butterflies fluttered about with gold dust on their wings, visiting each flower in turn; the little lizards crept out of the crevices of the wall, and lay basking in the white glare; and the pomegranates split and cracked with the heat, and showed their bleeding red hearts. Even the pale yellow lemons, that hung

<sup>1</sup> Mrs. William H. Grenfell – o termo Mrs. (senhora), empregado para se referir a mulheres casadas, é comumente usado antes do sobrenome ou do nome completo da mulher. Entretanto, principalmente no passado, costumava vir antes do nome do marido, para se referir à esposa, como é o caso aqui.

<sup>2</sup> Infanta – infante ou infanta era o título dado a todos os filhos do rei da Espanha e de Portugal; o primeiro termo era usado para os filhos, o segundo para as filhas ou para a mulher de um infante. A partir do renado de João I de Castela (1379-1390) começou a se difundir o uso de se atribuir ao primogênito destinado ao trono o título de Príncipe de Astúrias.

<sup>3</sup> children – a palavra child (bem como sua forma plural, children) pode ser usada para se referir tanto a crianças no geral (children like to play hide-and-seek, crianças gostam de brincar de esconde-esconde) quanto ao filho ou à filha de alguém, como é o caso aqui (they like to take their children to the park, eles gostam de levar os filhos ao parque).

<sup>4</sup> stalks – o termo stalk (onde -alk é pronunciado como em walk) significa "caule", "haste", e é sinônimo de stem. Para descrever uma flor (flower) pode-se falar em leaves (folhas, no singular leaf), bud (broto) e petals (pétalas), mas também, usando uma linguagem mais específica, em corolla (corola), stamens (estames) e pistils (pistilos). Como parece evidente, esses termos botânicos, derivando das línguas clássicas, geralmente são similares aos do português.

lo-claros, pendendo em profusão das treliças mofadas ao longo das arcadas escuras, pareciam ter uma cor mais rica sob aquele sol radiante, e as árvores de magnólias abriam suas grandes flores como globos de marfim em camadas, enchendo o ar de um denso perfume adocicado.

A Princesinha andava para cima e para baixo do terraço com seus companheiros e brincava de esconde-esconde em volta dos vasos de pedra e das antigas estátuas cobertas de musgo. No dia a dia, só tinha permissão de brincar com crianças que tinham o mesmo status, portanto brincava sempre sozinha, mas seu aniversário era uma exceção, e o Rei autorizara que convidasse os amigos que quisesse para que se divertissem com ela. Havia uma graça majestosa naqueles espanhoizinhos magros correndo

in such profusion from the mouldering trellis and along the dim arcades, seemed to have caught a richer colour<sup>7</sup> from the wonderful sunlight, and the magnolia trees opened their great globe-like blossoms of folded ivory, and filled the air with a sweet heavy perfume.

The little Princess herself walked up and down the terrace with her companions, and played at hide and seek<sup>8</sup> round the stone vases and the old moss-grown statues. On ordinary days she was only allowed<sup>9</sup> to play with children of her own rank, so she had always to play alone, but her birthday was an exception, and the King had given orders that she was to invite<sup>10</sup> any of her young friends whom<sup>11</sup> she liked to come and amuse themselves with her. There was a stately grace about these slim Spanish

<sup>7</sup> **richer colour** – o adjetivo *rich* pode ser usado não só para qualificar pessoas e instituições, indicando a posse de grande quantidade de dinheiro e/ou bens (*her parents are very rich*, seus pais são muito ricos), mas também para descrever cores, sendo, neste último caso, sinônimo de “vivo”, “vibrante” (*they chose rich colors for the walls*, eles escolheram cores vivas para as paredes). O adjetivo também pode indicar que algo existe em grande quantidade (*I like to eat fruit because they are rich in vitamins*, gosto de comer frutas porque elas têm muitas vitaminas).

<sup>8</sup> **hide and seek** – que também se escreve *hide-and-seek* ou *hide-and-go-seek* no inglês americano, é uma locução que designa o jogo de esconde-esconde. O verbo *to hide* em inglês significa “esconder” (*there was a bottle of whiskey hidden behind a stack of books*, havia uma garrafa de uísque escondida atrás de uma pilha de livros), e *to seek* significa “procurar” (*to seek shelter for the night*, procurar abrigo para a noite).

<sup>9</sup> **she was only allowed** – o verbo *to allow* é sinônimo de *to permit* e pode ser seguido por um objeto direto e um infinitivo (*she doesn't allow her friends to smoke in her room*, ela não permite que seus amigos fumem no quarto dela). Se não há um objeto direto exposto, o verbo é seguido pela forma *em -ing* (*she doesn't allow smoking in her room*, ela não permite que se fume no quarto dela). *To allow* é muito usado nas frases passivas (*smoking is not allowed in this room*, não se permite fumar neste quarto; *Lucy is not allowed to go out at night*, Lucy não tem permissão de sair à noite).

<sup>10</sup> **she was to invite** – o verbo *to be* seguido por um infinitivo (*I am to... she was to...*) é usado para falar de programas ou projetos futuros, especialmente quando oficiais ou em um contexto formal (*the president is to visit Australia next week*, o presidente deverá visitar a Austrália na próxima semana), para descrever ações que estão destinadas a acontecer (*they parted, but they were to meet again in the future*, eles se separaram, mas ainda deverão se encontrar de novo no futuro), para dar ordens (*you are to be back by ten*, você tem que estar de volta às dez) – neste caso *to be to* é quase sinônimo de *to have to* – ou então, em uma frase hipotética, para exprimir uma eventualidade muito provável (*if they were to ask me, I would say yes*, se eles me perguntarem, vou dizer que sim).

<sup>11</sup> **whom** – pronome do caso objetivo de *who*. Este último é usado como sujeito com referência a pessoas (*where's the boy who was here a moment ago?*, onde está o rapaz que estava aqui agora mesmo?). Quando o pronome relativo tem função de objeto direto, em um estilo formal e correto usa-se *whom* (*where's the boy whom we saw a moment ago?*, onde está o rapaz que vimos há um momento?), mas com muita frequência o pronome é omitido (*where's the boy we saw a moment ago?*) ou então, especialmente em estilo informal, usa-se impropriamente *who*.

10

por ali, os meninos com chapéus de longas plumas e capas curtas esvoaçantes, as meninas segurando a cauda dos vestidos compridos de brocado e protegendo os olhos do sol com seus imensos leques negros e prateados. Mas a Infanta era a mais graciosa de todas, quem se vestia com mais bom gosto, seguindo a moda um pouco incômoda daqueles dias. Sua roupa era de cetim cinza, com a saia e as amplas mangas bufantes cheias de bordados de prata, e o rígido corpete guarnecido por fileiras de preciosas pérolas. Dois sapatinhos com grandes enfeites de flores cor-de-rosa espia-vam por debaixo de seu vestido a cada passo que ela dava. Também rosa e perolado era seu grande leque de gaze, e no cabelo, que como uma auréola de ouro desluzido destacava-se espetado em volta de seu rostinho pálido, ostentava uma linda rosa branca.

De uma janela do palácio, o Rei, triste e melancólico, observava-os. Atrás dele estava seu irmão, Dom Pedro de Aragão, que ele odiava, e, sentado ao lado, seu confessor, o Grande Inquisidor de Granada. O Rei estava mais triste ainda que de hábito, pois ao ver a Infanta fazendo reverências com travessa solenidade aos cortesãos reunidos, ou rindo atrás do leque para a carrancuda Duquesa de Albuquerque, que sempre a acompanhava, pensava na jovem Rainha, mãe da menina, que pouco tempo antes – assim lhe parecia – viera das alegres terras da França definir no sombrio esplendor da Corte espanhola, morrendo apenas seis meses após o nascimento da filha, antes de poder ver as amendoeiras florescerem duas vezes no pomar ou colher os frutos do segundo ano da velha figueira nodosa que se erguia no meio daquele pátio de relva alta. Tão grande amor

12

children as they glided about, the boys with their large-plumed hats and short fluttering cloaks, the girls holding up the trains of their long brocaded gowns, and shielding the sun from their eyes with huge fans of black and silver. But the Infanta was the most graceful of all, and the most tastefully attired, after the somewhat cumbersome<sup>12</sup> fashion of the day. Her robe was of grey satin, the skirt and the wide puffed sleeves heavily embroidered with silver, and the stiff corset studded with rows of fine pearls. Two tiny slippers with big pink rosettes peeped out<sup>13</sup> beneath her dress as she walked. Pink and pearl was her great gauze fan, and in her hair, which like an aureole of faded gold stood out stiffly round her pale little face, she had a beautiful white rose.

From a window in the palace the sad melancholy King watched them. Behind him stood his brother, Don Pedro of Aragon, whom he hated, and his confessor, the Grand Inquisitor of Granada, sat by his side. Sadder even than usual was the King, for as he looked at the Infanta bowing with childish gravity to the assembling courtiers, or laughing behind her fan at the grim Duchess of Albuquerque who always accompanied her, he thought of the young Queen, her mother, who but a short time before – so it seemed to him – had come from the gay<sup>14</sup> country of France, and had withered away in the sombre splendour of the Spanish Court, dying just six months after the birth of her child, and before she had seen the almonds blossom twice in the orchard, or plucked the second year's fruit from the old gnarled fig-tree that stood in the centre of the now grass-grown courtyard. So great had been his love for her that he

<sup>12</sup> **cumbersome** – adjetivo em desuso na linguagem moderna, onde é sempre substituído por *cumbersome*. Pode significar “carinhoso”, “incômodo” (acepção em que é empregado no texto) ou, ainda, “desnecessariamente complicado”.

<sup>13</sup> **peeped out** – *to peep out* é um phrasal verb que significa “espionar”, “despontar”. É formado a partir do verbo *to peep* (espionar, olhar escondido). A preposição *out* enfatiza que se está fazendo algo a partir de dentro (*the sun peeped out from behind the clouds*, o sol espia-va [ou despontava] por trás das nuvens).

<sup>14</sup> **gay** – no passado, o adjetivo era sinônimo de “alegre”, “contente”, sentido no qual é empregado no texto. A palavra só passou a ser usada para se referir a homossexuais no século XX.

11

13

sentia por ela que sequer suportara que o túmulo a ocultasse. Fora embalsamada por um médico mouro, que, como paga pelo serviço, teve poupada sua vida, à qual já perdera o direito para o Santo Ofício, segundo diziam, por heresia e suspeita de práticas mágicas, e o corpo dela jazia ainda em sua urna forrada de tapeçaria, na capela de mármore negro do Palácio, do jeito que os monges a haviam trazido naquele tempestuoso dia de março, há quase doze anos. Uma vez por mês, o Rei, enrolado numa capa escura e com uma lanterna de luz tênue na mão, entrava e se ajoelhava ao lado dela, chamando, “*Mi reina! Mi reina!*”, e, às vezes, quebrando a etiqueta formal que na Espanha rege cada ato na vida e impõe limites até para a dor de um Rei, agarrava as pálidas mãos dela, cheias de joias, numa desvairada agonia pesarosa, e tentava, com seus loucos beijos, acordar o frio rosto pintado.

Hoje tinha a impressão de vê-la de novo, como a havia visto da primeira vez no castelo de Fontainebleau, quando ele tinha apenas quinze anos de

had not suffered<sup>13</sup> even the grave to hide her from him. She had been embalmed by a Moorish physician,<sup>14</sup> who in return for this service had been granted his life, which for heresy and suspicion of magical practices had been already forfeited, men said, to the Holy Office, and her body was still lying on its tapestried bier<sup>15</sup> in the black marble chapel of the Palace, just as the monks had borne her in on that windy March day nearly twelve years before. Once every month the King, wrapped in a dark cloak and with a muffled lantern in his hand, went in and knelt by her side, calling out, “*Mi reina! Mi reina!*” and sometimes breaking through the formal etiquette that in Spain governs every separate action of life, and sets limits even to the sorrow of a King, he would clutch at the pale jewelled hands in a wild agony of grief, and try to wake by his mad kisses the cold painted face.

To-day<sup>16</sup> he seemed to see her again, as he had seen her first at the Castle of Fontainebleau, when he was but fifteen years of age, and she

<sup>13</sup> *suffered* – o verbo *to suffer* neste contexto não é usado no sentido comum de “sofrer”, “sentir dor” (*she has always suffered from headache*, ela sempre sofreu de dor de cabeça); mas sim no de “tolerar”, “suportar”, e portanto é sinônimo de *to tolerate*, *to stand*, *to bear*.

<sup>14</sup> *physician* – trata-se de um falso cognato para falantes de português, pois assemelha-se ao termo “físico”, que em inglês é chamado de *physicist* (*she lives studying mechanics, electricity and magnetism, so she decided to become a physicist*, ela gosta de estudar mecânica, eletricidade e magnetismo, então decidiu se tornar física). *Physician*, na verdade, é um médico que não faz cirurgias (*if had the flu, so I decided to see a physician who prescribed me the medicines I needed*, eu estava com gripe, então decidi consultar um médico, que me receitou os remédios de que eu precisava).

<sup>15</sup> *bier* – significa “uma funerária”, “caixão” ou também indica “catafalco”, isto é, “estado ou carinho para o atado”. Há outra palavra, com certeza mais conhecida, com a mesma pronúncia: *beer*, “cerveja”. A língua inglesa é particularmente rica em homônimos.

<sup>16</sup> *To-day* – grafia agora obsoleta que corresponde a *today* (hoje). Também *tomorrow* (amanhã) e *tonight* (hoje à noite) antes podiam ser escritos *to-morrow* e *to-night*. O “to” significava “justamente neste”.

idade e ela um pouco menos. Haviam sido formalmente prometidos em casamento naquela ocasião pelo Nuncio Apostólico, na presença do Rei da França e de toda a Corte, e ele voltara ao Escorial trazendo consigo um pequeno cacho de cabelo loiro e a memória de dois lábios infantis curvando-se para beijar-lhe a mão quando ele subia em sua carruagem. Mais tarde vieram o casamento, realizado às pressas em Burgos, pequena cidade na fronteira entre os dois países, e a grandiosa entrada triunfal em Madri, com a costumeira celebração da grande missa na Igreja de La Atocha, e um auto de fé mais solene que o usual, no qual cerca de trezentos hereges, entre eles vários ingleses, foram entregues ao braço secular para serem queimados.

Com certeza ele a amara loucamente, o que, segundo muitos, levou à ruína de seu país, então em guerra com a Inglaterra pela posse do império do Novo Mundo. Quase nunca permitira que ela ficasse longe de seus olhos; por ela, esquecera, ou parecia ter esquecido, todos os importantes assuntos de Estado; e, com aquela terrível cegueira que a paixão impõe aos seus servos, deixara de notar que as elaboradas cerimônias com as quais buscava agradá-la só serviam para agravar a estranha enfermidade da qual

still younger. They had been formally betrothed<sup>17</sup> on that occasion by the Papal Nuncio in the presence of the French King and all the Court, and he had returned to the Escorial<sup>18</sup> bearing with him a little ringlet of yellow hair, and the memory of two childish lips bending down to kiss his hand as he stepped into his carriage. Later on had followed the marriage, hastily performed at Burgos, a small town on the frontier between the two countries, and the grand public entry into Madrid with the customary celebration of high mass<sup>19</sup> at the Church of La Atocha, and a more than usually solemn *auto-da-fé* in which nearly three hundred heretics, amongst whom were many Englishmen, had been delivered over to the secular arm to be burned.

Certainly he had loved her madly, and to the ruin, many thought, of his country, then at war with England for the possession of the empire of the New World. He had hardly ever<sup>20</sup> permitted her to be out of his sight; for her, he had forgotten, or seemed to have forgotten, all grave affairs of State; and, with that terrible blindness that passion brings upon its servants, he had failed to notice that the elaborate ceremonies by which he sought to please her did but aggravate the strange malady<sup>21</sup> from which

<sup>17</sup> *betrothed* – trata-se de um termo agora pouco usado e fora de moda. *To betroth* significa “noivar” oficialmente com a pessoa prometida para o matrimônio. É composto por *be* e *truth* (que aqui corresponde a “prometida”).

<sup>18</sup> *Escorial* – El Escorial é um palácio-mosteiro nos arredores de Madri, construído por Felipe II no século XVI como residência e mausoléu do rei da Espanha. Sua estrutura imensa e austera pretendia ser um símbolo da ortodoxia católica e da grandiosidade de sua monarquia.

<sup>19</sup> *mass* – o termo aqui se refere à missa (*my catholic neighbor goes to mass on Sunday*, meu vizinho católico vai à missa no domingo), mas também pode ser empregado para se referir à quantidade de matéria de determinado corpo (*students had to calculate the object's mass during their Physics class*, os estudantes tiveram que calcular a massa do objeto durante a aula de física) ou a uma grande quantidade de pessoas ou objetos agrupados (*a mass of cyclists attended the protest*, uma massa de ciclistas foi à manifestação).

<sup>20</sup> *hardly ever* – *hardly ever* é sinônimo de *rarely*, por exemplo, *dozer I hardly ever go to the hardtresser's equals a dozer I rarely go to the hardtresser's* (raramente vou ao cabeleleiro). Quando usado sozinho, os principais significados de *hardly* são “mal”, “a duras penas” (*if hardly know him*, eu mal o conheço) ou então “dificilmente” (*they will hardly come to the party*, dificilmente virão para a festa). *Hardly* pode também ser usado para introduzir uma frase temporal, referindo-se a algo que acabou de acontecer (*I had hardly closed the door when the telephone rang*, eu mal fechara a porta quando o telefone tocou).

<sup>21</sup> *malady* – termo agora obsoleto e de derivação francesa, indica o que hoje um inglês chamaria de *illness*, *disease* ou *sickness*.

still younger. They had been formally betrothed<sup>17</sup> on that occasion by the Papal Nuncio in the presence of the French King and all the Court, and he had returned to the Escorial<sup>18</sup> bearing with him a little ringlet of yellow hair, and the memory of two childish lips bending down to kiss his hand as he stepped into his carriage. Later on had followed the marriage, hastily performed at Burgos, a small town on the frontier between the two countries, and the grand public entry into Madrid with the customary celebration of high mass<sup>19</sup> at the Church of La Atocha, and a more than usually solemn *auto-da-fé* in which nearly three hundred heretics, amongst whom were many Englishmen, had been delivered over to the secular arm to be burned.

Certainly he had loved her madly, and to the ruin, many thought, of his country, then at war with England for the possession of the empire of the New World. He had hardly ever<sup>20</sup> permitted her to be out of his sight; for her, he had forgotten, or seemed to have forgotten, all grave affairs of State; and, with that terrible blindness that passion brings upon its servants, he had failed to notice that the elaborate ceremonies by which he sought to please her did but aggravate the strange malady<sup>21</sup> from which

ela padecia. Quando ela morreu, ele ficou um tempo como que privado da razão. De fato, teria com certeza abdicado formalmente e se retirado para o grande mosteiro trapista de Granada, do qual já era Prior titular, não fosse o receio de deixar a pequena Infanta à mercê do irmão dele, cuja crueldade era notória, mesmo na Espanha, e que muitos suspeitavam que tivesse causado a morte da Rainha por meio de um par de luvas envenenadas que lhe dera de presente em uma visita dela a seu castelo em Aragão. Mesmo depois que expiraram os três anos de luto oficial que ele ordenara em todos os seus domínios por decreto real, nunca tolerou que seus ministros lhe falassem sobre novas alianças de matrimônio, e quando o próprio imperador ofereceu-lhe a mão da adorável Arquiduquesa da Boêmia, sua sobrinha, mandou os embaixadores comunicarem a seu mestre que o Rei da Espanha já havia desposado a Dor, e que, embora esta fosse uma noiva estéril, amava-a mais que a Beleza, uma resposta que custou à sua coroa as ricas províncias dos Países Baixos, que logo depois, instigadas pelo Imperador, revoltaram-se contra ele sob a liderança de alguns fanáticos da Igreja Reformada.

Toda a sua vida de casado, com suas alegrias impetuosas e apaixonadas e a terrível agonia de seu repentino fim, parecia voltar a ele agora enquanto observava a Infanta brincando no terraço. Via nela todos os adoráveis modos petulantes da Rainha, o mesmo jeito determinado de jogar a cabeça para trás, a mesma boca orgulhosa com sua bela curva, o mesmo sorriso maravilhoso – *vrai sourire de France* realmente – quando ela, vez por ou-

18

tra, erguia o olhar para a janela ou estendia sua mãozinha para que os majestosos cavalheiros espanhóis a beijassem. Mas as risadas estridentes das crianças arranhavam os ouvidos dele, a impiedosa claridade da luz do sol zombava de sua dor, e o odor molesto de estranhas essências, como as usadas pelos embalsamadores, pareciam contaminar – ou era imaginação dele? – o ar puro da manhã. Cobriu o rosto com as mãos, e quando a Infanta ergueu os olhos de novo, as cortinas já haviam sido fechadas, e o Rei se retirara.

Ela fez um pequeno *moue*<sup>24</sup> de desapontamento e deu de ombros. Com certeza ele deveria ter ficado com ela no seu aniversário.

Afinal, tanta importância assim tinham os estúpidos negócios de Estado? Ou teria ele ido àquela deprimente capela, onde as velas sempre ardiavam e onde ela nunca tinha permissão de entrar? Que tolice a dele, agora que o sol brilhava tão radiante e todos estavam tão felizes! Além disso, iria perder a encenação da tourada que o trompete já anunciava, isso para não falar do teatro de marionetes e de outras coisas maravilhosas. O tio dela e o Grande Inquisidor eram bem mais sensatos. Tinham vindo ao terraço para cobri-la de gentis elogios. Então ela ergueu bem sua linda cabeça e, pegando Dom Pedro pela mão, desceu lentamente os degraus em direção

<sup>24</sup> *Becinho*, em francês. (N. T.)

20

she suffered. When she died he was, for a time, like one bereft of reason. Indeed, there is no doubt but that he would have formally abdicated and retired to the great Trappist monastery at Granada, of which he was already titular Prior, had he not been afraid to leave the little Infanta at the mercy of his brother, whose cruelty, even in Spain, was notorious, and who was suspected by many of having caused the Queen's death by means of a pair of poisoned gloves that he had presented to her on the occasion of her visiting his castle in Aragón. Even after the expiration of the three years of public mourning<sup>22</sup> that he had ordained throughout his whole dominions by royal edict, he would never suffer his ministers to speak about any new alliance, and when the Emperor himself sent to him, and offered him the hand of the lovely Archduchess of Bohemia, his niece, in marriage, he bade the ambassadors tell<sup>23</sup> their master that the King of Spain was already wedded to Sorrow, and that though she was but a barren bride he loved her better than Beauty; an answer that cost his crown the rich provinces of the Netherlands, which soon after, at the Emperor's instigation, revolted against him under the leadership of some fanatics of the Reformed Church.

His whole married life, with its fierce, fiery-coloured joys and the terrible agony of its sudden ending, seemed to come back to him today as he watched the dplaying on the terrace. She had all the Queen's pretty petulance of manner, the same willful way of tossing her head, the same proud curved beautiful mouth, the same wonderful smile – *vrai sourire*

<sup>22</sup> *mourning* – aqui significa "luto", no sentido de "período de luto". *To wear mourning*, "vestir luto", resalta a mesma construção usada em português, assim como *to be in mourning*, "estar de luto". *Mourning* (luto) pronuncia-se exatamente como *morning* (manhã); outro dos muitos casos de homofonia da língua inglesa.  
<sup>23</sup> *he bade... tell* – *bade* é o passado do verbo *to bid*. O paradigma de *bid*, usado transitivamente no sentido de "pedir", "comprar", "mandar" ou ainda de "fazer votos de, desejar", é *to bid/bade/bidder*, enquanto o paradigma de *to bid* usado transitivamente ou intransitivamente no sentido de "oferecer", "fazer uma oferta" continua invariável: *to bid/bid/bid*. Este verbo é encontrado com frequência na expressão *bid somebody good morning/good afternoon* (desejar a alguém bom dia/boa tarde) ou na construção *to bid somebody (to) do something* (mandar alguém fazer algo).

19

*de France* indeed – as she glanced up now and then at the window, or stretched out her little hand for the stately Spanish gentlemen to kiss. But the shrill laughter of the children grated on his ears, and the bright pitiless sunlight mocked his sorrow, and a dull odour of strange spices, spices such as embalmers use, seemed to taint – or was it fancy? – the clear morning air. He buried<sup>25</sup> his face in his hands, and when the Infanta looked up again the curtains had been drawn,<sup>26</sup> and the King had retired.

She made a little *moue* of disappointment, and shrugged her shoulders.<sup>27</sup> Surely he might have stayed with her on her birthday.<sup>28</sup>

What did the stupid State-affairs matter? Or had he gone to that gloomy chapel, where the candles were always burning, and where she was never allowed to enter? How silly of him, when the sun was shining so brightly, and everybody was so happy! Besides, he would miss the sham bull-fight<sup>29</sup> for which the trumpet was already sounding, to say nothing of the puppet-show and the other wonderful things. Her uncle and the Grand Inquisitor were much more sensible. They had come out on the terrace, and paid her nice compliments. So she tossed her pretty head, and taking Don Pedro by the hand, she walked slowly down the steps

<sup>25</sup> *buried* – passado do verbo *to bury* (literalmente "enterrar"), pronuncia-se exatamente como *berry* (bagó). Aqui o termo é usado na construção típica *to bury one's face in one's hands*, "esconder (ou cobrir) o rosto entre as mãos".

<sup>26</sup> *the curtains had been drawn* – o verbo *to draw* é aqui usado como sinônimo de "fechar", por estar se referindo às cortinas, mas também pode significar "desenhar" (*the boy likes to draw houses*, o menino gosta de desenhar casas), "tirar" (*they are drawing water from the well*, eles estão tirando água do poço) ou "sorrir" (*she drew a ticket and announced the name of the winner*, ela sorteou um bilhete e anunciou o nome do vencedor).

<sup>27</sup> *shrugged her shoulders* – *to shrug one's shoulders* é uma locução que significa "dar de ombros", "encolher, sacudir os ombros"; o acréscimo de *her shoulders* é quase redundante, já que o verbo *to shrug* sozinho já dá essa ideia.

<sup>28</sup> *Surely he might have stayed...* – parece claro no contexto que essa passagem remete diretamente ao pensamento da Infanta da Espanha. A história, desde o início, é contada por um narrador externo aos fatos; no entanto, às vezes adota-se o ponto de vista de um dos personagens, que então expressa diretamente seu pensamento sem a mediação do narrador.

<sup>29</sup> *sham bull-fight* – quando usado como adjetivo, *sham* tem o mesmo sentido de falso, simulado (*sham fight*, combate simulado; *sham marriage*, casamento de fachada).

21

a um longo pavilhão de seda púrpura que havia sido montado no final do jardim, e as demais crianças foram atrás dela, seguindo rigorosamente a ordem de precedência, com as de nomes mais extensos indo à frente.

Uma procissão de garotos nobres, fantásticamente vestidos de *torreadores*, veio ao encontro dela, e o jovem Conde de Tierra-Nueva, um rapaz maravilhosamente belo de uns catorze anos de idade, descobrindo a cabeça com a graça de um *hidalgo* de nascença e nobre da Espanha, levou-a solenemente até uma cadeira pequena, decorada de ouro e marfim, disposta sobre um dossel elevado acima da arena. As crianças se agruparam, agitando os grandes leques e cochichando, e Dom Pedro e o Grande Inquisidor postaram-se junto à entrada, rindo. Até a Duquesa – ou *Camarrera-Mayor*, como a chamavam –, uma mulher magra, de feições duras, com um rufo amarelo, não parecia tão mal-humorada como de costume, e algo como um sorriso gelado passava por seu rosto enrugado e provocava contrações em seus lábios finos e lívidos.

22

Foi, sem dúvida, uma tourada maravilhosa, pensou a Infanta, e muito mais agradável que aquela de verdade que fora levada a ver uma vez em Sevilha, quando da visita do Duque de Parma ao seu pai. Alguns dos garotos faziam evoluções por ali, todos apurados em seus cavalos de pau ricamente apetrechados, brandindo longas varas com alegres flâmulas e fitas coloridas; outros iam a pé, agitando capas vermelhas à frente do touro e saltando com leveza por cima da barreira em volta da arena ao serem atacados por ele; quanto ao touro, era exatamente como um touro vivo, mas feito de vime trançado e pele esticada, e às vezes insistia em dar a volta pela arena apenas nas patas posteriores, algo que um touro de verdade nunca sonharia fazer. E também lutava de modo esplêndido, e as crianças ficavam tão excitadas que subiam em pé nos bancos e agitavam seus lençinhos de renda gritando "*Bravo toro! Bravo toro!*" com a mesma sensatez que teriam se fossem adultos. Por fim, porém, após prolongado combate, durante o qual vários dos cavalos de pau foram escornados e seus cavaleiros derrubados, o jovem Conde de Tierra-Nueva fez o touro cair de joelhos e, tendo obtido permissão da Infanta para dar o *coup de grâce*,<sup>34</sup> enfiou sua espada de madeira no pescoço do animal com tal violência que a cabeça se desprende e revelou a face risonha do pequeno *monsieur* de Lorraine, filho do Embaixador francês em Madri.

<sup>34</sup> Golpe de misericórdia, em francês. (N. T.)

24

towards a long pavilion of purple silk that had been erected at the end of the garden, the other children following in strict order of precedence, those who had the longest names<sup>30</sup> going first.

A procession of noble boys, fantastically dressed as *torreadores*, came out to meet her, and the young Count of Tierra-Nueva, a wonderfully handsome lad<sup>31</sup> of about fourteen years of age, uncovering his head with all the grace of a born *hidalgo*<sup>32</sup> and grandee of Spain, led her solemnly in to a little gilt and ivory chair that was placed on a raised dais above the arena. The children grouped themselves all round, fluttering their big fans and whispering to each other, and Don Pedro and the Grand Inquisitor stood laughing at the entrance. Even the Duchess – the *Camarrera-Mayor* as she was called – a thin, hard-featured<sup>33</sup> woman with a yellow ruff, did not look quite so bad-tempered as usual, and something like a chill smile flitted across her wrinkled face and twitched her thin bloodless lips.

<sup>30</sup> *those who had the longest names* – certamente uma referência irônica à etiqueta da corte, que previa uma ordem rigorosa de precedência segundo o status. À frente de todos, iam os filhos dos nobres (que geralmente tinham os nomes mais extensos, porque eram ornados por uma série de títulos honoríficos e denominações variadas), e depois vinham os demais.

<sup>31</sup> *lad* – o termo tem o mesmo sentido de *boy*, mas é usado principalmente no centro e no norte da Inglaterra (não sem razão os Beatles eram os *lads* from Liverpool) e com uma conotação um pouco diferente de *boy*; indica na realidade um "rapaz", um "jovem cheio de vivacidade e simpatia", com idade entre 12 e 25 anos, aproximadamente. Pronuncia-se com o mesmo som vocálico de *cat*, um som que para um brasileiro fica entre o *a* e o *e* aberto.

<sup>32</sup> *Hidalgo* – na Espanha, *hidalgo* designava um membro da pequena nobreza; o termo vem da contração de *hijo de algo*, "filho de algo", isto é, "pessoa de nascimento nobre". Corresponde em português a "fidalgão".

<sup>33</sup> *hard-featured* – em inglês é muito comum o uso de adjetivos compostos, formados por um adjetivo (neste caso, *hard*, "duro") seguido por um substantivo (*feature*, "traço", "feição"), ao qual se acrescenta o sufixo *-ed*. Essa estrutura particular, que torna a língua extremamente fêvel, é usada com frequência para indicar as partes do corpo (*long-necked*, "de pescoço comprido"; *red-faced*, "de rosto avermelhado"; *dark-haired*, "de cabelo escuro"). Em vez de recorrer a uma descrição mais longa com o uso de preposições (a woman with *hard features*, uma mulher de feições duras), a língua inglesa prefere empregar um único adjetivo anteposto ao substantivo (a *hard-featured* woman).

23

It certainly was a marvellous bull-fight, and much nicer, the Infanta thought, than the real bull-fight that she had been brought to see at Seville, on the occasion of the visit of the Duke of Parma to her father. Some of the boys pranced about<sup>35</sup> on richly-caparisoned hobby-horses brandishing long javelins with gay streamers of bright ribands attached to them; others went on foot waving their scarlet cloaks before the bull, and vaulting lightly over the barrier when he charged them; and as for the bull himself, he was just like a live bull, though he was only made of wicker-work and stretched hide, and sometimes insisted on running round the arena on his hind legs, which no live bull ever dreams of doing. He made a splendid fight of it too, and the children got so excited that they stood up upon the benches, and waved their lace handkerchiefs and cried out:<sup>36</sup> "*Bravo toro! Bravo toro!*" just as sensibly<sup>37</sup> as if they had been grown-up people. At last, however, after a prolonged combat, during which several of the hobby-horses were gored<sup>38</sup> through and through, and their riders dismounted, the young Count of Tierra-Nueva brought the bull to his knees, and having obtained permission from the Infanta to give the *coup de grâce*, he plunged his *wooden sword* into the neck of the animal with such violence that the head came right off, and disclosed the laughing face of little *Monsieur* de Lorraine, the son of the French Ambassador at Madrid.

<sup>35</sup> *pranced about* – *to prance* significa "andar ou dançar dando grandes passos", "de modo aparatoso". O verbo costuma ser seguido pela preposição *about* ou então *around* para formar um *phrasal verb* no qual a preposição acentua a ideia de movimento no espaço. Neste caso, o sentido é o de "movimentar-se, girar livremente em um quarto ou em volta de alguma coisa", frequentemente em tom de brincadeira. Já em uma frase como *he pranced into the room*, "entrou a grandes passadas no quarto", faz-se referência a um movimento numa direção precisa.

<sup>36</sup> *cried out* – embora geralmente seja empregado com o sentido de chorar, o verbo *to cry* também pode significar "guitar" (tanto para expressar tristeza, medo ou dor quanto para indicar entusiasmo), como neste caso e em algumas outras passagens do texto.

<sup>37</sup> *sensibly* – trata-se de um *hobby-horse*. Este advérbio e o adjetivo do qual deriva (*sensible*) não correspondem a "sensivelmente" e "sensível", e sim a "com bom senso", "sensato". Note-se o tom irônico que o termo assume neste contexto.

<sup>38</sup> *gored* – o verbo significa "escornar" (*he was gored by the bull during the fight*, ele foi escornado pelo touro durante o combate). O mesmo verbo pode também ser usado na acepção mais genérica de "trespassar".

25

A arena em seguida foi desimpedida em meio a muitos aplausos, e os cavalos de pau mortos foram arrastados solenemente por dois pajens mouros vestindo librê amarelo e preto, e, após um pequeno interlúdio, no qual um acrobata francês se exibiu na corda bamba, apareceram umas marionetes italianas no palco de um pequeno teatro especialmente construído para encenar a semi-clássica tragédia *Sophonisba*. Atuaram tão bem, e seus gestos eram tão naturais, que ao final da peça os olhos da Infanta estavam marejados. De fato, algumas das crianças chegaram a chorar, e tiveram que ser reconfortadas com guloseimas, e o próprio Grande Inquisidor ficou tão comovido que não conseguiu deixar de dizer a Dom Pedro o quanto lhe era difícil suportar que aquelas coisas feitas apenas de madeira e cera colorida, operadas mecanicamente por fios de arame, pudessem ser tão infelizes e enfrentar infortúnios tão terríveis.

Um malabarista africano veio a seguir, trazendo uma grande cesta rasa coberta com um pano vermelho, e depois de colocá-la no centro da arena, tirou do turbante uma curiosa flauta de bambu e se pôs a soprá-la. Em

The arena was then cleared amidst<sup>39</sup> much applause, and the dead hobby-horses dragged solemnly away by two Moorish pages in yellow and black liveries, and after a short interlude, during which a French posture-master performed upon the tight-rope, some Italian puppets appeared in the semi-classical tragedy of *Sophonisba* on the stage of a small theatre that had been built up for the purpose. They acted so well, and their gestures were so extremely natural, that at the close of the play the eyes of the Infanta were quite dim with tears. Indeed some of the children really cried, and had to be comforted with sweetmeats,<sup>40</sup> and the Grand Inquisitor himself was so affected<sup>41</sup> that he could not help saying to Don Pedro that it seemed to him intolerable that things made simply out of wood and coloured wax, and worked mechanically by wires, should be so unhappy and meet with such terrible misfortunes.

An African juggler<sup>42</sup> followed, who brought in a large flat basket covered with a red cloth, and having placed it in the centre of the arena, he took from his turban a curious reed pipe, and blew through it. In a

<sup>39</sup> *amidst* – forma literária da preposição *amid* (em meio de, entre, em meio a). É criada por analogia com preposições como *against* ou *amongst*.

<sup>40</sup> *sweetmeats* – neste composto *-meat* mantém o sentido original de “comida”, e não aquele hoje mais comum de “carne”. *Sweetmeat* é um termo datado, que indica um tipo qualquer de docinho ou guloseima, em geral com cobertura de açúcar, ou uma fruta cristalizada.

<sup>41</sup> *the Grand Inquisitor himself was so affected...* – aqui fica evidente uma das características mais típicas do estilo de Wilde: a ironia, que consegue aflorar inesperadamente mesmo no gênero da fábula.

<sup>42</sup> *African juggler* – nesta cena a corte espanhola é retratada como um ambiente povoado de personagens extravagantes; entre os diversos artistas que se exibem para esse entretenimento festivo encontramos pajens mouriscos, um acrobata francês, marionetes italianas e um malabarista africano. É provável que a o quadro colorido proposto por Wilde diga respeito principalmente ao imaginário do público inglês, que via a Espanha como um mundo distante, exótico, quase fabuloso.

poucos momentos, o pano começou a se mover, e à medida que a flauta tocava notas mais e mais agudas, duas serpentes verdes e douradas puseram para fora suas estranhas cabeças em formato de cunha e foram se erguendo devagar, oscilando para a frente e para trás ao som da música, como uma planta que ondula na água. As crianças, no entanto, ficaram muito assustadas com os capuzes sarapintados e as línguas que dardejavam lépidas e acharam muito melhor quando o malabarista fez crescer da areia uma pequena laranjeira que deu lindas florezinhas brancas e frutas de verdade; e quando pegou o leque da filhinha do Marquês de Las Torres, transformando-o num pássaro azul que voou ao redor do pavilhão e cantou, o deleite e admiração delas não teve limites. Também o solene minuetto, apresentado pelos meninos dançarinos da Igreja de Nossa Senhora do Pilar, foi encantador. A Infanta nunca havia visto essa maravilhosa cerimônia, que acontece todo ano por volta de maio diante do altar da Virgem, em seu louvor; e na realidade ninguém da família real espanhola havia entrado na grande catedral de Saragoça desde que um padre doído, que muitos supunham a soldo de Isabel da Inglaterra, tentara ministrar uma hóstia envenenada ao Príncipe de Astúrias. Portanto, ela apenas ouvira falar da “Dança de Nossa Senhora”, como era chamada, e com certeza era um belíssimo espetáculo. Os garotos usavam trajes antigos da Corte,

few moments the cloth began to move, and as the pipe grew shriller and shriller two green and gold snakes put out their strange wedge-shaped heads and rose slowly up, swaying to and fro<sup>43</sup> with the music as a plant sways in the water. The children, however, were rather frightened at their spotted hoods and quick darting tongues, and were much more pleased when the juggler made a tiny orange-tree grow out of the sand and bear pretty white blossoms and clusters of real fruit; and when he took the fan of the little daughter of the Marquess de Las Torres, and changed it into a blue bird that flew all round the pavilion and sang, their delight and amazement knew no bounds. The solemn minuet, too, performed by the dancing boys from the church of Nuestra Señora Del Pilar, was charming. The Infanta had never before seen this wonderful ceremony which takes place every year at Maytime in front of the high altar of the Virgin, and in her honour; and indeed none of the royal family of Spain had entered the great cathedral of Saragoça since a mad priest, supposed by many to have been in the pay of Elizabeth of England, had tried to administer a poisoned wafer to the Prince of the Asturias. So she had known only by hearsay<sup>44</sup> of “Our Lady’s Dance,” as it was called, and it certainly was a beautiful sight. The boys wore old-fashioned court

<sup>43</sup> *to and fro* – expressão adverbial que significa “para frente e para trás” (*the lion in the cage was walking to and fro*, o leão na jaula andava para frente e para trás). A mesma locução pode ser usada também como adjetivo (*a to-and-fro movement*, um movimento para frente e para trás) ou, numa linguagem mais coloquial, como substantivo. Existe também a forma *toing and froing* (*he lives in the countryside and complains about all his toing and froing between home and work*, ele mora no campo e se queixa de todas as suas idas e vindas entre casa e trabalho).

<sup>44</sup> *by hearsay* – “de ouvir falar”. Para se referir a alguma coisa que não seja uma informação segura mas apenas um boato, podemos usar em inglês também os termos *rumor* – *rumor* em inglês americano – (*rumour* has it that she’s pregnant and will get married soon, há boatos de que ela está grávida e vai se casar logo), *gossip* (*I’ve got no time for idle gossip*, não tenho tempo para fofocas inúteis), *speculation* (*it’s not a fact, it’s pure speculation*, não é fato, é mera especulação) ou *talk* (*it’s just talk: he’ll never leave her*, é só fofalório: ele nunca vai largar dela).

de veludo branco, e seus curiosos chapéus de três pontas eram bordejados de prata e encimados por imensos penachos de penas de avestruz, e a deslumbrante brancura de suas vestes movendo-se à luz do sol era ainda mais acentuada por seus rostos morenos e longos cabelos escuros. Todos ficaram fascinados com a sóbria dignidade com que perfaziam as intrincadas figurações da dança e com a elaborada graça de seus gestos lentos e imponentes reverências, e quando terminaram sua apresentação e tiraram seus grandes chapéus emplumados para a Infanta, ela correspondeu à reverência deles com muita cortesia e prometeu que mandaria acender um grande círio no Santuário de Nossa Senhora do Pilar como retribuição pelo prazer que lhe haviam proporcionado.

Uma trupe de belos egípcios – como eram chamados os ciganos naqueles dias – avançou pela arena, e, sentados de pernas cruzadas, em círculo, começaram a tocar suavemente suas cítaras, movendo o corpo ao som

dressess of white velvet, and their curious three-cornered hats were fringed with silver and surmounted with huge plumes of ostrich feathers,<sup>45</sup> the dazzling whiteness of their costumes, as they moved about in the sunlight, being still more accentuated by their swarthy faces and long black hair. Everybody was fascinated by the grave dignity with which they moved through the intricate figures of the dance, and by the elaborate grace of their slow gestures, and stately bows, and when they had finished their performance and doffed their great plumed hats to the Infanta, she acknowledged their reverence with much courtesy, and made a vow that she would send<sup>46</sup> a large wax candle to the shrine of Our Lady of Pilar in return for the pleasure that she had given her.

A troop of handsome Egyptians – as the gipsies were termed<sup>47</sup> in those days – then advanced into the arena, and sitting down cross-legs, in a circle, began to play softly upon their zithers, moving their bodies to the

<sup>45</sup> *plumes of ostrich feathers* – o léxico inglês é composto principalmente por elementos germânicos e latinos. Por isso, encontramos muitos sinônimos derivados dessas duas línguas, como no caso de *plume*, de origem latina, e *feather*, de origem germânica. Em geral, a palavra germânica é a mais comum, enquanto a latina é mais literária ou rebuscada e com frequência assume conotação particular. *Plume* refere-se a uma única pluma ou, com maior frequência e como neste caso, a um conjunto de plumas, um “penacho”.  
<sup>46</sup> *that she would send – would send* é a forma verbal daquilo que é definido como *future in the past*: a frase principal está no passado (*she made a vow*), enquanto a secundária indica uma ação que será concluída no futuro, mesmo que se refira a um tempo passado. As diversas formas que exprimem o futuro mudam do seguinte modo: *is going to* torna-se *was going to* (*last time I saw him he was going to leave the country for Mexico*, da última vez que o vi estava saindo do país e indo para o México), *will* torna-se *would* (*in 1984 I arrived in the city where I would meet my wife to be*, em 1984 cheguei à cidade onde iria encontrar minha futura esposa) e *is to* torna-se *was to* (*they killed the man I was to meet that day*, eles mataram o homem que eu deveria encontrar naquele dia).  
<sup>47</sup> *were termed* – como verbo, *term* é usado principalmente na forma passiva (*to be termed*) no sentido de “ser definido”, “ser chamado, denominado”. É sinônimo de *to be called*.

da música, entoando baixinho, quase num murmúrio, uma melodia de sonho. Quando viram Dom Pedro, fizeram cara feia, e alguns pareceram em pânico, pois poucas semanas antes ele mandara enforcar dois de sua tribo por feitiçaria, na praça do mercado de Sevilha; mas a linda Infanta os encantou, recostando-se na cadeira e espiando por cima do leque com seus grandes olhos azuis, e tiveram certeza de que alguém tão adorável como ela nunca poderia ser cruel com ninguém. Então continuaram tocando com delicadeza, apenas roçando de leve as cordas das cítaras com suas unhas compridas, e começaram a balançar a cabeça como quem cai de sono. De repente, com um grito tão estridente que assustou todas as crianças e fez Dom Pedro pôr a mão no cabo de ágata de sua adaga, ficaram em pé de um salto e saíram rodopiando como doidos em volta do recinto, batendo seus tamborins e cantando uma desvairada canção de amor na sua estranha língua gutural. Em seguida, a outro sinal, atiraram-se todos de novo no chão e ficaram deitados ali bem quietos, tendo o monótono dedilhar das cítaras como único som a quebrar o silêncio. Depois de fazer isso várias vezes, sumiram por um momento e voltaram trazendo por uma corrente um urso marrom todo desganhado e carregando nos ombros alguns macaquinhos berberes. O urso plantou bananeira muito compenetrado, e os macacos experientes fizeram todo tipo de truques divertidos com dois garotos ciganos que pareciam ser seus mestres, e lutaram com minúsculas espadas e dispararam armas e fizeram uma série de exercícios militares de rotina, como se fossem os guarda-costas do Rei. Os ciganos realmente fizeram muito sucesso.

tune, and humming, almost below their breath, a low dreamy air. When they caught sight of Don Pedro they scowled at him,<sup>48</sup> and some of them looked terrified, for only a few weeks before he had had two of their tribe hanged for sorcery in the market-place at Seville, but the pretty Infanta charmed them as she leaned back peeping over her fan with her great blue eyes, and they felt sure that one so lovely as she was could never be cruel to anybody. So they played on very gently and just touching the cords of the zithers with their long pointed nails, and their heads began to nod as though they were falling asleep. Suddenly, with a cry so shrill that all the children were startled and Don Pedro's hand clutched at the agate pommel of his dagger, they leapt to their feet and whirled madly round the enclosure beating their tambourines, and chanting some wild love-song in their strange guttural language. Then at another signal they all flung themselves again to the ground and lay there quite still, the dull strumming of the zithers being the only sound that broke the silence. After they had done this several times, they disappeared for a moment and came back leading a brown shaggy bear by a chain, and carrying on their shoulders some little Barbary apes. The bear stood upon his head with the utmost gravity, and the wizened apes played all kinds of amusing tricks with two gipsy boys who seemed to be their masters, and fought with tiny swords, and fired off guns, and went through a regular soldier's drill just like the King's own bodyguard. In fact the gipsies were a great success.

<sup>48</sup> *scowled at him – to scowl at somebody* significa “olhar alguém de cara feia”, “olhar torto”. É clara aqui a referência à Inquisição. Com frequência, a acusação feita aos condenados pela Inquisição era a de feitiçaria (*sorcery*), e em geral os acusados eram exatamente indivíduos pertencentes às minorias étnicas ou religiosas (judeus, muçulmanos, ciganos).

Mas a parte mais engraçada de toda aquela manhã de diversões foi sem dúvida a dança do Anãozinho. Quando ele entrou aos tropicões na arena, bamboleando com suas pernas curvadas e oscilando o cabeção disforme de um lado para o outro, as crianças explodiram num grito de prazer, e a própria Infanta riu tanto que a *Camarera* foi obrigada a lembrá-la de que, apesar de haver muitos precedentes na Espanha de uma filha do Rei chorando diante de seus iguais, não havia nenhum de uma Princesa de sangue real fazendo tanta algazarra diante daqueles que lhe eram inferiores por nascimento. O Anão, porém, era de fato irresistível, e mesmo na Corte espanhola, famosa por cultivar uma paixão pelo horrível, nunca haviam visto um monstinho tão fantástico. Foi também a primeira aparição dele. Fora descoberto no dia anterior, correndo livre pela floresta, por dois nobres que estavam caçando numa parte remota do grande bosque de sobreiros que rodeava a cidade, e os dois o trouxeram ao palácio como uma surpresa para a Infanta; o pai dele, um pobre carvoeiro, ficou feliz em se livrar de um filho tão feio e inútil. Talvez o mais divertido no Anãozinho fosse sua total falta de consciência da própria aparência grotesca.

34

Na realidade, parecia muito feliz e animado. Quando as crianças riam, ele ria tão à vontade e de forma tão contente quanto qualquer uma delas, e no final de cada dança fazia-lhes as mais cômicas reverências, sorrindo e assentindo com a cabeça, como se fosse de fato um deles, e não uma coisinha disforme que a Natureza, por alguma disposição humorística, moldara para que os outros dela zombassem. Quanto à Infanta, deixara o Anãozinho absolutamente fascinado. Ele não conseguia tirar os olhos dela, parecia dançar só para ela, e no final da apresentação, lembrando que havia visto as grandes damas da Corte atirar buquês a Caffarelli, o famoso tenor italiano, enviado pelo Papa de sua própria capela a Madri para, quem sabe, curar a melancolia do Rei com a doçura de sua voz, tirou do cabelo a linda rosa branca e, em parte como gracejo e em parte para provocar a *Camarera*, atirou-a para o Anãozinho na arena, com seu mais doce sorriso; ele levou a coisa toda muito a sério e, pressionando a flor contra seus lábios grossos e rústicos, pôs a mão no coração e curvou-se apoiado num joelho diante dela, com um sorriso de orelha a orelha, e com seus pequenos olhos jubilosos cintilando de prazer.

36

But the funniest part of the whole morning's entertainment, was undoubtedly the dancing of the little Dwarf. When he stumbled into the arena, waddling on his crooked legs and wagging his huge misshapen head from side to side, the children went off into a loud shout of delight, and the Infanta herself laughed so much that the *Camarera* was obliged to remind her that although there were many precedents in Spain for a King's daughter weeping before her equals, there were none for a Princess of the blood royal making so merry before those who were her inferiors in birth. The Dwarf, however, was really quite irresistible, and even at the Spanish Court, always noted for its cultivated passion for the horrible, so fantastic a little monster<sup>49</sup> had never been seen. It was his first appearance, too. He had been discovered only the day before, running wild through the forest, by two of the nobles who happened to have been hunting in a remote part of the great corkwood that surrounded the town, and had been carried off by them to the Palace as a surprise for the Infanta; his father, who was a poor charcoal-burner, being but too well pleased to get rid of so ugly and useless a child. Perhaps the most amusing thing about him was his complete unconsciousness<sup>50</sup> of his own grotesque appearance.

<sup>49</sup> **so fantastic a little monster** – na maioria das vezes em inglês, os adjetivos vêm depois do artigo *a/an*: *a beautiful girl* (uma bela garota), *a strong emotion* (uma forte emoção), *an interesting story* (uma história interessante). No entanto, depois de *as, how, so, too* ou mesmo, em alguns casos, após *that* e *this* (quando usados com o mesmo significado que *so*) o adjetivo pode ser colocado antes do artigo indefinido: pode-se portanto dizer *she's too clever a girl to accept such a proposal* (ela é uma garota inteligente demais para aceitar uma proposta dessas), *we have as good an idea as yours* (temos uma ideia tão boa quanto a sua) ou *it's so hot a day that I can hardly work* (é um dia tão quente que eu mal consigo trabalhar). Com esse artifício, típico de um estilo muito formal, a intenção é dar maior ênfase ao adjetivo.

<sup>50</sup> **unconsciousness** – o substantivo, derivado do adjetivo *unconscious* pelo acréscimo do sufixo *-ness*, refere-se não apenas à perda de sentidos (*the patient slipped into unconsciousness when she arrived at the hospital*, a paciente ficou inconsciente quando chegou ao hospital), mas também à falta de ciência ou conhecimento sobre algo, como neste caso *his unconsciousness of the issues faced by his community shocked them*, sua falta de conhecimento sobre os problemas enfrentados por sua comunidade os chocou.

35

Indeed he seemed quite happy and full of the highest spirits. When the children laughed, he laughed as freely and as joyously as any of them, and at the close of each dance he made them each the funniest of bows, smiling and nodding at them just as if he was really one of themselves, and not a little misshapen<sup>51</sup> thing that Nature, in some humourous mood, had fashioned for others to mock at. As for the Infanta, she absolutely fascinated him. He could not keep his eyes off her,<sup>52</sup> and seemed to dance for her alone, and when at the close of the performance, remembering how she had seen the great ladies of the Court throw bouquets to Caffarelli, the famous Italian treble,<sup>53</sup> whom the Pope had sent from his own chapel to Madrid that he might cure the King's melancholy by the sweetness of his voice, she took out of her hair the beautiful white rose, and partly for a jest and partly to tease the *Camarera*, threw it to him across the arena with her sweetest smile, he took the whole matter quite seriously, and pressing the flower to his rough coarse lips he put his hand upon his heart, and sank on one knee before her, grinning from ear to ear,<sup>54</sup> and with his little bright eyes sparkling with pleasure.

<sup>51</sup> **misshapen** – o prefixo *mis-* pode ser acrescentado a diversos substantivos, adjetivos ou verbos para dar a ideia de algo feito de forma incorreta, inadequada, ou indicando negatividade, formando termos como *misshapen* (deformado), *misunderstanding* (mal-entendido), *misguided* (engarado, equivocado), *misbehave* (comportar-se mal) e *mistrust* (desconfiar), entre outros.

<sup>52</sup> **keep his eyes off her** – nesse contexto, *to keep off* significa "tirar os olhos de cima" de alguém. Este *phrasal verb* pode também significar "manter longe, a distância" (*she used a fan to keep the flies off the food*), ou usava um leque para afastar as moscas da comida) ou "evitar", no sentido de "não comer" ou "não beber" alguma coisa (*during pregnancy women should keep off drinking alcohol*, durante a gravidez as mulheres devem evitar bebidas alcoólicas). No inglês britânico costuma-se usar a expressão *keep off the grass!* Para dizer "não pise na grama!", quando se diz *if the rain keeps off, we'll have a picnic* entende-se "senão chover, faremos um piquenique".

<sup>53</sup> **treble** – neste contexto significa "tenor", ou "a voz mais aguda", pois Caffarelli foi um célebre tenor italiano castrado do século XVIII.

<sup>54</sup> **grinning from ear to ear** – *to grin* não é apenas sinônimo de *to smile* (sorrir), mas tem uma conotação um pouco diferente, no sentido de "dar um sorriso largo", com uma espécie de careta. Tudo aquilo que se refere ao anão é descrito como grotesco: sua aparência (*misshapen, horrible, fantastic, monster, rough coarse lips*), seu modo de se movimentar e de se comportar e até seu modo de sorrir. Em inglês, existe a expressão idiomática *grinning like a Cheshire cat*, que significa "dar um sorriso amplo e um pouco abobalhado" e faz referência ao famoso gato de Alice no País das Maravilhas.

37

Isso perturbou tanto a compostura da Infanta que ela continuou rindo muito tempo depois de o Anãozinho ter saído correndo da arena, e ela expressou ao tio seu desejo de que a dança fosse imediatamente repetida. A *Camarera*, porém, alegando que o sol estava forte demais, decidiu que era melhor sua alteza voltar sem demora ao palácio, onde um maravilhoso banquete já havia sido preparado em sua homenagem, incluindo um bolo de aniversário real com as iniciais dela inscritas em açúcar pintado por toda a volta e uma linda bandeira prateada ondulando no alto. A Infanta então levantou com muita dignidade e, depois de ordenar que o Anãozinho dançasse de novo para ela após a sesta e de transmitir seus agradecimentos ao jovem Conde de Tierra-Nueva por sua encantadora recepção, voltou aos seus aposentos, com as crianças seguindo-a na mesma ordem em que haviam entrado.

Bem, quando o Anãozinho soube que iria dançar uma segunda vez diante da Infanta, e por ordem expressa dela, ficou tão orgulhoso que correu para o jardim, beijando a rosa branca num absurdo êxtase de prazer e fazendo os mais rudes e desajeitados gestos de deleite.

As Flores ficaram muito indignadas com seu atrevimento de se intrometer em sua bela casa, e quando o viram saltitando para cima e para baixo pelas alamedas, agitando os braços acima da cabeça daquela forma ridícula, não conseguiram reprimir mais seus sentimentos.

38

– Ele de fato é horroroso demais para ter permissão de brincar em qualquer lugar onde estejamos – gritaram as Tulipas.

– Deveria tomar suco de papoula e dormir uns mil anos – disseram os grandes Lírios vermelhos, e foram ficando esquentados e com raiva.

– É um perfeito horror! – gritou o Cacto. – Vejam, é todo torto e atarracado, e sua cabeça está totalmente fora de proporção em relação às pernas. Sinceramente, ele me dá comichões pelo corpo todo, e se chegar perto vou espantá-lo com meus espinhos.

– E ele na verdade ficou com uma das minhas melhores flores – exclamou a Roseira branca. – É a flor que eu mesma dei à Infanta hoje de manhã, de presente de aniversário, e ele a roubou. – E então gritou: – Ladrão, ladrão, ladrão! – o mais alto que podia.

Até os Gerânios vermelhos, que não costumavam ser esnobes e eram conhecidos por ter um bom número de amigos pobres, encolheram-se de aversão ao vê-lo, e quando as Violetas timidamente comentaram que ele, embora com certeza fosse muito sem graça, não podia fazer nada a respeito, os gerânios responderam com boa dose de razão que aquela era justamente sua principal falha e que não havia motivo para se admirar uma pessoa por ser incorrigível; e, de fato, algumas das Violetas achavam que o Anãozinho quase fazia ostentação de sua feiura e que seria melhor

40

This so upset the gravity of the Infanta that she kept on laughing long after the little Dwarf had ran out of the arena, and expressed a desire to her uncle that the dance should be immediately repeated. The *Camarera*, however, on the plea that the sun was too hot, decided that it would be better that her Highness should return without delay to the Palace, where a wonderful feast had been already prepared for her, including a real birthday cake with her own initials worked all over it in painted sugar and a lovely silver flag waving from the top. The Infanta accordingly rose up with much dignity, and having given orders that the little Dwarf was to dance again for her after the hour of siesta, and conveyed her thanks to the young Count of Tierra-Nueva for his charming reception, she went back to her apartments, the children following in the same order in which they had entered.

Now when the little Dwarf heard that he was to dance a second time before the Infanta, and by her own express command, he was so proud that he ran out into the garden, kissing the white rose in an absurd ecstasy of pleasure, and making the most uncouth and clumsy<sup>55</sup> gestures of delight.

The Flowers were quite indignant at his daring<sup>56</sup> to intrude into their beautiful home, and when they saw him capering up and down the walks, and waving his arms above his head in such a ridiculous manner, they could not restrain their feelings any longer.

<sup>55</sup> *uncouth and clumsy* – até os *gestures of delight* do anão são definidos pelos adjetivos *uncouth* e *clumsy*, que conferem à expressão uma conotação negativa: *uncouth* (ende *cut* se pronuncia com o mesmo som de *tooth*) significa "rude, tosco, grotesco", e *clumsy*, "desajeitado", "torpe", "desgracioso".

<sup>56</sup> *his daring* – *daring* aqui é usado como substantivo com o significado de "audácia", "coragem". A mesma forma pode também funcionar como adjetivo (a *daring attempt*, uma tentativa ousada). Ambas as formas derivam do verbo *to dare* (ousar).

39

"He is really far too ugly<sup>57</sup> to be allowed to play in any place where we are," cried the Tulips.

"He should drink poppy-juice, and go to sleep for a thousand years," said the great scarlet Lilies, and they grew quite hot and angry.

"He is a perfect horror!" screamed the Cactus. "Why, he is twisted and stumpy, and his head is completely out of proportion with his legs. Really he makes me feel prickly<sup>58</sup> all over, and if he comes near me I will sting him with my thorns."

"And he has actually got one of my best blooms," exclaimed the White Rose-Tree. "I gave it to the Infanta this morning myself, as a birthday present, and he has stolen it from her." And she called out: "Thief, thief, thief!" at the top of her voice.

Even the red Geraniums, who did not usually give themselves airs,<sup>59</sup> and were known to have a great many poor relations themselves, curled up in disgust when they saw him, and when the Violetes meekly remarked that though he was certainly extremely plain, still he could not help it, they retorted with a good deal of justice that that was his chief defect, and that there was no reason why one should admire a person because he was incurable; and, indeed, some of the Violetes themselves felt that the ugliness of the little Dwarf was almost ostentatious, and that he

<sup>57</sup> *far too ugly* – *far* pode ser usado para modificar expressões que começam com *too* e nesse caso tem valor de reforço (*you're far too young to get married*, você é decididamente jovem demais para se casar). Além disso, é usado para modificar comparativos ou superlativos (*she's far more beautiful than her sister*, ela é de longe mais bonita que a irmã; *he's by far the best singer of the group*, ele é de longe o melhor cantor do grupo).

<sup>58</sup> *prickly* – este termo tem dois significados: no sentido concreto quer dizer "coberto de espinhos", "espinhoso", e em sentido figurado significa "irritável", "suscetível" (a *prickly person* é uma pessoa que se irrita com facilidade, mal-humorada). *Wilde* brinca com os dois sentidos da palavra; na verdade, algumas páginas adiante o anão fala de *hedgehogs that could curl themselves up into prickly balls*, "bunços que podiam se enrolar numa bola de espinhos".

<sup>59</sup> *give themselves airs* – a expressão significa "agir de forma esnobe", "agir com arrogância". Quando usado em sua forma plural, o substantivo *air* indica uma maneira afetada e condescendente de se agir.

41

se procurasse se mostrar triste, ou pelo menos pensativo, em vez de ficar saltando por ali feliz da vida e se permitindo atitudes tão grotescas e tolas.

Quanto ao velho Relógio de Sol, um indivíduo extraordinário e que uma vez informara as horas a ninguém menos do que o Imperador Carlos V em pessoa, ficara tão chocado com a aparência do Anãozinho que quase esquecera de marcar dois minutos inteiros com o longo dedo sombreado de sua haste, e não podia deixar de dizer à grande Pavoia branco-leite, que tomava sol empoleirada na cerca, que todos sabiam que os filhos de Reis eram Reis, e que os filhos de carvoeiros eram carvoeiros, e que era absurdo fingir que fosse de outra forma, uma declaração com a qual a Pavoia concordava inteiramente, o que a levou a gritar: “Com certeza, com certeza”, com uma voz tão forte e desagradável que os peixinhos dourados que viviam no tanque da fonte puseram a cabeça para fora d’água e perguntaram aos imensos Tritões de pedra que diabos estava acontecendo.

would have shown much better taste if he had looked sad, or at least pensive,<sup>40</sup> instead of jumping about merrily, and throwing himself into such grotesque and silly attitudes.

As for the old Sundial, who was an extremely remarkable individual, and had once told the time of day to no less a person than the Emperor Charles V himself, he was so taken aback by the little Dwarf’s appearance, that he almost forgot to mark two whole minutes with his long shadowy finger, and could not help saying<sup>41</sup> to the great milk-white Peacock, who was sunning herself on the balustrade, that every one knew that the children of Kings were Kings, and that the children of charcoal-burners were charcoal-burners, and that it was absurd to pretend<sup>42</sup> that it wasn’t so,<sup>43</sup> a statement with which the Peacock entirely agreed, and indeed screamed out, “Certainly, certainly,” in such a loud, harsh voice, that the gold-fish who lived in the basin of the cool splashing fountain put their heads out of the water, and asked the huge stone Tritons what on earth<sup>44</sup> was the matter.

<sup>40</sup> **pensive** – este adjetivo de derivação francesa significa “pensativo”, “meditabundo”. Um sinônimo é *thoughtful*, termo de origem germânica formado por *thought*, “pensamento”, e pelo sufixo *-ful*. Ainda a partir desse adjetivo podemos formar *thoughtfulness* (ponderação), *thoughtfully* (ponderadamente) e, com a inserção do sufixo *-less*, *thoughtless* (impensado), *thoughtlessly* (impensadamente) e *thoughtlessness* (falta de atenção, desvio).

<sup>41</sup> **could not help saying** – neste caso, o verbo *to help* significa “evitar” e deve ser precedido de uma negativa (*could not*) e de um verbo terminado em *-ing* (*the situation was so funny that I couldn’t help laughing*, a situação era tão engraçada que eu não consegui segurar a risada). O verbo *to help* também pode transmitir a ideia de se controlar na expressão *can/could not help oneself* (*even though he knew it was a waste of time, he couldn’t help himself*, embora ele soubesse que era uma perda de tempo, ele não conseguiu se segurar).

<sup>42</sup> **pretend** – trata-se de um falso cognato para falantes de português, pois assemelha-se a “pretender”, “ter a intenção de”, que em inglês é *to intend* (*I intend to travel in July*, pretendo viajar em julho). *To pretend* é “fingir” (*they pretended not to know what I was talking about*, eles fingiram não saber sobre o que eu estava falando).

<sup>43</sup> **the children of Kings were Kings...** – a fábula, além de ser uma reflexão sobre a diversidade e sobre tudo o que não é socialmente aceitável, repete também em vários pontos – sempre com um toque de sarcasmo típico de Wilde – o tema das diferenças de classe. Não é só a corte espanhola que determina uma rígida hierarquia para definir os comportamentos e os contatos admitidos, mas também as diversas personificações de flores, animais e objetos, que relembram que “os filhos de reis eram reis, e que os filhos de carvoeiros eram carvoeiros, e que era absurdo pretender que fosse de outra forma”.

<sup>44</sup> **what on earth** – expressão usada para formular uma pergunta quando se está com raiva ou irritado e que em português corresponde a “que diabos...” ou “que raiois...”. Neste caso, não introduz uma pergunta direta e sim uma interrogativa indireta.

Já os Pássaros de algum modo gostavam dele. Já o haviam visto várias vezes pela floresta, dançando por ali como um elfo, atrás das folhas que voavam ou agachado no oco de algum velho carvalho, compartilhando nozes com os esquilos. Estes não se importavam com sua feiura, nem um pouco. Porque até mesmo a rouxinol fêmea, que à noite cantava nos laranjais tão lindamente que até a Lua se aproximava às vezes para ouvir, não era afinal de contas tão atraente assim; e, além de tudo, o Anãozinho havia sido bonzinho com eles, e naquele terrível inverno, quando não havia mais frutas nas árvores e o chão estava duro como ferro e os lobos chegavam até os portões da cidade à procura de comida, ele jamais se esquecera deles e sempre lhes dera as migalhas de seu pequeno pedaço de pão preto e dividia seu café da manhã, por mais escasso que fosse.

Então ficaram voando em volta dele, quase roçando sua face com as asas ao passar, e tagarelando entre eles, e o Anãozinho ficou tão feliz que não se conteve e mostrou-lhes a bela rosa branca, dizendo que a própria Infanta a havia dado a ele, porque o amava.

Eles não entendiam uma só palavra do que ele dizia, mas isso não fazia diferença, porque inclinavam a cabeça com cara de sábios, o que é quase tão bom quanto entender uma coisa e é muito mais fácil.

But somehow the Birds liked him. They had seen him often in the forest, dancing about like an elf after the eddying leaves, or crouched up in the hollow of some old oak-tree, sharing his nuts with the squirrels. They did not mind his being ugly, a bit. Why, even the nightingale herself, who sang so sweetly in the orange groves at night that sometimes the Moon leaned down to listen, was not much to look at<sup>45</sup> after all; and, besides, he had been kind to them, and during that terribly bitter winter, when there were no berries on the trees, and the ground was as hard as iron, and the wolves had come down to the very gates of the city to look for food, he had never once forgotten them, but had always given them crumbs out of his little hunch<sup>46</sup> of black bread, and divided with them whatever poor breakfast he had.

So they flew round and round him, just touching his cheek with their wings as they passed, and chattered to each other, and the little Dwarf was so pleased that he could not help showing them the beautiful white rose, and telling them that the Infanta herself had given it to him because she loved him.

They did not understand a single word of what he was saying, but that made no matter, for they put their heads on one side, and looked wise, which is quite as good as understanding a thing, and very much easier.

<sup>45</sup> **was not much to look at** – a expressão *to be not much to look at* indica que algo ou alguém não é bonito ou visualmente atraente (*the house is not much to look at, but I like it*, a casa não é muito bonita, mas gosto dela).

<sup>46</sup> **hunch** – este termo é muito mais comum no sentido de “corcunda”. De fato, em uma passagem posterior, faz-se referência à *hunched back* (costa encurvada) do anão, e, como se sabe, *the hunchback of Notre Dame* é o famoso “corcunda de Notre Dame”. Neste contexto, ao contrário, significa “pedaço”, “toco”, e é usado em uma acepção hoje obsoleta. Em outra acepção, bastante comum, pode significar “impressão”, “suspeita”, como na frase *I have a hunch that he’s lying*, “tenho a impressão de que ele está mentando”.

Os Lagartos também gostavam muito dele, e quando ele se cansava de correr e deitava na grama para descansar, brincavam e saçuricavam em cima dele, tentando diverti-lo da melhor maneira que podiam.

– Nem todo mundo pode ser tão lindo quanto nós lagartos – gritavam. – Seria querer demais. E, embora pareça absurdo dizer isso, na realidade ele nem é tão feio assim, desde que a pessoa feche os olhos e nunca olhe pra ele, é claro.

Os Lagartos eram extremamente filosóficos por natureza e com frequência ficavam juntos horas e horas pensando, isso quando não tinham mais o que fazer ou quando o tempo era chuvoso demais para saírem.

As Flores, porém, ficaram muito incomodadas com o comportamento deles e também com o dos pássaros.

– Isso só mostra – diziam elas – o quanto essas correrias e voos incessantes têm como efeito a banalização. Pessoas bem-nascidas sempre ficam exatamente no mesmo lugar, como nós. Ninguém nunca nos viu pulando para cima e para baixo pelas alamedas, ou galopando como doidas pela relva atrás de libélulas. Quando realmente queremos mudar de ar, chamamos o jardineiro e ele nos leva até outro canteiro. Isso é digno, e é como deve ser. Mas pássaros e lagartos não têm noção do que é sossego, e na verdade os pássaros nem endereço fixo têm. São reles vagabundos, como os ciganos, e deveriam ser tratados exatamente do mesmo modo.

Então empinaram o nariz, com uma expressão bem arrogante, e acharam ótimo quando, após algum tempo, viram o Anãozinho sair aos tropiços da relva e cruzar o terraço até o palácio.

46

– Sem dúvida seria melhor que ele ficasse dentro de casa pelo resto da vida – disseram elas. – Vejam só a corcunda dele e as pernas arqueadas – e ficaram dando risadinhas.

Mas o Anãozinho não sabia de nada disso. Ele gostava imensamente dos pássaros e dos lagartos e achava que as flores eram a coisa mais maravilhosa do mundo, excetuando, é claro, a Infanta, mas ela lhe dera a linda rosa branca, e o amava, e isso fazia toda a diferença. Como ele desejou ter voltado para a floresta com ela! Ela o colocaria a sua direita, sorriria para ele, e ele nunca mais sairia de seu lado; ela seria sua companheira de folguedos, e ele ensinaria a ela toda tipo de truques encantadores. Porque embora nunca tivesse estado num palácio, conhecia muitas coisas maravilhosas. Sabia fazer gaiólinhas de junco para os gafanhotos cantarem dentro e transformar um pedaço de bambu naquela flauta que Pã adora ouvir. Conhecia o canto de todos os pássaros e sabia chamar os estorninhos do alto das árvores, ou a garça nos charcos. Conhecia o rastro de todos os animais e sabia por onde havia ido a lebre por suas delicadas pegadas e o javali pelas folhas pisadas. Conhecia todas as danças bárbaras, a dança louca em trajes vermelhos do outono, a dança leve com sandálias azuis no milharal, a dança com grinaldas brancas no inverno e a dança das flores pelos pomares na primavera. Sabia onde os pombos constroem

48

The Lizards also took an immense fancy to him, and when he grew tired of running about and flung himself down on the grass to rest, they played and romped all over him, and tried to amuse him in the best way they could. "Every one cannot be as beautiful as a lizard," they cried; "that would be too much to expect. And, though it sounds absurd to say so, he is really not so ugly after all, provided,"<sup>67</sup> of course, that one shuts one's eyes, and does not look at him." The Lizards were extremely philosophical by nature, and often sat thinking for hours and hours together, when there was nothing else to do, or when the weather was too rainy for them to go out.

The Flowers, however, were excessively annoyed at their behaviour, and at the behaviour of the birds. "It only shows," they said, "what a vulgarising effect this incessant rushing and flying about has. Well-bred people always stay exactly in the same place, as we do. No one ever saw us hopping<sup>68</sup> up and down the walks, or galloping madly through the grass after dragon-flies. When we do want<sup>69</sup> change of air, we send for the gardener, and he carries us to another bed. This is dignified, and as it should be. But birds and lizards have no sense of repose, and indeed birds have not even a permanent address. They are mere vagrants like the gipsies, and should be treated in exactly the same manner." So they put their noses in the air, and looked very haughty, and were quite delighted when after some time they saw the little Dwarf scramble up from the grass, and make his way across the terrace to the palace.

<sup>67</sup> *provided* – esta conjunção introduz uma proposição condicional e significa "desde que", "sob a condição de" (*It'll help you with your homework provided you promise to study*, vou ajudar você na lição de casa desde que você prometa estudar). No mesmo exemplo, poderíamos usar também a locução *providing that*, on condition that ou as long as, ainda com o mesmo sentido.

<sup>68</sup> *hopping* – to hop em inglês significa "saltar", "saltitar", com frequência com uma perna só. A palavra *grasshopper* (gafanhoto), à qual se faz referência algumas linhas adiante, é composta exatamente de *grass* (grama) + *hop* + *-er* (sufixo usado para indicar quem cumpre a ação expressa pelo verbo).

<sup>69</sup> *When we do want* – neste caso o *do* serve como reforço do verbo que vem a seguir. Em geral, quando um auxiliar é usado em uma frase afirmativa, seu significado é puramente enfático.

47

"He should certainly be kept indoors<sup>70</sup> for the rest of his natural life," they said. "Look at his hunched back, and his crooked legs," and they began to titter.<sup>71</sup>

But the little Dwarf knew nothing of all this. He liked the birds and the lizards immensely, and thought that the flowers were the most marvellous things in the whole world, except of course the Infanta, but then she had given him the beautiful white rose, and she loved him, and that made a great difference. How he wished that he had gone back with her! She would have put him on her right hand, and smiled at him, and he would have never left her side, but would have made her his playmate, and taught her all kinds of delightful tricks. For though he had never been in a palace before, he knew a great many wonderful things. He could make little cages out of rushes for the grasshoppers to sing in, and fashion the long-jointed bamboo into the pipe that Pan loves to hear. He knew the cry of every bird, and could call the starlings from the tree-top, or the heron from the mere. He knew the trail of every animal, and could track the hare by its delicate footprints, and the boar by the trampled leaves. All the wild-dances he knew, the mad dance in red raiment with the autumn, the light dance in blue sandals over the corn, the dance with white snow-wreaths in winter, and the blossom-dance through the orchards in spring. He knew where the wood-pigeons built their nests, and once when a

<sup>70</sup> *Indoors* – advérbio que corresponde ao adjetivo *indoor* (*an indoor swimming pool*, uma piscina coberta). O contrário é *outdoors* (ao ar livre), que corresponde ao adjetivo *outdoor* (*outdoor activities*, atividades ao ar livre).

<sup>71</sup> *titter* – to titter significa "dar risadinhas". Em inglês, há muitos verbos que podem ser usados no sentido de "rir", e cada um tem uma nuance diferente: to laugh, "rir"; to chuckle, "rir dissimuladamente" ou "rir interiormente"; em particular quando se ri pensando algo com os próprios botões; to giggle, "rir entredentes"; "rir de nervoso", especialmente quando a pessoa se sente constrangida ou embaraçada; to cackle, "rir de modo cacarejante"; to guffaw, "rir às gargalhadas"; e por fim to snigger, "rir abafando o riso" ou "rir com desdém ou malícia".

49

seus ninhos, e uma vez que um caçador de aves capturara os pais, havia recolhido os filhinhos e construído um pequeno pombal para eles numa fenda de um olmo podado. Eram mansos e costumavam comer na mão dele toda manhã. Ela iria gostar deles, assim como dos coelhos que corriam pelo mato alto, e das gralhas com suas penas de aço e bicos pretos, e dos ouriços que podiam se enrolar formando uma bola de espinhos, e das esplêndidas e sábias tartarugas que rastejavam lentamente por ali, balançando a cabeça e mordiscando folhas tenras. Sim, com certeza ela deveria vir para a floresta e brincar com ele. Ele cederia a ela sua própria caminho e ficaria vigiando junto à janela até raiar o dia, para que o gado de chifres não lhe fizesse mal nem os esqueléticos lobos se insinuassem perto demais da cabana. E de manhã bateria na janela para acordá-la, e sairiam e dançariam juntos o dia inteiro. Na verdade, a floresta não era nem um pouco solitária. Às vezes, cruzava por ali um Bispo na sua mula branca, lendo em voz alta um livro colorido. Às vezes, os falcoeiros, com seu chapéu de veludo verde e seu colete de pele de cervo curtida, vinham com seus falcões encapuzados pousados no braço. Na época da vindima chegavam os comerciantes de uvas, com mãos e pés de cor púrpura, com grinaldas de hera reluzente na cabeça e carregando odres gotejantes de vinho; e os carvoeiros sentavam em volta de suas imensas fogueiras à noite, admirando os tocos secos queimando lentamente nas brasas e assando castanhas nas cinzas, e os ladrões saíam de suas cavernas e festejavam com eles. Uma vez, também, ele tinha visto uma bela procissão serpenteando pela longa e poeirenta estrada de Toledo. Os monges iam à frente entoando suaves cantos e carregando estandartes coloridos e cruzes de ouro, e depois, com armadura prateada, mosquetões e lanças, vinham os soldados, e no meio

50

deles caminhavam três homens descalços, com estranhas vestes amarelas pintadas com magníficas figuras e carregando velas acesas na mão. Com certeza havia muita coisa para ver na floresta e, quando ela se cansasse, ele arrumaria uma cama macia de musgo para ela, ou a carregaria nos braços, pois era muito forte, embora soubesse que não era alto. Ele lhe faria um colar de bagos de bríonia vermelha, que seriam quase tão lindos quanto os bagos brancos que ela usava em seu vestido, e quando ela enjoasse deles, poderia jogá-los fora, e ele encontraria outros. Ele lhe traria cúpulas de bolotas e anêmonas orvalhadas, e pequenos vaga-lumes que seriam estrelas no ouro pálido de seus cabelos. Mas onde estava ela? Perguntou à rosa branca, e ela não lhe deu resposta. O palácio todo parecia adormecido e mesmo nas janelas que não haviam sido fechadas, pesadas cortinas haviam sido puxadas para evitar a claridade. Ele ficou dando voltas, procurando algum lugar por onde entrar, e por fim viu uma pequena porta privada que havia sido deixada aberta. Entrou e viu-se num esplêndido saguão, muito mais esplêndido, receou ele, que a floresta, com muito mais dourado por toda parte, e mesmo o chão era feito de grandes pedras coloridas, bem encaixadas numa espécie de padrão geométrico. Mas a pequena Infanta não estava ali; só havia umas maravilhosas estátuas brancas que o observavam de cima de seus pedestais de jaspe, com olhos vazios e tristes e lábios com estranhos sorrisos.

52

fowler<sup>72</sup> had snared the parent birds, he had brought up the young ones himself, and had built a little dovecot for them in the cleft of a pollard elm. They were quite tame, and used to feed out of his hands every morning. She would like them, and the rabbits that scurried about in the long fern, and the jays with their steely feathers and black bills, and the hedgehogs that could curl themselves up into prickly balls, and the great wise tortoises that crawled slowly about, shaking their heads and nibbling at the young leaves. Yes, she must certainly come to the forest and play with him. He would give her his own little bed, and would watch outside the window till dawn, to see that the wild horned cattle did not harm her, nor the gaunt wolves creep too near the hut. And at dawn he would tap at the shutters and wake her, and they would go out and dance together all the day long. It was really not a bit lonely in the forest. Sometimes a Bishop rode through on his white mule, reading out of a painted book. Sometimes in their green velvet caps, and their jerkins of tanned deerskin, the falconers<sup>73</sup> passed by, with hooded hawks on their wrists. At vintagetime came the grape-traders, with purple hands and feet, wreathed with glossy ivy and carrying dripping skins of wine; and the charcoal-burners sat round their huge braziers at night, watching the dry logs charring slowly in the fire, and roasting chestnuts in the ashes, and the robbers came out of their caves and made merry with them. Once, too, he had seen a beautiful procession winding up the long dusty road to Toledo. The monks went in front singing sweetly, and carrying bright banners and crosses of gold, and then, in silver armour, with matchlocks and pikes,

<sup>72</sup> *fowler* – trata-se do “caçador de aves” ou “passarinheiro”. Enquanto o *hunter* é o “caçador” no sentido genérico, este substantivo deriva de *fowl*, palavra não muito comum que indica genericamente um pássaro ou uma ave.

<sup>73</sup> *falconers* – o substantivo se refere às pessoas que criam ou treinam falcões ou outras aves de rapina para auxiliarem na caça, além daqueles que usam esses animais durante a caça.

51

came the soldiers, and in their midst walked three barefooted<sup>74</sup> men, in strange yellow dresses painted all over with wonderful figures, and carrying lighted candles in their hands. Certainly there was a great deal to look at in the forest, and when she was tired he would find a soft bank of moss for her, or carry her in his arms, for he was very strong, though he knew that he was not tall. He would make her a necklace of red bryony berries, that would be quite as pretty as the white berries that she wore on her dress, and when she was tired of them, she could throw them away, and he would find her others. He would bring her acorn-cups and dew-drenched anemones, and tiny glow-worms to be stars in the pale gold of her hair. But where was she? He asked the white rose, and it made him no answer. The whole palace seemed asleep,<sup>75</sup> and even where the shutters had not been closed, heavy curtains had been drawn across the windows to keep out the glare. He wandered all round looking for some place through which he might gain an entrance, and at last he caught sight of a little private door that was lying open. He slipped through, and found himself in a splendid hall, far more splendid, he feared, than the forest, there was so much more gilding everywhere, and even the floor was made of great coloured stones, fitted together into a sort of geometrical pattern. But the little Infanta was not there, only some wonderful white statues that looked down on him from their jasper pedestals, with sad blank eyes and strangely smiling lips.

<sup>74</sup> *barefooted* – ou também *barefoot*, significa “descalço”. O adjetivo é composto por *bare* (nu) e *footed* (relativo a *foot*, “pé”). Do mesmo modo são formados os adjetivos *bareheaded* (com a cabeça descoberta), *barelegged* (com as pernas à mostra), *barehanded* (de mãos limpas) etc.

<sup>75</sup> *asleep* – adjetivo predicativo (isto é, que pode ser encontrado apenas depois de um verbo) e que significa “adormecido”. É comum nas expressões *to be asleep* (estar dormindo) ou *to fall asleep* (adormecer). É interessante notar que no caso desses adjetivos predicativos com o prefixo *a-* existe também a correspondente forma atributiva em *-ing*, formada a partir do verbo (*the sleeping child*, uma criança adormecida). Outros casos são *alive*, que na forma atributiva é *living*, e *afloat/floating* e *awake/waking*.

53

No final do saguão pendia uma cortina de veludo preta ricamente bordada, salpicada de sóis e estrelas, os emblemas favoritos do Rei, e bordadas na sua cor predileta. Quem sabe ela estaria escondida atrás? De qualquer modo, ele iria conferir.

Então avançou furtivamente e puxou a cortina. Não, havia apenas outro cômodo, mas era mais bonito ainda, pensou ele, do que aquele de onde acabara de sair. Das paredes pendiam muitas tapeçarias verdes de arrás,<sup>76</sup> cheias de figuras bordadas representando uma caçada, obra de artistas flamengos que gastaram mais de sete anos compondo-a. Havia sido o quarto de *Jean le Fou*, como era chamado, aquele Rei louco tão apaixonado por caçadas que muitas vezes, em seus delírios, tentara montar os imensos cavalos rampantes e arrastar o cervo sobre o qual saltavam os grandes sabujos, enquanto tocava sua trompa de caça e golpeava, com sua adaga, o cervo saltador abatido. O cômodo era agora usado como sala do conselho, e na mesa central estavam as pastas vermelhas dos ministros, seladas com as tulipas douradas da Espanha e com as armas e emblemas da Casa de Habsburgo.

<sup>76</sup> Nome de um tipo de tapeçaria decorativa em cores brilhantes, originária da cidade francesa de Arras. (N. T.)

O Anãozinho olhou em volta maravilhado, e ficou um pouco com medo de seguir adiante. Aqueles estranhos e silenciosos cavaleiros que galopavam tão velozes pelas clareiras da mata sem fazer nenhum ruído pareciam-lhe aqueles terríveis fantasmas sobre os quais ouvira os carvoeiros falarem – os *Comprachos*, que caçavam apenas à noite e que, quando encontravam algum homem, transformavam-no em corça e o matavam. Mas pensou na linda Infanta e criou coragem. Queria encontrá-la a sós e dizer que ele também a amava. Talvez ela estivesse no cômodo seguinte.

Correu pelos macios tapetes mouros e abriu a porta. Não! Ela também não estava lá. O cômodo estava totalmente deserto.

Era a sala do trono, usada para receber embaixadores estrangeiros nas ocasiões em que o Rei consentia dar-lhes uma audiência pessoal, o que ultimamente não era frequente; a mesma sala em que, muitos anos antes, haviam comparecido enviados da Inglaterra para os arranjos do casamento da sua Rainha, então uma das soberanas católicas da Europa, com o filho mais velho do Imperador. As tapeçarias das paredes eram de couro de Córdoba cor de ouro, e um pesado lustre dourado com ramificações para trezentas velas de cera pendia do teto preto e branco. Debaixo de um grande dossel de tecido também dourado, no qual viam-se os leões e torres de Castela bordados em minúsculas pérolas, assentava-se o próprio

At the end of the hall hung a richly embroidered curtain of black velvet, powdered with suns and stars, the King's favourite devices, and brodered on the colour he loved best. Perhaps she was hiding behind that? He would try at any rate.

So he stole<sup>77</sup> quietly across, and drew it aside. No; there was only another room, though a prettier room, he thought, than the one he had just left. The walls were hung with a many-figured green arras of needle-wrought tapestry representing a hunt, the work of some Flemish artists who had spent more than seven years in its composition. It had once been the chamber of *Jean le Fou*, as he was called, that mad King who was so enamoured<sup>78</sup> of the chase, that he had often tried in his delirium to mount the huge rearing horses, and to drag down the stag on which the great hounds were leaping, sounding his hunting horn, and stabbing with his dagger at the pale flying deer. It was now used as the council-room, and on the centre table were lying the red portfolios of the ministers, stamped with the gold tulips of Spain, and with the arms and emblems of the house of Hapsburg.

<sup>77</sup> *stole* – além do sentido mais conhecido de "roubar", o verbo *to steal* pode também significar "mover-se furtivamente".

<sup>78</sup> *enamoured* – *to be enamoured of/with (somebody/something)* significa "estar apaixonado por (alguém/algo-uma coisa)". "estar muito entusiasmado por (alguém/algo-uma coisa)". *I'm not exactly enamoured with the idea of doing it* é uma expressão idiomática para dizer "não é que a ideia de fazer isso me deixe lá muito entusiasmado".

The little Dwarf looked in wonder all round him, and was half afraid<sup>79</sup> to go on. The strange silent horsemen that galloped so swiftly through the long glades without making any noise, seemed to him like those terrible phantoms of whom he had heard the charcoal-burners speaking – the *Comprachos*, who hunt only at night, and if they meet a man, turn him into a hind, and chase him. But he thought of the pretty Infanta, and took courage. He wanted to find her alone, and to tell her that he too loved her. Perhaps she was in the room beyond.

He ran across the soft Moorish carpets, and opened the door. No! She was not here either. The room was quite empty.

It was a throne-room, used for the reception of foreign ambassadors, when the King, which of late had not been often, consented to give them a personal audience; the same room in which, many years before, envoys had appeared from England to make arrangements for the marriage of their Queen,<sup>80</sup> then one of the Catholic sovereigns of Europe, with the Emperor's eldest son. The hangings were of gilt Cordovan leather, and a heavy gilt chandelier with branches for three hundred wax lights hung down from the black and white ceiling. Underneath a great canopy of gold cloth, on which the lions and towers of Castile were brodered in

<sup>79</sup> *half-afraid* – existem multíssimos adjetivos e substantivos compostos que têm como primeiro elemento *half*, que com frequência corresponde ao português semi- ou meio, ou ainda com um pouco de. Geralmente os adjetivos compostos são grafados com *hifen* (*half-blooded*, consanguíneo; *half-day*, meia jornada; *part-time*, meio expediente; *half-price*, metade do preço), enquanto os substantivos compostos podem ser escritos com ou sem *hifen* (*half-blood*, consanguíneo; *half day*, meia jornada; *half price*, metade do preço).

<sup>80</sup> *the marriage of their Queen* – referência ao casamento em segundas núpcias de Felipe II da Espanha (1527-1598) com a rainha Maria Tudor (1516-1558). Felipe II era filho de Carlos V, e Maria, filha de Henrique VIII, que passou à história como *Bloody Mary* (Maria Sangrenta) por sua tentativa de restaurar o catolicismo na Grã-Bretanha por meio da perseguição aos protestantes.

trono, coberto com um rico pálio de veludo preto ornado com tulipas prateadas e elaboradas franjas de prata e pérolas. No segundo degrau do trono estava colocado o genuflexório da Infanta, com sua almofada de tecido prateado, e abaixo dele, já fora do limite do dossel, a cadeira do Núncio Apostólico, o único que tinha o direito de ficar sentado na presença do Rei em qualquer cerimônia pública, e cujo barrete cardinalício, com as suas borlas vermelhas enlaçadas, jazia num *tabouret*<sup>51</sup> púrpura em frente. Na parede diante do trono, pendia um retrato em tamanho real de Carlos V em trajes de caça com um grande mastim ao seu lado, e um quadro de Filipe II recebendo a homenagem dos holandeses ocupava o centro da outra parede. Entre as janelas, havia uma escrivaninha de ébano preto com aplicações de placas de marfim nas quais algumas figuras da "Dança da morte", de Holbein, haviam sido gravadas – pela mão, diziam alguns, do próprio célebre mestre.

Mas o Anãozinho não dava a mínima para toda essa magnificência. Não trocava sua rosa por todas as pérolas do dossel, nem uma única pétala branca de sua rosa pelo próprio trono. O que ele queria era ver a Infanta antes que ela descesse para o pavilhão e pedir-lhe que fosse embora com ele quando terminasse sua dança. Ali, no palácio, o ar era abafado e pesado, mas na floresta o vento soprava livremente, e a luz do sol, vagando com mãos de ouro, afastava as trêmulas folhas. Havia flores, também, na floresta, não tão esplêndidas, talvez, como as do jardim, mas com um perfume mais doce apesar de tudo; jacintos no início da primavera que

<sup>51</sup> Tamborete, em francês. (N. T.)

inundavam de um púrpura ondeante os frios vales e as colinas gramadas; primulas amarelas que se aninhavam em pequenos tufo em volta das raízes retorcidas dos carvalhos; celidônias brilhantes e verônicas azuis e íris lilás e douradas. Havia cachos de florescências cinza nas azeleiras, e as dedaleiras caíam com o peso de suas células salpicadas, frequentadas por abelhas. O castanheiro tinha seus cones de estrelas brancas, e o espinheiro, suas pálidas e belas luas. Sim: com certeza ela viria, ele só precisava encontrá-la! Viria com ele até a linda floresta, e ele dançaria o dia inteiro para o deleite dela. Um sorriso iluminou seus olhos ao pensar nisso, e ele passou para o próximo cômodo.

De todos, este era o cômodo mais claro e mais bonito. As paredes eram cobertas por um tecido adamacado de Luca, com flores cor de rosa, estampas de pássaros e pontuado por graciosos botões de prata; a mobília era de prata maciça, enfeitada com festões floridos de grinaldas e cupidos esvoaçantes; diante das duas grandes lareiras ficavam grandes biombos bordados com papagaios e pavões, e o piso, que era de ônix verde-mar, parecia se estender a perder de vista. E tampouco estava sozinho. Parada em pé, à sombra da porta, na outra extremidade do cômodo, viu uma pequena figura que o observava. Seu coração estremeceu, um grito de alegria irrompeu de seus lábios, e ele avançou em direção à luz do sol. Quando fez isso, a figura também se moveu, e ele pôde vê-la bem.

seed pearls, stood the throne itself, covered with a rich pall of black velvet studded with silver tulips and elaborately fringed with silver and pearls. On the second step of the throne was placed the kneeling-stool of the Infanta, with its cushion of cloth of silver tissue, and below that again, and beyond the limit of the canopy, stood the chair for the Papal Nuncio, who alone had the right to be seated in the King's presence on the occasion of any public ceremonial, and whose Cardinal's hat, with its tangled scarlet tassels, lay on a purple *tabouret* in front. On the wall, facing the throne, hung a life-sized portrait of Charles V in hunting dress, with a great mastiff by his side, and a picture of Philip II receiving the homage of the Netherlands occupied the centre of the other wall. Between the windows stood a black ebony cabinet, inlaid with plates of ivory, on which the figures from Holbein's Dance of Death had been graved – by the hand, some said, of that famous master himself.

But the little Dwarf cared nothing for all this magnificence. He would not have given his rose for all the pearls on the canopy, nor one white petal of his rose for the throne itself. What he wanted was to see the Infanta before she went down to the pavilion, and to ask her to come away with him when he had finished his dance. Here, in the Palace, the air was close and heavy, but in the forest the wind blew free, and the sunlight with wandering hands of gold moved the tremulous leaves aside. There were flowers, too, in the forest, not so splendid, perhaps, as the flowers in the

garden, but more sweetly scented for all that; hyacinths in early spring that flooded with waving purple the cool glens, and grassy knolls; yellow primroses that nestled in little clumps round the gnarled roots of the oak-trees; bright celandine, and blue speedwell, and irises lilac and gold. There were grey catkins on the hazels, and the fox-gloves drooped with the weight of their dappled bee-haunted cells. The chestnut had its spires of white stars, and the hawthorn its pallid moons of beauty. Yes: surely she would come if he could only find her! She would come with him to the fair forest, and all day long he would dance for her delight. A smile lit up his eyes at the thought, and he passed into the next room.

Of all the rooms this was the brightest and the most beautiful. The walls were covered with a pink-flowered Lucca damask, patterned with birds and dotted with dainty blossoms of silver; the furniture was of massive silver, festooned with floral wreaths, and swinging Cupids; in front of the two large fire-places stood great screens brodered with parrots and peacocks, and the floor, which was of sea-green onyx, seemed to stretch far away into the distance. Nor was he alone.<sup>52</sup> Standing under the shadow of the doorway, at the extreme end of the room, he saw a little figure watching him. His heart trembled, a cry of joy broke from his lips, and he moved out into the sunlight. As he did so, the figure moved out also, and he saw it plainly.

<sup>52</sup> *Nor was he alone* – *nor* pode ser usado junto a *neither* para estabelecer uma correlação entre duas frases negativas (it's neither possible nor likely that she will accept his proposal, não é possível nem provável que ela aceite a proposta dele; he neither spoke nor moved, ele nem falou, nem se moveu). Além disso, em um estilo formal *nor* pode ser usado para introduzir uma frase negativa (depois de outra frase negativa ou, com valor adversativo, depois de uma afirmativa); neste caso, pede-se a inversão (he was not at the meeting, nor was he at home, ele não estava na reunião, e tampouco estava em casa).

A Infanta?! Não. Era um monstro, o mais grotesco que já vira. Não era bem formado como as demais pessoas, mas corcunda e com as pernas tortas, com uma cabeça imensa e balouçante e uma cabeleira preta. O Anãozinho franziu as sobrancelhas, e o monstro também. Ele riu, e o monstro riu com ele, e também pôs a mão na cintura, do jeito que ele acabara de fazer. Ele dirigiu-lhe uma reverência jocosa, e o outro a retribuiu. Foi na direção dele, e ele veio encontrá-lo, copiando cada passo que ele dava e parando quando ele também parava. O Anão achou engraçado e soltou um grito, e correu para a frente, e estendeu a mão, e a mão do monstro tocou a sua e era fria como gelo. Ele começou a ficar com medo e moveu a mão de lado, e a mão do monstro imediatamente fez o mesmo. Tentou pressionar, mas algo liso e duro o impedia. O rosto do monstro estava agora perto do seu e parecia aterrorizado. Ele afastou o cabelo dos olhos. O monstro imitou-o. Bateu nele, e o monstro revidou golpe por golpe. Sentiu ódio por ele, que retrucou com caretas horrendas. Ele recuou, o outro também.

O que era aquilo? Ele pensou por um momento e olhou em volta, para o resto do cômodo. Era estranho, mas tudo parecia ter seu duplo naquela parede invisível de água clara. Sim, quadro por quadro era duplicado, sofá por sofá. O fauno adormecido que jazia na alcova junto à porta tinha um irmão gêmeo tirando uma soneta, e a Vênus prateada que estava sob a luz do sol estendia seus braços para outra Vênus tão linda quanto ela.

Seria Eco, a ninfa? Uma vez ele a chamara no vale, e ela lhe respondera palavra por palavra. Seria ela capaz de imitar o olho, do mesmo jeito que imitava a voz? Seria capaz de construir uma paródia do mundo exatamente igual ao mundo real? Será que as sombras das coisas têm cor e vida e movimento? Seria possível que...?

Ele teve um sobressalto, e tirando do peito a linda rosa branca, virou-se e beijou-a. O monstro também tinha uma rosa, a mesma, pétala por pétala! Beijou-a com beijos iguais e apertou-a contra o coração com expressões horríveis.

Quando a verdade começou a ficar evidente, o Anãozinho deu um grito de desespero e desabou no chão, aos prantos. Então era ele o deformado e corcunda, o feio de se ver, o grotesco. Ele mesmo era o monstro, e era dele que todas as crianças riam, e a Princesinha, que ele pensou que o amava

The Infanta! It was a monster, the most grotesque monster he had ever beheld.<sup>83</sup> Not properly shaped, as all other people were, but hunchbacked, and crooked-limbed, with huge lolling head and mane of black hair. The little Dwarf frowned, and the monster frowned also. He laughed, and it laughed with him, and held its hands to its sides, just as he himself was doing. He made it a mocking bow, and it returned him a low reverence. He went towards it, and it came to meet him, copying each step that he made, and stopping when he stopped himself. He shouted with amusement, and ran forward, and reached out<sup>84</sup> his hand, and the hand of the monster touched his, and it was as cold as ice. He grew afraid,<sup>85</sup> and moved his hand across, and the monster's hand followed it quickly. He tried to press on, but something smooth and hard stopped him. The face of the monster was now close to his own, and seemed full of terror. He brushed his hair off his eyes. It imitated him. He struck at it, and it returned blow for blow. He loathed it, and it made hideous faces at him. He drew back, and it retreated.

<sup>83</sup> *beheld* – simple past do verbo *to behold* (*beheld/beheld*), que significa “ver”, “olhar”, “contemplar”. Este verbo é muito usado justamente nas fábulas, com frequência na locução *to and behold*, que significa “veja(m) só!” ou “eis que” (*she kissed him and lo and behold he became a beautiful prince!*, ela o beijou e, veja(m) só [ou “eis que”], ele se transformou num príncipe!).

<sup>84</sup> *reached out* – o verbo *to reach* significa “alcançar”, “chegar a”. Com a preposição *out* forma um *phrasal verb* que significa “alongar”, “estender”. como neste caso (*he reached out his hand*, ele estendeu a mão). *To reach out to somebody* com frequência assume o sentido figurado de “ajudar alguém”, enquanto *to reach out for something* significa “procurar alcançar ou agarrar alguma coisa” ou então, no sentido figurado, “olhar alguma coisa”.

<sup>85</sup> *He grew afraid* – além do significado comum de “crescer”, *to grow* com frequência é usado para dizer “tornar-se”, “ficar”, e pode ser traduzido de várias maneiras, segundo o adjetivo que vem a seguir: por exemplo, *to grow old* (ficar velho, envelhecer), *to grow fat* (engordar), *to grow dark* (ficar escuro, escurecer).

What is it? He thought for a moment, and looked round at the rest of the room. It was strange, but everything seemed to have its double in this invisible wall of clear water.<sup>86</sup> Yes, picture for picture was repeated, and couch for couch. The sleeping Faun that lay in the alcove by the doorway had its twin brother that slumbered, and the silver Venus that stood in the sunlight held out her arms to a Venus as lovely as herself.

Was it Echo? He had called to her once in the valley, and she had answered him word for word. Could she mock the eye, as she mocked the voice? Could she make a mimic world just like the real world? Could the shadows of things have colour and life and movement? Could it be that —?

He started,<sup>87</sup> and taking from his breast the beautiful white rose, he turned round, and kissed it. The monster had a rose of its own, petal for petal the same! It kissed it with like kisses, and pressed it to its heart with horrible gestures.

When the truth dawned upon him, he gave a wild cry of despair, and fell sobbing to the ground. So it was he who was mishapen and hunchbacked, foul to look at and grotesque. He himself<sup>88</sup> was the monster, and it was at him that all the children had been laughing, and the little Princess

<sup>86</sup> *Invisible wall of clear water* – a perífrase refere-se ao espelho, um objeto que o anão, por ter sempre vivido na floresta, ignorava que existia.

<sup>87</sup> *He started* – aqui *to start* não significa “começar”, mas “mexer-se de repente”, “sobressaltar-se”, “estremecer”. Em geral é usado para descrever o movimento repentino de alguém quando se assusta ou é pego de surpresa (*he loud noise coming from the kitchen made her start*, um barulho forte vindo da cozinha causou-lhe um sobressalto).

<sup>88</sup> *He himself* – trata-se de um uso enfático do pronome reflexivo *himself*. Aqui, na verdade, teria sido suficiente escrever *he was the monster*, mas para enfatizar que o monstro era “ele mesmo” o pronome reflexivo vem acompanhando o pessoal (*he*), como neste exemplo: *I met the President himself*, “encontrei o presidente em pessoa”; *if you think you're so good, try to do it yourself*, “se você se acha tão bom, experimente fazer você mesmo!”.

– ela também havia meramente zombado de sua feiura e se divertido às custas de suas pernas tortas. Por que não o deixaram na floresta, onde não havia espelho para lhe revelar o quanto era odioso? Por que o pai não o matou, em vez de vendê-lo para a própria vergonha? Lágrimas quentes rolaram pela sua face, e ele picou a rosa branca em pedaços. O monstro do outro lado fez o mesmo e atirou as frágeis pétalas no ar. Ele então rastejou pelo chão e, quando olhou para o outro, este o mirou com a face tensa de dor. Afastou-se, então, engatinhando, para evitar vê-lo, e cobriu os olhos com as mãos. Arrastou-se para as sombras, como se fosse alguém ferido, e lá ficou gemendo.

Nessa hora, a Infanta em pessoa entrou com seus companheiros pela janela aberta, e quando viram o feio Anãozinho deitado e batendo os punhos no chão, da maneira mais fantástica e exagerada, saltaram grandes risadas de alegria e se juntaram em volta dele para observá-lo.

– A dança dele foi engraçada – disse a Infanta –, mas essa sua representação é mais engraçada ainda. Realmente, ele é quase tão bom quanto as marionetes, só que, é claro, não tão natural. – E abanou seu grande leque e aplaudiu.

Mas o Anãozinho não erguia os olhos, e seus soluços foram ficando cada vez mais fracos, e de repente ele arfou de modo estranho e levou a mão à cintura, apertando-a. E então desabou de novo, e lá ficou, deitado, imóvel.

– Que incrível – disse a Infanta, depois de uma pausa –, mas agora você tem que dançar pra mim.

– Isso mesmo – gritaram as crianças –, você tem que levantar e dançar, porque você é tão esperto quanto os macacos berberes e muito mais ridículo.

Mas o Anãozinho não respondia.

E a Infanta bateu o pé, e chamou o tio, que estava andando no terraço com o Camareiro, lendo alguns despachos que haviam acabado de chegar do México, onde o Santo Ofício há pouco havia sido instalado.

– O meu Anãozinho engraçado está amuado – gritou ela –, você tem que acordá-lo e ordenar que ele dance para mim.

Os dois trocaram um sorriso e entraram, e Dom Pedro se agachou e deu um tapinha no rosto do Anão com sua luva bordada.

– Você tem que dançar – disse ele –, *petit monstre*.<sup>91</sup> Tem que dançar. A Infanta da Espanha e das Índias quer se divertir.

<sup>91</sup> Pequeno monstro, em francês. (N. T.)

who he had thought loved him – she too had been merely mocking at his ugliness, and making merry over his twisted limbs. Why had they not left him in the forest, where there was no mirror to tell him how loathsome he was? Why had his father not killed him, rather than sell him to his shame? The hot tears poured down his cheeks, and he tore the white rose to pieces. The sprawling monster did the same, and scattered the faint petals in the air. It grovelled on the ground, and, when he looked at it, it watched him with a face drawn with pain. He crept away, lest<sup>89</sup> he should see it, and covered his eyes with his hands. He crawled,<sup>90</sup> like some wounded thing, into the shadow, and lay there moaning.

And at that moment the Infanta herself came in with her companions through the open window, and when they saw the ugly little Dwarf lying on the ground and beating the floor with his clenched hands, in the most fantastic and exaggerated manner, they went off into shouts of happy laughter, and stood all round him and watched him.

"His dancing was funny," said the Infanta; "but his acting is funnier still. Indeed he is almost as good as the puppets, only of course not quite so natural." And she fluttered her big fan, and applauded.

<sup>89</sup> *lest* – é sinônimo de *in case* ou de *that... not*, a frase teria o mesmo significado se fosse *in case he should see it* ou então *that he should not see it*. *Lest* é muito raro no inglês moderno, especialmente no britânico, sendo mais usado no inglês americano, mas sempre em um estilo formal e literário.

<sup>90</sup> *crawled* – os verbos *to creep* e *to crawl* têm significados bastante similares. O primeiro, porém, indica um movimento apoiado nas mãos e nos joelhos – portanto, engatinhando; já o segundo indica uma postura com contato do corpo sobre uma superfície – "arrastar-se".

But the little Dwarf never looked up, and his sobs grew fainter and fainter, and suddenly he gave a curious gasp,<sup>92</sup> and clutched his side. And then he fell back again, and lay quite still.

"That is capital,"<sup>93</sup> said the Infanta, after a pause; "but now you must dance for me."

"Yes," cried all the children, "you must get up and dance, for you are as clever as the Barbary apes, and much more ridiculous."

But the little Dwarf made no answer.

And the Infanta stamped her foot, and called out to her uncle, who was walking on the terrace with the Chamberlain, reading some despatches that had just arrived from Mexico, where the Holy Office had recently been established. "My funny little dwarf is sulking,"<sup>94</sup> she cried, "you must wake him up, and tell him to dance for me."

They smiled at each other, and sauntered in, and Don Pedro stooped down, and slapped the Dwarf on the cheek with his embroidered glove. "You must dance," he said, "*petit monstre*. You must dance. The Infanta of Spain and the Indies wishes to be amused."

<sup>92</sup> *gasp* – este substantivo significa "respiração ofegante", "arfada" (*he was exhausted after running and was breathing in short little gasps*, estava exausto depois de correr e respirava com arfadas pequenas e curtas) ou então, o que é mais comum, descreve a exclamação diante de algo que espanta ou causa fascínio. O verbo *to gasp* significa "respirar ofegante" (*he climbed slowly and gasped for breath*, subia devagar e respirava ofegante), "ficar sem fôlego" (*she gasped at the beauty of the ring*, ela ficou sem fôlego diante da beleza do anel) ou ainda "ansiar" alguma coisa (*to gasp for something*).

<sup>93</sup> *capital* – em usos mais arcaicos, o termo era empregado como adjetivo, sendo sinônimo de "excelente" (*he is a capital lad*, ele é um garoto excelente), ou como interjeição, para indicar aprovação ou satisfação (*The performance was splendid. Capital!*, A apresentação foi esplêndida. Demais!).

<sup>94</sup> *is sulking* – *to sulk* ou *to be sulky* é usado para descrever alguém que fica em silêncio e zangado e se recusa a interagir com os outros. Com frequência é traduzido por "estar amuado", "estar aborrecido" ou "estar de mau-humor".

Mas o Anãozinho não se mexia.

– Acho que deveríamos mandar dar-lhe umas chicotadas – disse Dom Pedro enfadado, e voltou para o terraço. Mas o Camareiro, com o olhar sério, ajoelhou-se ao lado do Anãozinho, colocando a mão sobre o coração dele. E, depois de uns instantes, sacudiu os ombros e pôs-se em pé e, depois de fazer uma grande reverência à Infanta, disse:

– *Mi bella princesa*, seu Anãozinho engraçado nunca mais vai dançar de novo. É uma pena, porque ele é tão feio que poderia ter feito o Rei sorrir.

– Mas por que ele não vai mais dançar? – perguntou a Infanta, rindo.

– Porque o coração dele está partido – respondeu o Camareiro.

E a Infanta franziu o cenho, e seus delicados lábios de pétala de rosa curvaram-se com desdém.

– Daqui em diante, não permita que aqueles que venham aqui brincar comigo tenham coração – disse ela, e saiu correndo para o jardim.

But the little Dwarf never moved.

"A whipping master should be sent for," said Don Pedro wearily, and he went back to the terrace. But the Chamberlain looked grave, and he knelt beside the little Dwarf, and put his hand upon his heart. And after a few moments he shrugged his shoulders, and rose up, and having made a low bow to the Infanta, he said –

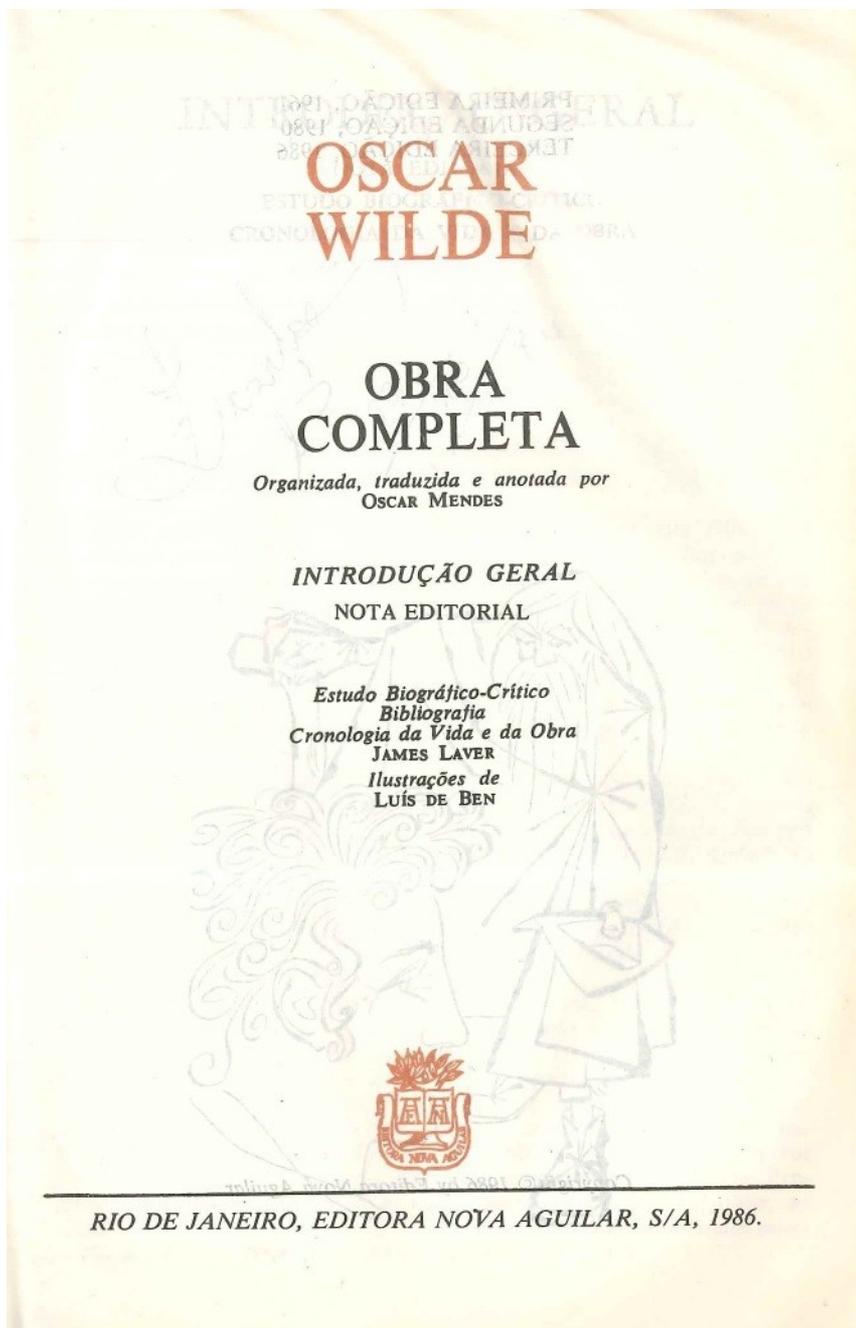
"*Mi bella Princessa*, your funny little Dwarf will never dance again. It is a pity, for he is so ugly that he might have made the King smile."

"But why will he not dance again?" asked the Infanta, laughing.

"Because his heart is broken," answered the Chamberlain.

And the Infanta frowned, and her dainty rose-leaf lips curled in pretty disdain. "For the future let those who come to play with me have no hearts," she cried, and she ran out into the garden.

Anexo II – Tradução do conto *The Birthday of the Infanta*, por Oscar Mendes, Editora Nova Aguilar S/A. (1961)



## O ANIVERSÁRIO DA INFANTA

THE BIRTHDAY OF THE INFANTA

A MRS. WILLIAM H. GRENFELL,  
DE TAPLOW COURT.

ERA O DIA do aniversário da Infanta. Fazia exatamente doze anos de idade e o sol luzia brilhantemente nos jardins do palácio.

Embora fosse uma princesa real e infanta de Espanha, só fazia um aniversário todos os anos, justamente como as crianças da gente mais pobre e era naturalmente assunto de grande importância para todo o reino que estivesse um dia realmente belo na ocasião. E realmente estava um dia muito bonito. As altas e listadas tulipas erguiam-se em suas hastas, semelhantes a longas filas de soldados, e olhavam por cima da relva, desafiadoramente, para as rosas, dizendo:

— Somos agora tão esplêndidas quanto vocês.

Borboletas purpúreas revoloteavam em redor, com asas empoadas de ouro, e visitavam cada flor, alternativamente; as lagartixas assomavam entre as gretas do muro, aquecendo-se aos brilhantes raios; e as romãs se abriam e estalavam com o calor, mostrando seus corações vermelhos e sangrentos. Até os pálidos limões amarelos, que em grande profusão pendiam das arruinadas latadas e ao longo das escuras arcadas, pareciam ter tomado do sol maravilhoso um tom mais rico, e as magnólias abriam suas grandes flores em forma de luva de marfim escuro e enchiam o ar com seu perfume denso e doce.

A princesinha corria pelo terraço com suas companheiras e brincava de esconder por trás dos vasos de pedra e das velhas estátuas cobertas de musgo. Nos dias comuns só lhe era permitido brincar com crianças de sua própria posição, de modo que tinha sempre de brincar sozinha, mas no dia de seu aniversário fazia-se uma exceção e o Rei dera ordens para que ela convidasse algumas de suas jovens amigas de sua preferência para virem brincar com ela. Havia uma graça majestosa em todas aquelas delicadas crianças espanholas que ali se moviam, os meninos com seus chapéus de grandes plumas e curtas capas ondulantes, as meninas, arregaçando as caudas de seus compridos vestidos de brocado e protegendo do sol seus olhos com enormes leques pretos e prateados. Mas a Infanta era a mais graciosa de todas e a mais elegantemente vestida, de conformidade com a moda um tanto incômoda daquele tempo. Seu vestido era de cetim cinzento, com a saia e as largas mangas de tufo pesadamente bordadas de prata e o duro corpete guarnecido de feiras de belas pérolas. Quando ela andava, dois pequenos chapins com grandes rosetas vermelhas assomavam-lhe na fimbria do vestido. Cor-de-rosa e pérola era seu grande leque de gaze e em seus cabelos, que, semelhantes a uma auréola de ouro pálido, rodeavam seu alvo rostinho, via-se uma belíssima rosa branca.

De uma janela do palácio, o triste e melancólico rei observava-os. Por trás dele, estava seu irmão, Dom Pedro de Aragão, a quem odiava, e seu confessor, o Grande Inquisidor de Granada, sentava-se a seu lado. Mais triste mesmo do que habitualmente estava o rei, pois quando via a Infanta saudando com infantil gravidade os cortesãos reunidos, ou rindo-se por trás de seu leque, da carrancuda Duquesa de Albuquerque, que sempre a acompanhava, pensava na jovem rainha, sua mãe, que pouco tempo antes — assim lhe parecia — viera do alegre país da França e havia fenecido no sombrio esplendor da corte espanhola, morrendo justamente seis meses depois do nascimento de sua filha, antes de ter visto florescerem duas vezes as amendoiras do pomar ou colhido o fruto da segunda colheita anual da velha e retorcida figueira que crescia no centro do pátio agora coberto de relva. Tão grande havia sido seu amor por ela, que não consentiu que o túmulo a arrebataste por completo. Fora embalsamada por um médico mouro, a quem em retribuição a esse serviço foi concedida a vida, estando já, segundo diziam, processado pelo Santo Ofício por heresia e suspeita de práticas de feitiçaria, e o cadáver dela repousava ainda em um estofado ataúde, na capela de mármore negro do palácio, exatamente como os monges a haviam carregado, naquele dia tempestuoso de março, havia cerca de doze anos. Uma vez por mês o rei, envolto em uma capa negra e com uma lanterna surda na mão, ia ajoelhar-se a seu lado, chamando-a: "*Mi reina! Mi reina!*". Por vezes, quebrando a etiqueta cerimoniosa que na Espanha rege cada ato diverso da vida e impõe limites até mesmo à dor de um rei, pegava as pálidas mãos cobertas de jóias, com violenta emoção, e tentava ressuscitar com seus beijos loucos o rosto pintado e frio.

Hoje parecia-lhe vê-la de novo, como quando a contemplara pela primeira vez no Castelo de Fontainebleau, tendo-êe apenas quinze anos de idade e sendo ela mais jovem ainda. Contrairam solenes esponsais naquela ocasião perante o núncio papal na presença do rei da França e de toda a corte. Voltara ele ao Escorial, trazendo consigo um anel de cabelo louro e a lembrança de dois lábios infantis inclinando-se para beijar sua mão, quando subiu à sua carruagem. Depois celebrou-se o casamento, apressadamente, em Burgos, pequena cidade próxima da fronteira de ambos os países, e a grande entrada pública em Madri com a costumeira celebração da missa solene na igreja de Atocha e um *auto-da-fé* mais solene que de costume, no qual uns trezentos herejes, entre eles muitos ingleses, foram entregues ao braço secular para serem queimados.

Havia-a, indubitavelmente, amado com loucura, para ruína, pensavam muitos, de seu país, então em guerra com a Inglaterra pela posse do império do Novo Mundo. Apenas lhe permitia que estivesse por pouco fora de suas vistas; por causa dela esqueceu, ou pareceu ter esquecido, todos os graves negócios de Estado e, com essa terrível cegueira que a paixão causa em seus escravos, deixara

de perceber que as minuciosas cerimônias com que quis distraí-la só conseguiram agravar o estranho mal de que sofria. Quando ela morreu, pareceu ele por algum tempo privado de razão. E realmente teria abdicado, sem dúvida para retirar-se para o grande mosteiro trapista de Granada, de que já era prior titular, se não tivesse temido deixar a pequena Infanta à mercê de seu irmão, cuja crueldade era notória, inclusive na Espanha, e que para muitos era suspeito de ter causado a morte da rainha por meio de um par de luvas envenenadas que lhe tinha dado de presente por ocasião de sua visita a seu castelo em Aragão. Mesmo depois de expirarem os três anos de luto oficial que ele decretou para todos os seus domínios por um edito real, nunca permitiu que seus ministros lhe falassem de novo casamento; e quando o próprio imperador lhe ofereceu a mão de sua sobrinha, a encantadora arquiduquesa da Boêmia, encarregou os embaixadores de dizerem a seu senhor que o rei da Espanha já estava casado com a Dor e que, embora fosse esta uma esposa esdrúxula, amava-a mais do que a Beleza, resposta que custou à sua coroa as ricas províncias dos Países Baixos, que, pouco depois, por instigação do imperador, se rebelaram contra ele, dirigidas por alguns fanáticos da Igreja Reformada.

Toda a sua vida conjugal, com suas alegrias violentas e ardentes e a terrível agonia daquele fim repentino, parecia voltar a ele naquele momento, ao contemplar a Infanta brincando no terraço. Tinha ela toda a linda petulância de maneiras da Rainha, o mesmo gesto habitual e voluntarioso de mover a cabeça, o mesmo contorno altivo da encantadora boca, o mesmo sorriso maravilhoso — *vrai sourire de France*<sup>1</sup> realmente —, quando erguia agora a vista, de vez em quando para a janela, ou estendia sua mãozinha para que a beijassem os cerimoniais cavalheiros espanhóis. Mas a risada penetrante das crianças irritava seus ouvidos, o fulgor implacável do sol zombava de sua dor, e um pesado aroma de estranhas especiarias, especiarias semelhantes às que usam os embalsamadores, parecia corromper — ou era fantasia sua? — o ar puro da manhã. Escondeu o rosto entre as mãos e, quando a Infanta olhou de novo para cima, as cortinas estavam corridas e o rei tinha-se retirado.

Fez a infanta uma pequena *moue*<sup>2</sup> de desaponto e encolheu os ombros. Decerto podia ter ficado com ela no seu aniversário. Que lhe importavam os estúpidos negócios de Estado? Ou teria ido para aquela escura capela, onde os círios não cessavam de arder e onde nunca lhe permitiam entrar? Que tolice dele, quando o sol luzia tão esplendidamente e toda a gente se sentia tão ditosa? Além disso, ia perder o simulacro de corrida de touros, cujo começo as trombetas anunciavam, sem falar dos títeres e de outras coisas maravilhosas. Seu tio e o Grande Inquisidor eram muito mais sensatos. Tinham desido ao terraço para dirigir-lhe gentis cumprimentos. Er-

1. Verdadeiro sorriso de França. 2. Careta.

guendo, pois, sua linda cabeça e pegando a mão de Dom Pedro, desceu pausadamente os degraus até um longo pavilhão de seda cor de púrpura que tinham levantado no fundo do jardim; as outras crianças seguiam-na, em ordem rigorosa de primazia, indo em primeiro lugar os que tinham os nomes mais compridos.

Um cortejo de meninos nobres, fantásticamente vestidos de *to-readores*, veio ao encontro dela e o jovem Conde da Terra Nova, rapaz maravilhosamente belo, de cerca de quatorze anos de idade, descobriu-se com toda a graça de um fidalgo nato e grande de Espanha, conduziu-a, solenemente, a uma cadeira de ouro e marfim, colocada no alto de um estrado que dominava a arena. As meninas agruparam-se em redor, agitando seus enormes leques e cochichando umas com as outras, enquanto Dom Pedro e o Grande Inquisidor permaneciam, rindo, à entrada. Até a duquesa — a *Camareira Mayor* — como a chamavam, uma senhora delgada, de aspecto severo, com uma gola amarela de folhos, não parecia tão mal-humorada como de costume e algo semelhante a um frio sorriso vagava em seu rosto enrugado e crispava seus finos lábios exangues.

Foi certamente uma maravilhosa tourada, muito mais bonita, pensou a Infanta, do que a autêntica que havia ela presenciado em Sevilha, por ocasião da visita do Duque de Parma a seu pai. Alguns dos meninos caracolavam sobre cavalos de brinquedo, ricamente ajazeados, brandindo compridas lanças enfeitadas de alegres bandeirinhas de brilhantes tecidos; outros estavam a pé, agitando diante do touro suas capas escaurlates e saltando a barreira, quando investia contra eles; quanto ao próprio touro, era exatamente como um touro vivo, embora feito somente de vime coberto de couro e insistisse por vezes em correr pela arena sobre as duas patas, o que nunca teria sonhado fazer um touro vivo. De toda maneira, portou-se tão magnificamente que as meninas, excitadas, acabaram subindo nos bancos e, agitando seus lençinhos de renda, gritaram: *Bravo toro! Bravo toro!*, tão ajuizadamente como se fossem pessoas grandes. Por fim, depois de prolongada luta, durante a qual foram corneados vários cavalinhos e desmontados seus cavaleiros, o jovem Conde da Terra Nova obrigou o touro a ajoelhar-se e, tendo obtido da Infanta a licença para dar-lhe o *coup de grâce*<sup>3</sup>, mergulhou sua espada de madeira no cachaço do animal com tanta violência que a cabeça saltou fora, descobrindo então o rosto sorridente do pequeno *Monsieur de Lorraine*<sup>4</sup>, filho do embaixador francês em Madri.

Desimpediu-se então a arena em meio de muitos aplausos e os cavalinhos mortos foram solenemente arrastados por dois pajens mouros de librés negras e amarelas e, depois de um curto intervalo, durante o qual um hábil acrobata francês realizou equilíbrios sobre a corda bamba, alguns bonecos italianos apareceram na tragédia se-

3. Golpe de misericórdia. 4. O Senhor de Lorena.

mi clássica *Sofonisba*, no palco de um pequeno teatro expressamente contruído para esse fim. Representaram tão bem e seus gestos foram tão extremamente naturais que, no final da peça, os olhos da Infanta estavam repletos de lágrimas. Realmente, alguns dos meninos choraram de verdade e tiveram de ser consolados com gulodices e o próprio Grande Inquisidor sentiu-se tão comovido que não pôde deixar de dizer a Dom Pedro que lhe parecia intolerável que simples bonecos de madeira e de cera pintada, movidos mecanicamente por arames, pudessem ser tão desgraçados e sofrer tão terríveis infortúnios.

Depois se seguiu um prestidigitador africano, que trouxe um grande cesto chato coberto com um pano vermelho e, colocando-o no centro da arena, tirou de seu turbante uma curiosa flauta de caniço e começou a tocá-la. Poucos momentos depois o pano começou a mover-se e, enquanto da flauta saíam sons cada vez mais agudos, duas serpentes verdes e amarelas puseram para fora suas estranhas cabeças triangulares e ergueram-se lentamente, balançando-se ao ritmo da música, como se balança uma planta dentro d'água. As crianças, porém, estavam um tanto assustadas diante daqueles capuzes mosqueados e daquelas línguas velozes como setas; divertiram-se muito mais quando o prestidigitador fez brotar da areia uma laranjeira anã que se cobriu de lindos botões brancos e de cachos de verdadeiras laranjas; e quando ele tomou do leque da filha do Marquês De Las Torres e transformou-o em um pássaro azul que revolteou em redor do pavilhão, cantando, seu deleite e seu assombro não conheceram limites. O solene minueto, dançado pelos dançarinos da Igreja de Nossa Senhora do Pilar, foi também encantador. A Infanta nunca vira antes aquela maravilhosa cerimônia que se realiza todos os anos, em maio, diante do altar-mor da Virgem e em sua honra. Na realidade, ninguém da família real da Espanha havia entrado na grande Catedral de Saragoça, desde que um padre louco, que se supunha ter sido comprado por Isabel da Inglaterra, tinha tentado dar uma hóstia envenenada ao Príncipe das Astúrias. Por isso, ela conhecia somente de oitiva a "Dança de Nossa Senhora", como a chamavam e que era realmente um espetáculo muito bonito. Os meninos vestiam antigos trajes de corte de veludo branco e seus curiosos chapéus de três bicos estavam orlados de prata e coroados por grandes penas de avestruz; verificava-se ainda mais deslumbrante a brancura de seus trajes, quando se moviam ao sol, com seus rostos morenos e seus longos cabelos negros. Toda a gente estava fascinada pela grave dignidade com que se moviam nas intrincadas figuras da dança e pela graça cuidadosa de seus lentos ademanes e de suas cerimoniais reverências; e quando, ao terminar, tiraram seus grandes chapéus emplumados diante da Infanta, ela respondeu à reverência deles com muita cortesia e fez votos de mandar um grosso círio ao altar de Nossa Senhora do Pilar, para retribuir o prazer que ela lhe tinha proporcionado.

Um bando de formosos egípcios — como eram chamados naqueles tempos os ciganos — avançou então pela arena e, sentando-se em círculo, com as pernas cruzadas, começaram a tocar suavemente suas cítaras, movendo compassadamente seus corpos e cantando quase imperceptivelmente uma ária murmurante e sonhadora. Quando viram Dom Pedro, franziram o cenho e alguns pareceram aterrorizados, pois umas semanas antes havia ele mandado enforcar por bruxaria dois de sua tribo, na praça do mercado de Sevilha. Mas a linda Infanta, que, apoiada no espaldar, os olhava às ocultas por cima de seu leque, com seus grandes olhos azuis, encantou-os, compreendendo eles que uma criatura tão encantadora não poderia nunca ser cruel para ninguém. Continuaram, pois, tocando muito suavemente, roçando apenas as cordas das cítaras com suas longas unhas pontiagudas, inclinando sobre o peito suas cabeças, como se estivessem a ponto de adormecer. De repente, com um grito tão agudo que todas as crianças se assustaram e a mão de Dom Pedro agarrou o punho de ágata de sua adaga, saltaram em pé e deram loucamente voltas em redor do recinto, batendo em seus tamborins e entoando um canto selvagem de amor na sua língua estranha e gutural. Depois, a um outro sinal, lançaram-se todos de novo ao chão e permaneceram ali completamente imóveis, enquanto o arranhado surdo das cítaras era o único som que rompia o silêncio. Depois de fazer isto várias vezes, desapareceram por um momento e reapareceram conduzindo um peludo urso pardo, preso por uma corrente, e carregando nos ombros uns tantos macaquinhos da Berbéria. O urso ergueu-se com a maior gravidade e os mirrados macaquinhos realizaram mansamente divertidas travessuras com os meninos ciganos que pareciam ser seus donos; pelearam com pequenas espadas e dispararam canhões, como se fossem soldados regulares da própria guarda do rei fazendo exercício. Os ciganos, de fato, tiveram grande êxito.

Mas a parte mais cômica de toda a festa matinal foi indubitavelmente a dança do Anãozinho. Quando apareceu na arena, balançando-se sobre suas pernas tortas e meneando sua enorme cabeça disforme de um lado para outro, as crianças lançaram ruidosas exclamações de alegria e a própria Infanta riu de tal maneira que a camareira se viu obrigada a recordar-lhe que, se havia muitos precedentes na Espanha de que uma filha do rei tivesse chorado diante de seus iguais, não havia nenhum de que uma princesa de sangue real se mostrasse tão contente diante daqueles que lhe eram inferiores em nascimento. O Anão, contudo, era realmente irresistível, e até mesmo na corte de Espanha, sempre notada por sua cultivada paixão pelo horrível, não se havia nunca visto um pequeno monstro tão fantástico. Era, além disso, sua primeira aparição. Tinham-no descoberto no dia anterior, correndo loucamente pelo bosque, dois nobres que iam caçar em um dos sítios mais afastados do grande azinhal que circunda a cidade, e tinham-no trazido consigo ao

palácio, como uma surpresa para a Infanta. O pai dele, um pobre carvoeiro, sentiu-se satisfeito por terem-no livrado de um menino tão feio e inútil. Talvez o mais divertido fosse a completa inconsciência em que se achava de seu próprio aspecto grotesco. Parecia na realidade completamente feliz e cheio da mais alta disposição de ânimo. Quando as crianças riam, ria ele também, tão franca e alegremente quanto elas e, no final de cada dança, fazia-lhes as mais cômicas reverências, sorrindo e movendo a cabeça para elas como se fosse realmente seu igual e não um pequeno ser desditoso, feito pela natureza em algum momento de humor, para servir de zombaria. Quanto à Infanta, havia-o completamente fascinado. Não podia desviar dela os olhos e parecia somente dançar para ela. Quando, ao terminar sua dança, lembrando-se de ter visto as grandes damas da corte atirarem ramos a Caffarelli, o famoso soprano, italiano, que o Papa tinha enviado de sua própria capela a Madri para tentar curar a melancolia do rei com a doçura de sua voz, arrancou ela de seus cabelos a bela rosa branca e atirou-a, em parte por zombaria e em parte para fazer à camareira, à arena, com seu mais doce sorriso, o Anãozinho, tomando isso completamente a sério e apertando a flor com seus rudes e ásperos lábios, pôs a mão sobre o coração e dobrou um joelho diante dela, fazendo caretas de orelha a orelha, com seus olhinhos brilhantes de prazer.

Isto transtornou a gravidade da Infanta que, sem poder conter o riso, muito depois que o Anãozinho tinha abandonado a arena, exprimiu a seu tio o desejo de que a dança fosse imediatamente repetida. A camareira, porém, pretextando que o sol estava demasiado abrasador, decidiu que seria preferível que Sua Alteza regresasse sem demora ao palácio, onde lhe haviam preparado uma maravilhosa festa, inclusive um soberbo bolo de aniversário, com suas próprias iniciais em açúcar colorido e uma linda bandeira de prata, tremulando no alto. A Infanta, de acordo, levantou-se com muita dignidade e, tendo dado ordens para que o Anãozinho dançasse de novo para ela depois da hora da sesta, exprimiu sua gratidão ao jovem Conde da Terra Nova pela sua encantadora recepção e retirou-se para seus aposentos, seguida pelas crianças, pela mesma ordem em que haviam entrado.

Quando o Anãozinho soube que iria dançar pela segunda vez diante da Infanta e por ordem expressa dela, sentiu-se tão orgulhoso, que correu pelo jardim, beijando a rosa branca num absurdo êxtase de prazer e fazendo os mais grotescos e exagerados gestos de contentamento.

As Flores ficaram completamente indignadas com aquela intrusão tão atrevida em sua bela casa e, quando o viram fazer cabriolas pelos passeios e agitar seus braços sobre a cabeça com tão ridículas maneiras, não puderam conter por mais tempo seus sentimentos.

— É realmente demasiado feio para permitir-se brincar em qualquer lugar onde estejamos — gritaram as Tulipas.

— Deveria beber suco de papoulas e dormir durante mil anos! — disseram os grandes Lírios escarlates, pondo-se completamente rubros de cólera.

— É um perfeito horror! — gritou o Cacto —. Sim, é torto e atarracado e sua cabeça não guarda proporção alguma com suas pernas. Realmente, faz-me sentir mais espinhoso do que nunca e, se se aproximar de mim, picá-lo-ei com meus espinhos.

— E realmente ganhou uma de minhas melhores flores —, exclamou a Roseira Branca —. Eu mesma a dei à Infanta esta manhã, como presente de aniversário e ele a roubou.

E começou a gritar, com sua voz mais forte:

— Ladrão, ladrão, ladrão!

Até os Gerânios vermelhos, que não costumavam dar-se ares e eram conhecidos por seus numerosos parentes pobres, eriçaram-se de desgosto ao vê-lo e, quando as Violetas observaram mansamente que, se ele era na verdade extraordinariamente vulgar, não tinha a culpa disso, nem podia dar-lhe remédio, replicaram-lhe com muita justiça que esse era o principal defeito dele e que o ser isto incurável não era motivo para causar espanto a ninguém; e, realmente, algumas Violetas pensaram que a fealdade do Anãozinho era quase jactância e que teria revelado muito melhor gosto adotando um ar triste, ou pelo menos pensativo, em lugar de andar pulando alegremente e fazer ademanos tão grotescos e estúpidos.

Quanto ao velho Relógio de Sol, personalidade extraordinariamente notável e que, antigamente, marcou as horas nada menos que para uma pessoa como o Imperador Carlos V, estava tão assombrado diante do aspecto do Anãozinho que quase se esqueceu de marcar dois minutos inteiros com seu comprido dedo de sombra, e não pôde deixar de dizer ao grande Pavão Real de um branco leitoso, que estava tomando sol na balaustrada, que todos sabiam que os filhos dos reis eram reis e que os filhos dos carvoeiros eram carvoeiros, sendo absurdo pretender o contrário, afirmação com a qual concordou completamente o Pavão Real que, com efeito, piou: "Certamente, certamente", com tão forte e áspera voz, que os peixes dourados, que viviam na bacia da fria fonte de repuxo, puseram suas cabeças fora d'água e perguntaram aos grandes Tritões de pedra o que estava acontecendo.

Mas, em compensação, os Pássaros gostavam dele. Tinham-no visto com frequência na floresta, dançando como um elfo atrás das folhas revolteantes, ou acocorado no buraco de algum carvalho anoso, repartindo suas nozes com os esquilos. Não lhes importava um tantinho a feiúra dele, pois, até o rouxinol que canta tão doceamente nos bosques de laranja, à noite, de tal modo que a Lua se inclina frequentemente para ouvi-lo, não é, afinal de contas, lá muito bonito de ver-se, e, além disso tinha sido o Anãozinho muito

bom para com eles, e durante aquele terrível e penoso inverno, quando não havia frutos nas árvores e a terra estava dura como ferro, e os lobos haviam chegado até as próprias portas da cidade em busca de alimento, ele nunca os esqueceu e sempre lhes deu migalhas de seu pequeno mendrugo de pão negro e repartiu com eles, fosse qual fosse, o seu pobre almoço.

Vieram, pois, voar em redor dele, roçando-lhe as faces com suas asas ao passar e conversando uns com os outros. O Anãozinho estava tão contente que não pôde deixar de mostrar-lhes a bela rosa branca e dizer-lhes que lha havia dado a própria Infanta porque o amava.

Os Pássaros não compreenderam uma só palavra do que ele lhes dizia. Mas isto não importava, pois movendo suas cabeças para um lado e outro olhavam-no sabiamente, o que é tão bom como compreender uma coisa e muito mais fácil.

As Lagartixas sentiam também imensa simpatia por ele e, quando se cansou de correr por todos os lados e deixou-se cair sobre a relva para descansar, puseram-se a brincar e a fazer travessuras em redor dele, tentando diverti-lo do melhor modo possível.

— Nem toda a gente pode ser tão bela como uma lagartixa — exclamaram —. Seria exigir muito. E, embora pareça absurdo dizê-lo, não é tão feio, realmente, afinal de contas, contanto que, naturalmente, fechemos os olhos e não o olhemos.

As Lagartixas são extremamente filosóficas por natureza e muitas vezes passam horas e horas ininterruptas a pensar, quando não há outra coisa a fazer, ou quando o tempo está demasiado chuvoso para que elas possam sair.

As Flores, porém, sentiam-se excessivamente aborrecidas com a conduta das Lagartixas e com a conduta dos Pássaros.

— Isto demonstra unicamente — diziam elas —, que produz um efeito vulgaríssimo esse incessante correr e revoltear sem objetivo. As pessoas de nobre estirpe sempre se conservam exatamente no mesmo lugar, como nós. Ninguém jamais nos viu a calcurrar os passeios, ou a galopar loucamente pelo relvado, atrás dos cavalos-do-cão. Quando precisamos mudar de ar, mandamos buscar o jardineiro e ele nos transporta para outro canteiro. Isto é digno e assim deveria ser. Mas os Pássaros e as Lagartixas não têm idéia do repouso e, na verdade, os Pássaros não possuem nem mesmo domicílio fixo, são simples vagabundos como os ciganos e devem ser tratados exatamente da mesma maneira.

E erguendo o nariz no ar e com um aspecto muito altivo, ficaram contentíssimas quando, depois de algum tempo, viram o Anãozinho levantar-se de cima da relva e cruzar o terraço na direção do palácio.

— Deveriam realmente conservá-lo dentro de casa para o resto de sua vida normal — disseram —. Olhem sua corcova e suas pernas tortas — e começaram a rir abafadamente.

Mas o Anãozinho não ouviu nada de tudo isso. Gostava imensamente dos pássaros e das lagartixas e pensava que as flores eram as coisas mais maravilhosas do mundo inteiro, excetuando-se, naturalmente, a Infanta, pois ela lhe havia dado a bela rosa branca e o amava, e isto representava uma grande distinção. Quando desejava ver-se de novo com ela! Fê-lo-la sentar-se à sua direita, sorrir-lhe-la e não mais se afastaria de seu lado, mas faria dele seu companheiro de brinquedos e ele lhe ensinaria toda espécie de ardis deliciosos pois, embora não tivesse estado nunca antes em um palácio, sabia muitas coisas maravilhosas. Sabia fazer gaiolinhas de caniços para que dentro delas cantassem os gafanhotos e transformava as tabocas nodosas de bambu em flauta que Pá gosta tanto de ouvir. Sabia também o grito de cada pássaro e podia chamar os estorninhos lá das copas das árvores ou da laguna a garça real. Conhecía o rastro de cada animal e podia seguir a pista da lebre pelas suas delicadas pegadas e a do javali pelas folhas espezinhadadas. Conhecía todas as danças selvagens, a dança louca com traje vermelho do outono, a dança leve com sandálias azuis sobre os trigais, a dança com brancas grinaldas de neve no inverno e a dança das flores através dos jardins, na primavera. Sabia onde tinham seus ninhos as pombas-trocazes e uma vez em que um caçador aprisionou os pais dos pássaros, ele próprio criou os filhotes, construindo para eles um pequeno pombal no buraco de um olmo desramado. Domesticou-os tão completamente, que, todas as manhãs vinham comer em suas mãos. Ela também os amaria, assim como aos coelhos que fogem precipitadamente por entre os altos fetos, aos gaios com sua plumagem cor de aço e negros bicos, aos ouriços que podem converter-se em uma bola de espinho, às grandes e judiciosas tartarugas que se arrastam pausadamente em redor, movendo suas cabeças e roendo as folhas novas. Sim, ela iria certamente à floresta e brincar com ele. Dar-lhe-ia sua própria caminha e ficaria de vigia ao pé da janela até que amanhecesse, para que as reses bravias não lhe causassem dano, nem os lobos famintos pudessem aproximar-se da choupana. E, ao amanhecer, daria umas pancadinhas nos postigos e a despertaria e sairiam a dançar juntos o dia inteiro. Realmente, a floresta não é nada solitária. Por vezes um bispo a atravessava sobre sua branca mula, lendo um livro ilustrado. Por vezes eram os falcões, com seus gorros de veludo verde e seus jalecos de camurça, que passavam por ali com seus falcões encapuzados, empoleirados nos seus punhos. E na época da vindima, chegavam os lagareiros, de mãos e pés purpúreos, coroados de lustrosa hera, transportando odres que gotejavam vinho; e os carvoeiros se sentavam de noite, em redor de suas enormes fogueiras, observando como os lenhos secos se convertiam lentamente em carvão no fogo, e assando castanhas entre as cinzas. Os bandidos saíam de suas cavernas e divertiam-se com eles. Uma vez, também, vira ele uma magnífica procissão caminhando pela comprida e poeirenta estrada para To-

ledo. Os monges seguiam na frente, cantando suavemente e carregando estandartes brilhantes e cruzes de ouro, e, em seguida, com armaduras prateadas, com arcabuzes e chuços, vinham os soldados, e, em meio deles, caminhavam três homens descalços, com estranhas roupas amarelas pintadas inteiramente de desenhos prodigiosos, levando cirios acesos em suas mãos. Na verdade, muito era o que se podia ver na floresta, e quando a Infanta estivesse cansada, procuraria ele um macio assento de musgo para ela, ou a transportaria em seus braços, pois era muito forte, embora não fosse de grande altura. Faria para ela um colar de bagas vermelhas de briônia, que seria tão lindo como as bagas brancas que trazia em seu vestido e, quando se cansasse delas, poderia tirá-las que ele buscava outras para ela. Presenteá-la-ia com frutas de carvalho e com anêmonas encharcadas de orvalho, e vaga-lumes miúdos que seriam como estrelas no ouro pálido de sua cabeleira.

— Mas, onde estava ela? — perguntou ele à rosa branca, sem obter resposta.

O palácio inteiro parecia adormecido e até mesmo por trás das persianas que não tinham sido fechadas, pesadas cortinas pendiam sobre as janelas, para não deixar entrar a luz. Vagou em derredor, buscando algum lugar por onde entrar e, por fim, encontrou uma portinha secreta que havia ficado aberta. Introduziu-se furtivamente por ela, encontrando-se em um esplêndido vestibulo, mais esplêndido, pensou, do que a floresta, pois, por todas as partes era muito mais dourado, e até o piso era feito de grandes lousas de cores, ajustadas numa espécie de modelo geométrico. Mas a pequena Infanta não estava ali, e unicamente havia umas maravilhosas estátuas brancas que o contemplavam do alto de seus pedestais de jaspe, com tristes olhos inanimados e lábios estranhamente sorridentes.

Na extremidade do vestibulo, pendia uma cortina de veludo negro, ricamente bordada, como que semeada de sóis e estrelas, com as divisas favoritas do rei, bordadas sobre a cor de sua preferência. Estaria ela talvez escondida atrás daquilo? De qualquer modo, tentaria sabê-lo.

Avançou cautelosamente e correu a cortina. Não. Havia unicamente outro salão, mais bonito, pensou, que o outro. As paredes estavam cobertas por uma tapeçaria de Arras, profusamente adornada de verde, representando uma caçada, obra de uns artistas flamengos que haviam demorado na sua composição mais de sete anos. Fora outrora o quarto de João, o Louco, como chamavam aquele rei demente, tão enamorado da caça que, com freqüência, em seu delírio, tinha tentado montar nos enormes cavalos empinados e derubar o cervo acoçado pelos grandes sabujos saltadores, tocando sua trompa de caça e apunhalando com sua adaga o tímido e veloz veado. Agora, era utilizado como sala do conselho e sobre a mesa do centro descansavam as vermelhas pastas dos ministros, estam-

padas de douradas tulipas da Espanha e com as armas e emblemas da Casa de Habsburgo.

O Anãozinho olhou assombrado em redor de si, sem quase atrever-se a prosseguir. Os estranhos e silenciosos cavaleiros que galopavam tão velozmente através das longas clareiras, sem fazer nenhum rumor, pareciam-lhe aqueles terríveis fantasmas de que tinha ouvido os carvoeiros falarem — *os comprachos* — que caçam somente à noite e, se encontram um homem, convertem-no em cervo e lhe dão caça. Mas pensou na linda Infanta e retomou coragem. Necessitava encontrar-se a sós com ela e dizer-lhe que também ele a amava. Talvez estivesse no quarto vizinho.

Atravessou correndo os macios tapetes mouriscos e abriu a porta. Não! Não estava ali tampouco. O quarto estava completamente vazio.

Era um salão de trono, utilizado para a recepção dos embaixadores estrangeiros, quando o rei, coisa que não era freqüente desde algum tempo, acedia em conceder-lhes audiência pessoal; o mesmo salão em que, muitos anos antes, foram recebidos os enviados da Inglaterra para tratar do casamento de sua rainha, então um dos soberanos católicos da Europa, com o primogênito do imperador. Os cortinados eram de couro dourado de Córdoba e uma pesada arandela, também dourada, com braços para trezentas velas, pendia do teto branco e preto. Debaixo de um grande dossel de pano dourado, sobre o qual estavam bordados, em aljófar, os leões e as torres de Castela, erguia-se o próprio trono, coberto com um rico pálio de veludo negro semeado de tulipas de prata e ornado primorosamente de prata e pérolas. Sobre o segundo degrau do trono estava colocado o genuflexório da Infanta, com sua almofada de tecido de prata e, mais embaixo, fora do dossel, erguia-se a cadeira do núncio de Sua Santidade, o único a ter direito de ficar sentado na presença do rei, por ocasião de qualquer cerimônia pública, e cujo chapéu cardinalício, com seus cachos de borlas escarlates, descansava sobre um tamborete de púrpura que havia em frente. Na parede, diante do trono, pendia, em tamanho natural, um retrato de Carlos V, em traje de caça, com um grande mastim a seu lado, e um quadro de Filipe II recebendo a homenagem dos Países Baixos, ocupava o centro da outra parede. Entre as janelas havia um contador de ébano, encrustado de lâminas de marfim, sobre as quais estavam gravadas as figuras da *Dança da Morte*, de Holbein, pela própria mão do famoso mestre, segundo diziam.

Mas o Anãozinho não se importou absolutamente com toda aquela magnificência. Não teria dado sua rosa por todas as pérolas do dossel, nem uma só de suas pétalas pelo próprio trono. O que desejava era ver a Infanta, antes que descesse ao pavilhão e pedir-lhe que se fosse com ele, depois que terminasse sua dança. Aqui, no palácio, o ar era sufocante e pesado; mas na floresta, o vento soprava livremente e os raios do sol afastavam com suas mãos errantes

e douradas as trêmulas folhas. Também havia flores na floresta, não tão esplêndidas talvez como as flôres do jardim, mas, em compensação, de aroma mais suave; jacintos temporões que inundavam com sua púrpura oscilante os frescos vazeinhos e as ladeiras relvosas; primaveras amarelas que se balançavam em pequenas moitas em redor das raízes retorcidas dos carvalhos; brilhantes celidônias e verônicas azuis e lírios lilazes e cor de ouro. Havia cinzentos amêntilhos sobre as avelleiras e as dedaleiras curvavam-se ao peso de seus cálices mosqueados que as abelhas freqüentavam. O castanheiro tinha espirais de estrelas brancas e o espinheiro suas pálidas luas de beleza. Sim; seguramente o seguiria, contanto que pudesse encontrá-la! Acompanhá-la até a bela floresta e passaria o dia inteiro dançando para deleitá-la. Um sorriso iluminou seus olhos ao pensar nisso e ele penetrou na sala vizinha.

De todas as salas era aquela a mais resplandecente e formosa. As paredes estavam cobertas por um damasco de Lucca, com flores rosadas, semeado de pássaros e mosqueado de estranhas flores de prata; os móveis eram de prata maciça, festonados de grinaldas floridas e de cupidos oscilantes. Diante das duas grandes lareiras erguiam-se enormes biombos bordados de papagaios e pavões e o chão, que era de ônix verde-mar parecia estender-se até o horizonte. Não estava sozinho. A sombra da porta, ao fundo da sala, estava de pé um pequeno vulto, contemplando-o. Seu coração tremeu. Um grito de alegria brotou-lhe dos lábios e ele avançou para a luz do sol. Ao fazê-lo, o vulto também se moveu e pôde vê-lo claramente.

A Infanta! Era um monstro, o mais grotesco monstro que alguma vez já vira. Não era devidamente conformado como todas as outras pessoas, mas corcovado e zambeta, com uma enorme cabeça pendente e melenas negras. O Anãozinho franziu o cenho e o monstro fez o mesmo. Ele riu e o monstro riu com ele e pôs as mãos nos quadris, justamente como ele próprio estava fazendo. Curvou-se zombeteiramente e ele retribuiu-lhe a mesma reverência. Avançou para ele e ele veio a seu encontro, imitando cada passo que ele dava e parando quando ele próprio parava. Gritou divertido e correu para ele estendendo-lhe a mão e a mão do monstro tocou a sua, mas estava fria como gelo. Sentiu medo, retirou sua mão e a mão do monstro imitou-o com presteza. Tentou avançar, mas algo liso e duro deteve-o. A cara do monstro estava agora muito perto da sua e parecia cheia de terror. Afastou seus cabelos de cima de seus olhos. Ele imitou-o. Bateu nele e ele lhe devolveu golpe por golpe. Mostrou-lhe repugnância e o monstro fez-lhe horrendas caretas. Retrocedeu e ele também recuou.

Que era aquilo? Pensou um momento e correu a vista detidamente em redor da sala. Era estranho, mas tudo parecia ter sua duplicata naquela parede invisível de água clara. Sim, quadro por quadro e assento por assento, tudo estava repetido. O fauno adormecido que jazia na alcova junto à porta tinha seu irmão gêmeo que

também dormitava e a Vênus de prata que se erguia aos raios do sol estendia seus braços para a outra Vênus tão encantadora quanto ela. Seria o Eco? Uma vez tinha-o chamado no vale e ele lhe respondera palavra por palavra. Poderia ele burlar o olhar como burlava a voz? Poderia criar um mundo mímico igual ao mundo real? Poderiam as sombras das coisas ter cor, vida e movimento? Poderia ser que...?

Sobressaltou-se e, arrancando de seu peito a bela rosa branca, voltou-se e beijou-a. O monstro tinha uma rosa também, idêntica à dêle, pétala por pétala! Beijava-a com os mesmos beijos e apertava-a contra seu coração, fazendo horríveis caretas.

Quando, por fim, despontou nele a verdade, lançou um grito selvagem de desespero e caiu ao solo soluçando. Com que então era ele aquele ser deformado e corcunda, de aspecto vil e grotesco?! Ele próprio era o monstro e era dêle que haviam rido todas as crianças e a princesinha em cujo amor acreditara... ela também tinha zombado apenas da fealdade dele, divertindo-se com suas pernas tortas. Por que não o tinham deixado na floresta, onde não havia espelho que lhe revelasse como era repugnante? Por que não o havia matado seu pai, em vez de vendê-lo para afronta sua? Abrasadoras lágrimas deslizaram por suas faces e ele despedaçou a rosa branca. O monstro estendido fez a mesma coisa e esparziu no ar as tênues pétalas. Arrastou-se pelo chão, sem olhá-lo, cobrindo os olhos com as mãos. Deslizou como uma coisa ferida, na direção da sombra e ali ficou caído, gemendo.

E naquele mesmo momento entrou a própria Infanta com seus companheiros pela janela aberta e, quando viram o feíssimo Anãozinho, estendido no chão e golpeando o piso com os punhos cerrados, da maneira mais fantástica e exagerada, explodiram em alegres gargalhadas e rodearam-no, observando-o.

— Suas danças eram divertidas — disse a Infanta —, mas sua maneira de representar é mais engraçada ainda. Na verdade trabalha quase tão bem como os próprios bonecos, apenas, isto sim, não é tão perfeitamente natural.

E agitou seu grande leque e aplaudiu-o.

Mas o Anãozinho continuava sem erguer a vista e seus soluços foram-se tornando cada vez mais fracos; de repente, porém, lançou um estranho estertor e apertou com força seu lado. E depois caiu de costas e ficou completamente imóvel.

— Isto é magnífico! — disse a Infanta, depois de uma pausa —. Mas agora tens que dançar para mim.

— Sim — gritaram todas as crianças —, você tem de levantar-se e dançar, para isso é você tão habilidoso como os macacos da Berbéria e muito mais ridículo.

Mas o Anãozinho não deu resposta.

E a Infanta bateu no chão com o pé e chamou seu tio, que estava passeando pelo terraço com o camareiro, lendo uns despachos

que acabavam de chegar do México, onde havia sido estabelecido recentemente o Santo Ofício.

— Meu engraçado Anãozinho está de mau humor — exclamou ela —. Levante-o e diga-lhe que dance para mim.

Sorriram eles um para o outro e entraram pausadamente. Dom Pedro inclinou-se e deu uma palmadinha na bochecha do Anãozinho com sua luva bordada.

— Tens que dançar — disse —, *petit monstre*.<sup>9</sup> Tens que dançar. A Infanta de Espanha e das Índias quer divertir-se.

Mas o Anãozinho continuou imóvel.

— Deve-se mandar buscar o encarregado dos açoites — disse Dom Pedro, aborrecido, e voltou para o terraço. Mas o camareiro olhou gravemente e, ajoelhando-se ao lado do Anãozinho, pôs-lhe a mão sobre o coração. E depois de uns momentos, encolheu os ombros, levantou-se e, fazendo uma grande reverência à Infanta, disse-lhe:

— *Mi bella princesa*,<sup>10</sup> vosso engraçado Anãozinho nunca mais dançará de novo. É pena, porque é tão feio que poderia ter feito o rei sorrir.

— Mas por que não dançará ele de novo? — perguntou a Infanta, rindo.

— Porque seu coração partiu-se — respondeu o camareiro.

E a Infanta fechou a cara e seus delicados lábios, como pétalas de rosa, crisparam-se num lindo desdém.

— D agora por diante, que os que vêm brincar comigo não tenham coração — gritou ela e correu para o jardim.

<sup>9</sup> Monstrinho. <sup>10</sup> Minha bela Princesa.

Anexo III – Tradução do conto The Birthday of the Infanta, por Luciana Salgado, Editora Landmark.

COPYRIGHT © 2004-2018 BY EDITORA LANDMARK LTDA  
 TODOS OS DIREITOS RESERVADOS À EDITORA LANDMARK LTDA.  
 TEXTO ADAPTADO À NOVA ORTOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA DECRETO Nº 6.583, DE 29 DE SETEMBRO DE 2008

PRIMEIRA EDIÇÃO:

"THE HAPPY PRINCE AND OTHER TALES": DAVID NUTT PUBLISHER, LONDRES; MAIO DE 1888.  
 "THE PICTURE OF MR. W. H.": BLACKWOOD'S MAGAZINE, LONDRES; 1889.  
 "LORD ARTHUR SAVILE'S CRIME AND OTHER STORIES": JAMES R. OSGOOD, MCILVAINE & CO., LONDRES; 1891  
 "A HOUSE OF POMEGRANATES": JAMES R. OSGOOD, MCILVAINE & CO., LONDRES; 1891

DIRETOR EDITORIAL: FABIO PEDRO-CYRINO  
 TRADUÇÃO, PREFÁCIO E NOTAS: LUCIANA SALGADO  
 REVISÃO: FRANCISCO DE FREITAS  
 REVISÃO E ADEQUAÇÃO TEXTUAL: FABIO PEDRO-CYRINO

DIAGRAMAÇÃO E CAPA: ARQUÉTIPO DESIGN+COMUNICAÇÃO  
 IMPRESSÃO E ACABAMENTO: ASSOCIAÇÃO RELIGIOSA E GRÁFICA IMPRENSA DA FÉ

WILDE, OSCAR (1854-1900)  
 CONTOS COMPLETOS / OSCAR WILDE; (TRADUÇÃO, PREFÁCIO E NOTAS DE LUCIANA SALGADO)  
 – SÃO PAULO: LANDMARK, 2013.

CONTEÚDO: O PRÍNCIPE FELIZ E OUTROS CONTOS -- O RETRATO DO SR. W. H. --  
 O CRIME DE LORDE ARTHUR SAVILE E OUTRAS HISTÓRIAS -- A CASA DAS ROMãs.

CONTEÚDO ORIGINAL: THE HAPPY PRINCE AND OTHER TALES -- THE PICTURE OF MR. W. H.  
 -- LORD ARTHUR SAVILE'S CRIME AND OTHER STORIES -- A HOUSE OF POMEGRANATES

EDIÇÃO BILÍNGUE: PORTUGUÊS/INGLÊS  
 EDIÇÃO ESPECIAL DE LUXO  
 ISBN 978-85-8070-033-6

1. CONTOS INGLESES. I. SALGADO, LUCIANA. II. TÍTULO.

13-11640 CDD: 823.91

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:  
 1. CONTOS : LITERATURA INGLESA 823.91

2ª REIMPRESSÃO REVISADA E REDIAGRAMADA: JANEIRO 2018

TEXTOS ORIGINAIS EM INGLÊS DE DOMÍNIO PÚBLICO.  
 RESERVADOS TODOS OS DIREITOS DESTA TRADUÇÃO E PRODUÇÃO.  
 NENHUMA PARTE DESTA OBRA PODERÁ SER REPRODUZIDA ATRAVÉS DE QUALQUER MÉTODO, NEM SER DISTRIBUÍDA E/OU ARMAZENADA  
 EM SEU TODO OU EM PARTES ATRAVÉS DE MEIOS ELETRÔNICOS SEM PERMISSÃO EXPRESSA DA EDITORA LANDMARK LTDA, CONFORME  
 LEI Nº 9610, DE 19/02/1998

EDITORA LANDMARK  
 RUA ALFREDO PUJOL, 285 - 12º ANDAR - SANTANA  
 02017-010 - SÃO PAULO - SP  
 TEL.: +55 (11) 2711-2566 / 2950-9095  
 E-MAIL: EDITORA@EDITORALANDMARK.COM.BR

WWW.EDITORALANDMARK.COM.BR

IMPRESSO NO BRASIL  
 PRINTED IN BRAZIL  
 2018

## THE BIRTHDAY OF THE INFANTA

TO

MRS. WILLIAM H. GRENFELL, OF TAPLOW COURT.\*

It was the birthday of the Infanta<sup>†</sup>. She was just twelve years of age, and the sun was shining brightly in the gardens of the palace.

Although she was a real Princess and the Infanta of Spain, she had only one birthday every year, just like the children of quite poor people, so it was naturally a matter of great importance to the whole country that she should have a really fine day for the occasion. And a really fine day it certainly was. The tall striped tulips stood straight up upon their stalks, like long rows of soldiers, and looked defiantly across the grass at the roses, and said: "We are quite as splendid as you are now." The purple butterflies fluttered about with gold dust on their wings, visiting each flower in turn; the little lizards crept out of the crevices of the wall, and lay basking in the white glare; and the pomegranates split and cracked with the heat, and showed their bleeding red hearts. Even the pale yellow lemons, that hung in such profusion from the mouldering trellis and along the dim arcades, seemed to have caught a richer colour from the wonderful sunlight, and the magnolia trees opened their great globe-like blossoms of folded ivory, and filled the air with a sweet heavy perfume.

The little Princess herself walked up and down the terrace with her companions, and played at hide-and-seek round the stone vases and the old moss-grown statues. On ordinary days she was only allowed to play with children of her own rank, so she had always to play alone, but her birthday was an exception, and the King had given orders that she was to invite any of her young friends whom she liked to come and amuse themselves with her. There was a stately grace about these slim Spanish children as they glided about: the boys with their large-plumed hats and short fluttering cloaks; the girls holding up the trains of their long brocaded gowns, and shielding the sun from their eyes with huge fans of black and silver. But the Infanta was the most graceful of all, and the most tastefully attired, after the somewhat cumbersome fashion of the day. Her robe was of grey satin, the skirt and the wide puffed sleeves heavily embroidered with silver, and the stiff corset studded with rows of fine pearls. Two tiny slippers with big pink rosettes peeped out beneath her dress as she walked. Pink and pearl was her great gauze fan, and in her hair, which like an aureole of faded gold stood

\* Ethel Anne Priscilla Grenfell (1867-1952) and her husband, William H. Grenfell, Lord Desborough of Taplow Court, was a member of a group of intellectuals who called themselves "The Souls." Wilde was a frequent visitor to his meetings.

† Royal and noble ranks of the monarchies in Portugal and Spain. Infante, the masculine term, or infanta, the feminine term, are sons of the king, however, they are not the heirs of the throne.

## O ANIVERSÁRIO DA INFANTA

PARA

MRS. WILLIAM H. GRENFELL, DE TAPLOW COURT.\*

Era o dia do aniversário da Infanta<sup>†</sup>. Ela tinha apenas doze anos de idade, e o sol estava a brilhar, a retiluzir, nos jardins do palácio.

Embora fosse uma verdadeira Princesa e a Infanta de Espanha, tinha apenas um aniversário por ano, tal como os filhos dos muito pobres e naturalmente era uma questão de grande importância para o país que tivesse um dia realmente belo para a ocasião. E um dia realmente bom certamente foi. As altas tulipas raiadas mantinham-se eretas nos talos, tal qual longas fileiras de soldados a olhar desafiadoramente através da relva para as rosas, e diziam: "Somos tão esplêndidas quanto vós agora." Borboletas púrpuras vibravam com pó dourado as asas, visitando uma flor de cada vez; as pequenas lagartixas saíam pelas frestas dos muros e deitavam-se, aquecendo-se no brilho branco; e, com o calor, as romãs estalavam e abriam, mostrando os corações vermelho-sangue. Até os pálidos limões amarelos, que pendiam em profusão das treliças apodrecidas e ao longo das escuras arcadas, pareciam tomar uma cor mais rica da luz maravilhosa do sol e as árvores de magnólia abriam os botões de marfim arqueados, redondos e grandes, preenchendo o ar com o perfume doce e encorpado.

A Princesinha caminhava subindo e descendo o terraço com as companhias e brincava de esconde-esconde por entre os vasos de pedra e velhas estátuas cheias de musgo. Em dias comuns à ela era apenas permitido brincar com crianças da mesma cepa, e por isso sempre brincava sozinha, mas o seu aniversário era uma exceção, e o Rei ordenara que convidasse qualquer amiguinho que gostasse para vir e divertir-se com ela. Havia uma graça imponente nas esbeltas crianças espanholas ao deslizarem: os meninos com chapéus emplumados e mantos curtos ondulantes; as meninas com a cauda de longos vestidos de brocado e protegendo os olhos do sol com imensos leques negros e prateados. Mas a Infanta era a mais graciosa de todos e a mais elegantemente vestida, conforme a mais incômoda moda do dia. O seu manto era de etim cinza, a saia e as mangas eram amplas, pesadamente bordadas com prata, e o rijo corpete era cravejado com linhas de pérolas refinadas. Dois chinelinhos com grandes rosetas cor-de-rosa entreviam-se por baixo do vestido enquanto ela caminhava. Rosa e perolado era o seu grande leque de gaze; e, no cabelo, que parecia uma aureola de ouro clarinho,

\* Ethel Anne Priscilla Grenfell (1867-1952) e seu marido, William H. Grenfell, Lord Desborough de Taplow Court, era membro de um grupo de intelectuais que se autointitulava "As Almas". Wilde era um visitante frequente de suas reuniões.

† Título nobiliárquico das monarquias de Portugal e Espanha. Infante, o termo masculino, ou infanta, o termo feminino, são os filhos do rei, porém não são os herdeiros do trono.

out stiffly round her pale little face, she had a beautiful white rose.

From a window in the palace the sad melancholy King watched them. Behind him stood his brother, Don Pedro of Aragon, whom he hated, and his confessor, the Grand Inquisitor of Granada, sat by his side. Sadder even than usual was the King, for as he looked at the Infanta bowing with childish gravity to the assembling counters, or laughing behind her fan at the grim Duchess of Albuquerque who always accompanied her, he thought of the young Queen, her mother, who but a short time before – so it seemed to him – had come from the gay country of France, and had withered away in the sombre splendour of the Spanish court, dying just six months after the birth of her child, and before she had seen the almonds blossom twice in the orchard, or plucked the second year's fruit from the old gnarled fig-tree that stood in the centre of the now grass-grown courtyard. So great had been his love for her that he had not suffered even the grave to hide her from him. She had been embalmed by a Moorish physician, who in return for this service had been granted his life, which for heresy and suspicion of magical practices had been already forfeited, men said, to the Holy Office; and her body was still lying on its tapestried bier in the black marble chapel of the Palace, just as the monks had borne her in on that windy March day nearly twelve years before. Once every month the King, wrapped in a dark cloak and with a muffled lantern in his hand, went in and knelt by her side calling out, "Mi reina! Mi reina!" and sometimes breaking through the formal etiquette that in Spain governs every separate action of life, and sets limits even to the sorrow of a King, he would clutch at the pale jewelled hands in a wild agony of grief, and try to wake by his mad kisses the cold painted face.

Today he seemed to see her again, as he had seen her first at the Castle of Fontainebleau, when he was but fifteen years of age, and she still younger. They had been formally betrothed on that occasion by the Papal Nuncio in the presence of the French King and all the Court, and he had returned to the Escorial bearing with him a little ringlet of yellow hair, and the memory of two childish lips bending down to kiss his hand as he stepped into his carriage. Later on had followed the marriage, hastily performed at Burgos, a small town on the frontier between the two countries, and the grand public entry into Madrid with the customary celebration of high mass at the Church of La Atocha, and a more than usually solemn auto-da-fé<sup>‡</sup>, in which nearly three hundred heretics, amongst whom were many Englishmen, had been delivered over to the secular arm to be burned.

Certainly he had loved her madly, and to the ruin, many thought, of his country, then at war with England for the possession of the empire of the New World. He had hardly ever permitted her to be out of his sight; for her, he had forgotten, or seemed to have forgotten, all grave affairs of State; and, with that terrible blindness that passion brings upon its servants, he had failed to notice that the elaborate ceremonies by which he sought to please her did but aggravate the strange malady from which she suffered. When she died he was, for a time, like one bereft of reason. In-

\* In the original in Spanish: My queen! My queen!

† Auto-da-fé, or act of faith, refers to publicly performed penance events with the humiliation of heretics and apostates, as well as executions as punishment for a repeated heretical offense, as a result of conviction by a religious tribunal, put into practice by the Inquisition, especially in Portugal and Spain, between the 15<sup>th</sup> and 19<sup>th</sup> centuries.

levantado e duro em torno do rostinho pálido, ela trazia uma bela rosa branca.

De uma das janelas no palácio, o triste e melancólico Rei observava-os. Além dele estava o irmão, Dom Pedro de Aragão, a quem ele odiava, e o seu confessor, o Grande Inquisidor de Granada sentado ao seu lado. Mais triste ainda que de costume estava o Rei, pois ao ver a Infanta a fazer mesuras com uma reverência infantil aos cortesãos reunidos ou a vir atrás do leque da severa Duquesa de Albuquerque, que sempre a acompanhava, lembrou-se da jovem Rainha, a mãe dela que há pouco – ao menos assim parecia-lhe – chegara do alegre reino de França e que desvanecera no sombrio esplendor da corte espanhola e que morrera exatamente seis meses após o nascimento da filha; e antes de ter visto as amêndoas brotarem duas vezes no pomar ou apanhado as frutas da segunda florada da velha figueira retorcida que ficava no centro do pátio, onde agora cresce a relva. Tão grande tinha sido o seu amor por ela que nem mesmo permitiu que o sepulcro a ocultasse dele. Foi embalsamada por um médico mouro, a quem, como pagamento pelo serviço, foi concedido o direito à vida, pois fora condenada por heresia e suspeita de prática de magia, como diziam, pelo Santo Ofício; e o corpo dela ainda jazia no atáfede recoberto com tapetes bordados, na capela de mármore negro do Palácio, exatamente como os monges tinham-na deixado naquele dia de março ventoso quase doze anos antes. Uma vez por mês, o Rei, envolto num manto negro e com uma lanterna escondida na mão, entrava na capela e ajoelhava-se ao lado dela, clamando, "Mi reina! Mi reina!" e, algumas vezes, ao quebrar a rígida etiqueta que em Espanha rege cada ato individual da vida e que impõe limites mesmo à tristeza de um Rei, apertava as pálidas mãos coberta de joias numa selvagem agonia de dor e tentava, com beijos enlouquecidos, reviver o rosto maquiado e frio.

Hoje ele parecia vê-la novamente como vira-a pela primeira vez no Castelo de Fontainebleau, quando ele tinha apenas quinze anos de idade e ela ainda mais jovem. Foram formalmente declarados noivos na ocasião pelo Nuncio Papal na presença do rei francês e de toda a corte, e ele voltou para o Escorial, tendo com ele um pequeno anelzinho de cabelos loiros e a lembrança dos lábios infantis a beijar-lhe a mão assim que ele entrou na carruagem. Mais tarde seguiu-se o casamento, realizado rapidamente em Burgos, uma pequena cidade na fronteira entre os dois países, e a formidável entrada pública em Madrid, com a habitual celebração da missa solene na Igreja de La Atocha, e o mais corriqueiro e solene auto-da-fé<sup>‡</sup>, no qual quase três centenas de hereges, entre os quais muitos ingleses, foram entregues ao braço secular para serem queimados.

Com certeza amou-a loucamente para a ruína, segundo muitos pensavam, do seu próprio país que na época estava em guerra com a Inglaterra pela posse do império do Novo Mundo. Dificilmente permitia que ela ficasse longe dos seus olhos; por ela, esquecera ou parecia ter esquecido todos os importantes assuntos de Estado; e com a terrível cegueira que a paixão traz aos seus servos, falhou em não perceber que as rebuscadas cerimônias com que buscou agradá-la só serviram para agravar o estranho mal de que ela sofria. Quando ela morreu, ele ficou por um tempo igual a alguém

\* No original em espanhol: Minha rainha! Minha rainha!

† Auto-da-fé refere-se aos eventos de penitência realizados publicamente com a humilhação de herejes e de apostatas, bem como execuções como punição a uma ofensa herética repetida, em consequência da condenação realizada por um tribunal religioso, postos em prática pela Inquisição, principalmente em Portugal e Espanha, entre os séculos XV e XIX.

deed, there is no doubt but that he would have formally abdicated and retired to the great Trappist monastery at Granada, of which he was already titular Prior, had he not been afraid to leave the little Infanta at the mercy of his brother, whose cruelty, even in Spain, was notorious, and who was suspected by many of having caused the Queen's death by means of a pair of poisoned gloves that he had presented to her on the occasion of her visiting his castle in Aragon. Even after the expiration of the three years of public mourning that he had ordained throughout his whole dominions by royal edict, he would never suffer his ministers to speak about any new alliance, and when the Emperor himself sent to him, and offered him the hand of the lovely Archduchess of Bohemia, his niece, in marriage, he bade the ambassadors tell their master that the King of Spain was already wedded to Sorrow, and that though she was but a barren bride he loved her better than Beauty; an answer that cost his crown the rich provinces of the Netherlands, which soon after, at the Emperor's instigation, revolted against him under the leadership of some fanatics of the Reformed Church.

His whole married life, with its fierce, fiery-coloured joys and the terrible agony of its sudden ending, seemed to come back to him today as he watched the Infanta playing on the terrace. She had all the Queen's pretty petulance of manner, the same wilful way of tossing her head, the same proud curved beautiful mouth, the same wonderful smile – *vrai sourire de France*<sup>\*</sup> indeed – as she glanced up now and then at the window, or stretched out her little hand for the stately Spanish gentlemen to kiss. But the shrill laughter of the children grated on his ears, and the bright pitiless sunlight mocked his sorrow, and a dull odour of strange spices, spices such as embalmers use, seemed to taint – or was it fancy? – the clear morning air. He buried his face in his hands, and when the Infanta looked up again the curtains had been drawn, and the King had retired.

She made a little *moue*<sup>\*\*</sup> of disappointment, and shrugged her shoulders. Surely he might have stayed with her on her birthday. What did the stupid State-affairs matter? Or had he gone to that gloomy chapel, where the candles were always burning, and where she was never allowed to enter? How silly of him, when the sun was shining so brightly, and everybody was so happy! Besides, he would miss the sham bull-fight for which the trumpet was already sounding, to say nothing of the puppet-show and the other wonderful things. Her uncle and the Grand Inquisitor were much more sensible. They had come out on the terrace, and paid her nice compliments. So she tossed her pretty head, and taking Don Pedro by the hand, she walked slowly down the steps towards a long pavilion of purple silk that had been erected at the end of the garden, the other children following in strict order of precedence, those who had the longest names going first.

\*\*\*\*

A procession of noble boys, fantastically dressed as toreadors, came out to meet her, and the young Count of *Tierra Nueva*, a wonderfully handsome lad of about fourteen years of age, uncovering his head with all the grace of a born hidalgo and

\* Concerning the Order of Cistercians of the Strict Observance, a Benedictine branch of the Order of Cistercians, commonly referred to as Trappists, founded in 1140.  
\*\* In the original in French, "the legitimate smile of France."  
\*\*\* In the original in French, *grimace, moue*.

grandee of Spain, led her solemnly in to a little gilt and ivory chair that was placed on a raised dais above the arena. The children grouped themselves all round, fluttering their big fans and whispering to each other, and Don Pedro and the Grand Inquisitor stood laughing at the entrance. Even the Duchess – the *Camerera-Mayor* as she was called – a thin, hard-featured woman with a yellow ruff, did not look quite so bad-tempered as usual, and something like a chill smile flitted across her wrinkled face and twitched her thin bloodless lips.

It certainly was a marvellous bull-fight, and much nicer, the Infanta thought, than the real bull-fight that she had been brought to see at Seville, on the occasion of the visit of the Duke of Parma to her father. Some of the boys pranced about on richly-caparisoned hobby-horses brandishing long javelins with gay streamers of bright ribands attached to them; others went on foot waving their scarlet cloaks before the bull, and vaulting lightly over the barrier when he charged them; and as for the bull himself, he was just like a live bull, though he was only made of wicker-work and stretched hide, and sometimes insisted on running round the arena on his hind legs, which no live bull ever dreams of doing. He made a splendid fight of it too, and the children got so excited that they stood up upon the benches, and waved their lace handkerchiefs and cried out, *Bravo toro! Bravo toro!* just as sensibly as if they had been grown-up people. At last, however, after a prolonged combat, during which several of the hobby-horses were gored through and through, and their riders dismounted, the young Count of *Tierra Nueva* brought the bull to his knees, and having obtained permission from the Infanta to give the *coup de grâce*<sup>\*</sup>, he plunged his wooden sword into the neck of the animal with such violence that the head came right off, and disclosed the laughing face of little *Monsieur de Lorraine*, the son of the French Ambassador at Madrid.

The arena was then cleared amidst much applause, and the dead hobbyhorses dragged solemnly away by two Moorish pages in yellow and black liveries, and after a short interlude, during which a French posture-master performed upon the tightrope, some Italian puppets appeared in the semi-classical tragedy of *Sophonisba*<sup>\*\*</sup> on the stage of a small theatre that had been built up for the purpose. They acted so well, and their gestures were so extremely natural, that at the close of the play the eyes of the Infanta were quite dim with tears. Indeed some of the children really cried, and had to be comforted with sweetmeats, and the Grand Inquisitor himself was so affected that he could not help saying to Don Pedro that it seemed to him intolerable that things made simply out of wood and coloured wax, and worked mechanically by wires, should be so unhappy and meet with such terrible misfortunes.

An African juggler followed, who brought in a large flat basket covered with a red cloth, and having placed it in the centre of the arena, he took from his turban a curious reed pipe, and blew through it. In a few moments the cloth began to move, and as the pipe grew shriller and shriller two green and gold snakes put out their

\* In the original in French: decisive blow.

\*\* *Sophonisba* was a Carthaginian princess, who even promised to Prince Massinissa, was given in marriage to King Syphax in exchange for his support of Carthage. Syphax, when he was captured by General Scipio Africanus, began to support Rome. Then *Sophonisba* attempted to take Massinissa to the Carthaginian cause, but Syphax, who was grateful to Scipio for the treatment he had received, warned him of his former wife's behavior. Scipio demanded that she be brought to his presence, but Massinissa intervened, sending poison to her and forcing *Sophonisba* to commit suicide.

privado da razão. De fato, não há dúvida de que teria abdicado formalmente ao trono e retirado-se para o grande monastério trappista em Granada, do qual já era o prior titular, não fosse o medo de deixar a pequena Infanta à mercê do irmão, cuja crueldade, mesmo em Espanha, era notória, e que era suspeito por muitos de ter provocado a morte da Rainha por meio dum par de luvas envenenadas que apresentara-a na ocasião em que recebeu-a em visita ao seu castelo em Aragão. Mesmo após os três anos de luto oficial que o Rei impusera a todos os seus domínios, mediante édito real, nunca permitiu que os ministros falassem sobre qualquer nova aliança; e quando o próprio Imperador dirigiu-se a ele e ofereceu-lhe em casamento a mão da adorável Arquiduquesa da Boêmia, a sua sobrinha, ordenou aos embaixadores que dissessem ao mestre que o Rei de Espanha já casara-se com a Tristezza, e apesar de ela ser uma noiva estéril, amava-a mais que a Beleza; uma resposta que custou-lhe a coroa das ricas províncias dos Países Baixos que, logo depois, instigadas pelo Imperador, revoltaram-se contra ele sob a liderança de alguns fanáticos da Igreja Reformada.

Toda a sua vida conjugal de alegria feroz e ardente, e a terrível agonia do fim repentino, pareceram-lhe retomar hoje ao observar a Infanta brincando no terraço. Tinha a graciosa maneira petulante da Rainha, a mesma forma deliberada de jogar a cabeça, o contorno altivo dos belos lábios; o mesmo sorriso maravilhoso – *vrai sourire de France*<sup>\*</sup>, de fato – quando mirava a janela vez ou outra, ou quando oferecia a mãozinha para os imponentes cavaleiros de Espanha beijar. Mas o riso estridente das crianças irritava os seus ouvidos; a brilhante e impiedosa luz do sol zombava da sua dor e um odor carregado de estranhas especiarias, iguais àquelas usadas pelos embalsamadores parecia envenenar – ou seria imaginação? – o ar límpido da manhã. Ele enterrou o rosto por entre as suas mãos e quando a Infanta olhou novamente as cortinas tinham sido fechadas e o Rei havia retirado-se.

Ela fez uma pequena *moue*<sup>\*\*</sup> de desapontamento, e deu de ombros. Certamente devia permanecer com ela no dia do seu aniversário. Que importância tinha os estúpidos assuntos de Estado? Ou teria ele ido à tenebrosa capela onde as velas estavam sempre queimando e aonde nunca foi autorizada a entrar? Que tolice a dele justo quando o sol estava brilhando tão refulgente e todo mundo estava tão feliz! Além do mais, perderia a simulação da tourada que as trombetas já anunciavam, para não falar do teatro de marionetes e das outras coisas maravilhosas. O seu tio e o Grande Inquisidor eram bem mais sensatos. Saíram ao terraço e prestaram-lhe amáveis elogios. Então ela meneou a sua bela cabeça, e ao tomar Dom Pedro pela mão, caminhou lentamente para baixo na direção de um extenso pavilhão de seda púrpura erguido na extremidade do jardim; as outras crianças seguiram-na, obedecendo a severa ordem de precedência, segundo a qual as de nomes mais longos deveriam ir primeiro.

\*\*\*\*

Um desfile de jovens nobres deslumbrantemente vestidos de toreadores veio ao encontro dela e o jovem Conde de *Tierra Nueva*, rapaz maravilhosamente belo, com seus quatorze anos, a descobrir a cabeça com a graça de alguém nascido fidalgo e grande

\* Relativo à Ordem dos Cistercienses da Estrita Observância, um ramo beneditino da Ordem dos Cistercienses, vulgarmente designado como Trappistas, fundado em 1140.  
\*\* No original em francês, "o legítimo sorriso de França."  
\*\*\* No original em francês, *carca, careta, moue*.

de Espanha, conduziu-a solenemente à cadeirinha dourada de marfim, colocada sobre uma plataforma elevada acima da arena. As crianças agruparam-se ao redor, abanando os grandes leques e cochichando umas com as outras, e Dom Pedro e o Grande Inquisidor permaneceram rindo à entrada. Mesmo a Duquesa – a *Camerera-Mayor* como era chamada – uma mulher esbelta e severa com uma gola amarela de tufo engomadas, não parecia tão mal humorada como de costume e algo semelhante a um sorriso fio passou rapidamente pelo rosto enrugado e contorceu-se sobre os seus finos lábios descorados.

Certamente tratava-se de magnífica tourada, e muito mais agradável, pensou a Infanta, que as verdadeiras touradas às quais fora levada para assistir em Sevilha, por ocasião da visita do Duque de Parma ao seu pai. Alguns garotos empinavam os cavalos-de-pau ricamente adornados, brandindo dardos compridos, com alegres fitas brilhantes presas a eles; outros vinham a pé, agitando as capas escarlates diante do touro e saltando com facilidade o cercado, quando perseguia-os; e quanto ao próprio touro, parecia-se muito com um animal de verdade, apesar de ser feito apenas de vime e de couro esticado e insistia, algumas vezes, em correr pela arena apenas com as patas traseiras, coisa que nenhum touro vivo jamais soube fazer. Fez uma esplêndida luta também e as crianças ficaram tão excitadas que ficaram em cima da bancada, agitando os lenços rendilhados e gritando, *Bravo toro! Bravo toro!* tão sensatamente como os adultos. Por fim, no entanto, após um combate prolongado, durante o qual vários dos cavalos-de-pau foram chifrados mais de uma vez e os seus cavaleiros desmontados, o jovem Conde de *Tierra Nueva* trouxe o touro até os seus joelhos e tendo obtido permissão da Infanta para desferir o *coup de grâce*<sup>\*</sup>, mergulhou a sua espada de madeira no pescoço do animal com tamanha violência que a cabeça se despreendeu, descobrindo a face sorridente do pequeno *Monsieur de Lorraine*, o filho do embaixador francês em Madrid.

A arena foi então liberada em meio de aplausos, e os cavalos-de-pau mortos solenemente arrastados por dois pajens mouros, vestidos com libré amarelas e negras, e após um pequeno intervalo, durante o qual um experiente equilibrista francês se exibiu sobre a corda-bamba, alguns fantoches italianos representaram a tragédia clássica *Sophonisba*<sup>\*\*</sup> no palco do pequenino teatro construído especialmente para esse propósito. Atuaram tão bem, com gestos tão naturais, que ao final da peça os olhos da Infanta estavam completamente cobertos de lágrimas. De fato, algumas crianças choraram realmente, e foram consoladas com docinhos, e mesmo o Grande Inquisidor ficou tão emocionado que não pode evitar dizer a Dom Pedro que lhe parecia intolerável que coisas feitas simplesmente de madeira e cera colorida, movidas mecanicamente por arames, pudessem ser tão infelizes e acometidas de tão terríveis infortúnios.

Em seguida, veio um malabarista africano que trouxe uma cesta grande e plana coberta com um pano vermelho e, tendo-a colocado no centro da arena, tirou do turbante uma estranha flauta de junco e soprou através dela. Após alguns momentos o pano começou a mover-se, e enquanto a flauta se tornava cada vez mais estridente

\* No original em francês: golpe de misericórdia.

\*\* *Sophonisba* foi uma princesa cartaginesa, que mesmo prometida para o príncipe Massinissa, foi dada em casamento ao Rei Sifax em troca do seu apoio a Cartago. Sifax, ao ser capturado pelo general Cipião Africano, passou a apoiar Roma. *Sophonisba* então tentou levar Massinissa para a causa cartaginesa, porém Sifax, que era grato a Cipião pelo tratamento que ele havia recebido, avisou-o sobre o comportamento da sua ex-esposa. Cipião exigiu que ela fosse levada à sua presença, porém Massinissa interveio, ao enviar-lhe veneno e a forçar *Sophonisba* a suicidar-se.

strange wedge-shaped heads and rose slowly up, swaying to and fro with the music as a plant sways in the water. The children, however, were rather frightened at their spotted hoods and quick darting tongues, and were much more pleased when the juggler made a tiny orange-tree grow out of the sand and bear pretty white blossoms and clusters of real fruit; and when he took the fan of the little daughter of the Marquess de Las Torres, and changed it into a blue bird that flew all round the pavilion and sang, their delight and amazement knew no bounds. The solemn minuet, too, performed by the dancing boys from the church of *Nuestra Señora Del Pilar*, was charming. The Infanta had never before seen this wonderful ceremony which takes place every year at Maytime in front of the high altar of the Virgin, and in her honour; and indeed none of the royal family of Spain had entered the great cathedral of Saragossa since a mad priest, supposed by many to have been in the pay of Elizabeth of England, had tried to administer a poisoned wafer to the Prince of the Asturias. So she had known only by hearsay of "Our Lady's Dance" as it was called, and it certainly was a beautiful sight. The boys wore old-fashioned court dresses of white velvet, and their curious three-cornered hats were fringed with silver and surmounted with huge plumes of ostrich feathers; the dazzling whiteness of their costumes, as they moved about in the sunlight, being still more accentuated by their swarthy faces and long black hair. Everybody was fascinated by the grave dignity with which they moved through the intricate figures of the dance, and by the elaborate grace of their slow gestures, and stately bows, and when they had finished their performance and doffed their great plumed hats to the Infanta, she acknowledged their reverence with much courtesy, and made a vow that she would send a large wax candle to the shrine of Our Lady of Pilar in return for the pleasure that she had given her.

A troop of handsome Egyptians – as the gipsies were termed in those days – then advanced into the arena, and sitting down cross-legs, in a circle, began to play softly upon their zithers, moving their bodies to the tune, and humming, almost below their breath, a low dreamy air. When they caught sight of Don Pedro they scowled at him, and some of them looked terrified, for only a few weeks before he had had two of their tribe hanged for sorcery in the market-place at Seville, but the pretty Infanta charmed them as she leaned back peeping over her fan with her great blue eyes, and they felt sure that one so lovely as she was could never be cruel to anybody. So they played on very gently and just touching the cords of the zithers with their long pointed nails, and their heads began to nod as though they were falling asleep. Suddenly, with a cry so shrill that all the children were startled and Don Pedro's hand clutched at the agate pommel of his dagger, they leapt to their feet and whirled madly round the enclosure beating their tambourines, and chanting some wild love-song in their strange guttural language. Then at another signal they all flung themselves again to the ground and lay there quite still, the dull strumming of the zithers being the only sound that broke the silence. After that he had done this several times, they disappeared for a moment and came back leading a brown shaggy bear by a chain, and carrying on their shoulders some little Barbary apes. The bear stood upon his head with the utmost gravity, and the wizened apes played all kinds of amusing tricks with two gipsy boys who seemed to be their masters; and fought with tiny swords, and fired off guns, and went through a regular soldier's drill just like the King's own bodyguard. In fact the gipsies were a great success.

But the funniest part of the whole morning's entertainment, was undoubtedly

the dancing of the little Dwarf. When he stumbled into the arena, waddling on his crooked legs and wagging his huge misshapen head from side to side, the children went off into a loud shout of delight, and the Infanta herself laughed so much that the *Camerera* was obliged to remind her that although there were many precedents in Spain for a King's daughter weeping before her equals, there were none for a Princess of the blood royal making so merry before those who were her inferiors in birth. The Dwarf, however, was really quite irresistible, and even at the Spanish Court, always noted for its cultivated passion for the horrible, so fantastic a little monster had never been seen. It was his first appearance, too. He had been discovered only the day before, running wild through the forest, by two of the nobles who happened to have been hunting in a remote part of the great cork-wood that surrounded the town, and had been carried off by them to the Palace as a surprise for the Infanta; his father, who was a poor charcoal-burner, being but too well pleased to get rid of so ugly and useless a child. Perhaps the most amusing thing about him was his complete unconsciousness of his own grotesque appearance. Indeed he seemed quite happy and full of the highest spirits. When the children laughed, he laughed as freely and as joyously as any of them, and at the close of each dance he made them each the funniest of bows, smiling and nodding at them just as if he was really one of themselves, and not a little misshapen thing that Nature, in some humourous mood, had fashioned for others to mock at. As for the Infanta, she was absolutely fascinated him. He could not keep his eyes off her, and seemed to dance for her alone, and when at the close of the performance, remembering how she had seen the great ladies of the Court throw bouquets to Caffarelli, the famous Italian treble, whom the Pope had sent from his own chapel to Madrid that he might cure the King's melancholy by the sweetness of his voice, she took out of her hair the beautiful white rose, and partly for a jest and partly to tease the *Camerera*, threw it to him across the arena with her sweetest smile. He took the whole matter quite seriously, and pressing the flower to his rough coarse lips he put his hand upon his heart, and sank on one knee before her, grinning from ear to ear, and with his little bright eyes sparkling with pleasure.

This so upset the gravity of the Infanta that she kept on laughing long after the little Dwarf had run out of the arena, and expressed a desire to her uncle that the dance should be immediately repeated. The *Camerera*, however, on the plea that the sun was too hot, decided that it would be better that her Highness should return without delay to the Palace, where a wonderful feast had been already prepared for her, including a real birthday cake with her own initials worked all over it in painted sugar and a lovely silver flag waving from the top. The Infanta accordingly rose up with much dignity, and having given orders that the little Dwarf was to dance again for her after the hour of *siesta*, and conveyed her thanks to the young Count of *Tierra Nueva* for his charming reception, she went back to her apartments, the children following in the same order in which they had entered.

\* Gaetano Majorano (1710-1783) was a castrato and Italian opera singer. His stage name, Caffarelli, derives from Domenico Caffaro, his patron. He was a student of Nicola Porpora and one of the few documented cases of children who so much appreciated that they had to sing that he had asked to be castrated. At ten years old, it was given to him an income of two vines from his grandfather, so that he could study grammar and music. He became the favorite pupil of his master Porpora, who has been told that, having put young Caffarelli to work on a musical piece with exercises for six years, he eventually had declared: "Go on, my son: I have nothing else to teach you; you are the best singer in all of Europe."

duas serpentes verdes e douradas puseram para fora as estranhas cabeças triangulares, erguendo-as lentamente e balançando para lá e para cá ao ritmo da música como as plantas balançam-se na água. As crianças, contudo, ficaram bastante assustadas com as cristas manchadas e as línguas rápidas como setas sendo atiradas e ficaram muito mais contentes quando o malabarista fez brotar da areia uma pequenina laranjeira carregada de graciosos botões brancos e montes de frutos de verdade; e ao tomar o leque da filha do Marquês de Las Torres transformou-o num pássaro azul que voou por todo o pavilhão cantando e o encanto e o assombro não tiveram limites. O minuetto solene apresentado pelos meninos dançarinos da igreja de *Nuestra Señora Del Pilar* era encantador. A Infanta nunca vira essa maravilhosa cerimônia antes, que tem lugar todos os anos, em maio, em frente do altar-mor da Virgem e em sua honra; e, na verdade, nenhum membro da família real de Espanha tomou a entrar na catedral de Saragoça desde que um padre louco, que segundo muitos a mando de Elizabeth da Inglaterra, tentara administrar uma hóstia envenenada ao Príncipe de Asturias. Por isso, ela conhecia apenas a "Dança de Nossa Senhora", que certamente era bonita de ver-se. Os meninos vestiam antigos trajes da corte de veludo branco e curiosos chapéus de três pontas orlados com prata, encimados por imensas plumas de avestruz; e branca deslumbrante dos trajes, conforme moviam-se à luz do sol, era ainda mais acentuada em contraste com os rostos morenos e os longos cabelos negros. Todos estavam fascinados com a dignidade com que moviam-se por meio de intrincadas representações da dança, com a graça detalhada da lentidão dos seus gestos e as imponentes reverências, e ao terminarem a apresentação, a tirar os grandes chapéus plumados diante da Infanta, ela retribuiu a reverência com muita cortesia, a prometer que enviaria uma imensa vela de cera ao santuário de Nossa Senhora do Pilar em retribuição ao prazer que ela proporcionara-lhe.

Uma tropa de belos egípcios – como os ciganos eram chamados naqueles dias – então adentrou à arena e sentou-se em círculo com as pernas cruzadas, começando a tocar suavemente as suas cítaras, movendo os seus corpos com a melodia e cantando bem baixinho uma pequena cantiga sonhadora. Ao avistarem Dom Pedro, lançaram-lhe um olhar mal-humorado e alguns deles estavam apavorados, pois há algumas semanas ele enforcara dois membros da tribo por feitiçaria no mercado de Sevilha, mas a graciosa Infanta deixou-os encantados ao recostar-se e a espiar por sobre o leque com os grandes olhos azuis e sentiram-se seguros de que alguém tão amável quanto ela jamais poderia ser cruel com ninguém. Então continuaram a tocar docemente, apenas a roçar as cordas das cítaras com as unhas compridas e pontiagudas e as suas cabeças começaram a inclinar como se estivessem a cair no sono. De súbito, com um grilo tão estridente que as crianças assustaram-se e Dom Pedro agarrou o punho de ágata da sua adaga, saltaram rodopiando locamente em torno do cercado, batendo nos pandeiros, entoando alguma selvagem canção de amor na sua língua estranha e gutural. Então, com outro sinal, lançaram-se novamente ao chão e lá permaneceram quase imóveis, sendo o lento dedilhar das cítaras o único som a romper o silêncio. Depois de terem feito isso inúmeras vezes, desapareceram por um instante e voltaram a conduzir um felpudo urso castanho acorrentado e trazendo nos ombros alguns macaquinhos da Berbéria. O urso ergueu a cabeça com a máxima gravidade e os enrugados macacos fizeram todo tipo de truques divertidos com dois meninos ciganos que pareciam ser os seus mestres; lutaram com espadinhas, atiraram com armas e fizeram o mesmo treinamento de soldados, como a própria guarda pessoal do Rei. De fato, os ciganos foram um verdadeiro sucesso.

Mas a parte mais engraçada do espetáculo de toda a manhã foi sem dúvida a

dança do Anãozinho. Quando ele tropeçou na arena, gíngando sobre as suas pernas tortas e abanando a cabeça mal-formada dum lado para outro, as crianças explodiram num grito alto de contentamento e a própria Infanta riu tanto que a *Camerera* foi obrigada a lembrá-la de que, apesar de existirem muitos precedentes em Espanha de filhas de rei chorarem diante dos seus iguais, nada havia a respeito de uma Princesa de sangue real que demonstrasse tanta alegria diante daqueles que eram-lhe inferiores por nascimento. O Anão, porém, era realmente irresistível, e mesmo na corte espanhola, sempre célebre por cultivar a paixão pelo horrível, nunca tinham visto criaturinha tão fantástica. Essa era também a sua primeira aparição. Fora descoberto apenas no dia anterior, correndo, selvagem, pela floresta, por dois nobres que por acaso estavam caçando numa parte remota do grande bosque que circundava a cidade e que levaram-no para o Palácio, como uma surpresa para a Infanta; o seu pai, um pobre carvoeiro, sentiu-se muito grato por ver-se livre duma criança tão feia e inútil. Talvez a coisa mais divertida sobre ele era o completo desconhecimento que tinha sobre a sua própria aparência grotesca. De fato, parecia completamente feliz e pleno dos espíritos mais elevados. Quando as crianças riam, ele ria tão intensamente e tão alegre quanto qualquer outro e, no fim de cada dança, fazia a todos as mais cômicas reverências, sorrindo e acenando para elas com se fosse verdadeiramente igual, e não uma coisinha mal-formada que a Natureza, com disposição para o cômico, moldou-o assim para que outros zombassem. E quanto à Infanta, deixou-o absolutamente fascinado. Não conseguia manter os olhos longe dela, parecendo dançar apenas para ela, e ao final da apresentação, ao lembrar de que ela havia visto as grandes damas da Corte atirarem ramalhetes para Caffarelli, o famoso menino soprano italiano, a quem o Papa enviara da sua própria capela à Madrid, para que curasse a melancolia do Rei com a doçura da sua voz, tirou dos cabelos a bela rosa branca e, parte por graça e parte para provocar a *Camerera*, atirou-a para ele do outro lado da arena com o seu sorriso mais doce. Ele levou o assunto completamente a sério e apertando a flor nos lábios tioss e grossos, colocou a mão sobre seu coração, e deitou-se sobre um dos joelhos dela, sorrindo de orelha a orelha com seus olhinhos brilhantes a faiscar com prazer.

Isso alterou de tal forma a seriedade da Infanta que ela ainda continuou a rir muito depois do Anãozinho ter corrido da arena e expressou ao seu tio o seu desejo de que a dança fosse imediatamente repetida. A *Camerera*, entretanto, ao argumentar que o sol estava quente demais, decidiu que seria melhor que sua Alteza retornasse sem demora ao Palácio, onde um maravilhoso festim já estava preparado para ela, incluindo um majestoso bolo de aniversário com as suas iniciais pintadas com açúcar e uma adorável bandeira de prata a tremular no topo. A Infanta ergueu-se adequadamente com muita dignidade e tendo ordenado que o Anãozinho dançasse novamente para ela depois da hora da *siesta* e apresentado os seus agradecimentos ao Conde de *Tierra Nueva* por recepção tão encantadora, retornou aos seus aposentos, seguida pelas crianças na mesma ordem de precedência com que entraram.

\* Gaetano Majorano (1710-1783) foi um castrato e cantor de ópera italiano. O seu nome de palco, Caffarelli, deriva de Domenico Caffaro, o seu patrono. Foi estudante de Nicola Porpora e um dos raros casos documentados de crianças que de tanto apreço que tinham em cantar que pediram para serem castradas. Com dez anos de idade, foi-lhe dada a renda de duas vinhas da sua avó, para que pudesse estudar a gramática e a música. Tornou-se o pupilo preferido do seu mestre Porpora, do qual é dito que, tendo colocado o jovem Caffarelli a trabalhar numa peça musical com exercícios por seis anos, eventualmente terá declarado: "Vai, meu filho: não tenho mais nada a te ensinar: és o melhor cantor de toda a Europa."

Now when the little Dwarf heard that he was to dance a second time before the Infanta, and by her own express command, he was so proud that he ran out into the garden, kissing the white rose in an absurd ecstasy of pleasure, and making the most uncouth and clumsy gestures of delight.

The Flowers were quite indignant at his daring to intrude into their beautiful home, and when they saw him capering up and down the walks, and waving his arms above his head in such a ridiculous manner, they could not restrain their feelings any longer.

"He is really far too ugly to be allowed to play in any place where we are", cried the Tulips.

"He should drink poppy-juice, and go to sleep for a thousand years", said the great scarlet Lilies, and they grew quite hot and angry.

"He is a perfect horror!" screamed the Cactus. "Why, he is twisted and stumpy, and his head is completely out of proportion with his legs. Really he makes me feel prickly all over, and if he comes near me I will sting him with my thorns."

"And he has actually got one of my best blooms", exclaimed the White Rose-Tree. "I gave it to the Infanta this morning myself, as a birthday present, and he has stolen it from her." And she called out, "Thief, thief, thief!" at the top of her voice.

Even the red Geraniums, who did not usually give themselves airs, and were known to have a great many poor relations themselves, curled up in disgust when they saw him, and when the Violets meekly remarked that though he was certainly extremely plain, still he could not help it, they retorted with a good deal of justice that that was his chief defect, and that there was no reason why one should admire a person because he was intractable; and, indeed, some of the Violets themselves felt that the ugliness of the little Dwarf was almost ostentatious, and that he would have shown much better taste if he had looked sad, or at least pensive, instead of jumping about merrily, and throwing himself into such grotesque and silly attitudes.

As for the old Sundial, who was an extremely remarkable individual, and had once told the time of day to no less a person than the Emperor Charles V himself, he was so taken aback by the little Dwarf's appearance that he almost forgot to mark two whole minutes with his long shadowy finger, and could not help saying to the great milk-white Peacock, who was sunning herself on the balustrade, that every one knew that the children of Kings were Kings, and that the children of charcoal-burners were charcoal-burners, and that it was absurd to pretend that it wasn't so; a statement with which the Peacock entirely agreed, and indeed screamed out, "Certainly, certainly," in such a loud, harsh voice, that the gold-fish who lived in the basin of the cool splashing fountain put their heads out of the water, and asked the huge stone Tritons what on earth was the matter.

But somehow the Birds liked him. They had seen him often in the forest, dancing about like an elf after the eddying leaves, or crouched up in the hollow of some old oak-tree, sharing his nuts with the squirrels. They did not mind his being ugly, a bit. Why, even the nightingale herself, who sang so sweetly in the orange groves at

night that sometimes the Moon leaned down to listen, was not much to look at after all; and, besides, he had been kind to them, and during that terribly bitter winter, when there were no berries on the trees, and the ground was as hard as iron, and the wolves had come down to the very gates of the city to look for food, he had never once forgotten them, but had always given them crumbs out of his little hunch of black bread, and divided with them whatever poor breakfast he had.

So they flew round and round him, just touching his cheek with their wings as they passed, and chattered to each other, and the little Dwarf was so pleased that he could not help showing them the beautiful white rose, and telling them that the Infanta herself had given it to him because she loved him.

They did not understand a single word of what he was saying, but that made no matter, for they put their heads on one side, and looked wise, which is quite as good as understanding a thing, and very much easier.

The Lizards also took an immense fancy to him, and when he grew tired of running about and flung himself down on the grass to rest, they played and romped all over him, and tried to amuse him in the best way they could. "Every one cannot be as beautiful as a lizard", they cried; "that would be too much to expect. And, though it sounds absurd to say so, he is really not so ugly after all, provided, of course, that one shuts one's eyes, and does not look at him." The Lizards were extremely philosophical by nature, and often sat thinking for hours and hours together, when there was nothing else to do, or when the weather was too rainy for them to go out.

The Flowers, however, were excessively annoyed at their behaviour, and at the behaviour of the birds. "It only shows", they said, "what a vulgarising effect this incessant rushing and flying about has. Well-bred people always stay exactly in the same place, as we do. No one ever saw us hopping up and down the walks, or galloping madly through the grass after dragon-flies. When we do want change of air, we send for the gardener, and he carries us to another bed. This is dignified, and as it should be. But birds and lizards have no sense of repose, and indeed birds have not even a permanent address. They are mere vagrants like the gipsies, and should be treated in exactly the same manner." So they put their noses in the air, and looked very haughty, and were quite delighted when after some time they saw the little Dwarf scramble up from the grass, and make his way across the terrace to the palace.

"He should certainly be kept indoors for the rest of his natural life", they said. "Look at his hunched back, and his crooked legs", and they began to titter.

But the little Dwarf knew nothing of all this. He liked the birds and the lizards immensely, and thought that the flowers were the most marvellous things in the whole world, except of course the Infanta, but then she had given him the beautiful white rose, and she loved him, and that made a great difference. How he wished that he had gone back with her! She would have put him on her right hand, and smiled at him, and he would have never left her side, but would have made her his playmate, and taught her all kinds of delightful tricks. For though he had never been in a palace before, he knew a great many wonderful things. He could make little cages out of rushes for the grasshoppers to sing in, and fashion the long jointed bamboo into the pipe that Pan loves to hear. He knew the cry of every bird, and could call the starlings from the tree-top, or the heron from the mere. He knew the trail of every animal, and

Então, quando o Anãozinho ouviu que iria dançar pela segunda vez diante da Infanta e por ordem expressa dela mesma ficou tão orgulhoso que correu pelo jardim, a beijar a rosa branca num absurdo êxtase de prazer, e a fazer os mais rudes e desejados gestos de contentamento.

As Flores estavam tão indignadas por ele ter ousado entrar na bela casa delas, e ao virem-no saltar para cima e para baixo pelo passeio e a balançar os braços acima da cabeça de forma tão ridícula, não puderam conter os seus sentimentos por mais tempo.

"Ele é muito feio para que possa brincar em qualquer lugar em que estejamos", exclamaram as Tulipas.

"Ele deveria beber suco de papoula e dormir por milhares de anos", disseram os grandes Lírios escarlates, tornando-se completamente vermelhos de raiva.

"É um perfeito horror!" gritou o Cacto. "Pois é torto e atarracado e a cabeça é completamente desproporcional às suas pernas. Realmente, fiz com que sintam-me todo irritado, e se ele vier para perto de mim, vou espetá-lo com os meus espinhos."

"É verdadeiramente pegou um dos meus melhores botões", exclamou a Roseira Branca. "Eu mesma dei-o para a Infanta esta manhã como um presente de aniversário e ele roubou-a dela." E ela gritou, "Ladrão, ladrão, ladrão!" o mais alto que pode.

Até mesmo os Gerânios vermelhos, que não costumavam dar-se a ares de importância, sendo conhecidos pelo grande número de parentes pobres, enrolaram-se de aversão quando o viram, e quando as Violetas humildemente observaram que embora ele fosse com certeza extremamente sem graça, nada podia ser feito a respeito, replicaram com boa parte de razão que aquele era o seu principal defeito e não havia razão para alguém admirar uma pessoa por ela ser incurável; e, de fato, algumas Violetas sentiram que a feiúra de Anãozinho era quase ostentação e que ele demonstrava um melhor bom gosto se ele parecesse triste, ou pelo menos pensativo, ao invés de pular alegremente, lançando-se em tais atitudes estúpidas e grotescas.

Quanto ao velho Relógio de Sol, que era um indivíduo extremamente notável e que certa vez tinha informado as horas a ninguém menos que o Imperador Carlos V em pessoa, estava tão surpreso com a aparência do Anãozinho que quase esqueceu de marcar dois minutos inteiros com o seu longo dedo de sombra e não pode evitar de dizer ao grande Pavão, branco como o leite, que estava tomando sol sobre a balustrada que todos sabiam que os filhos de Reis eram Reis e que os filhos de carvoeiros eram carvoeiros, e que era um absurdo fingir que tudo não era assim; uma declaração com a qual o Pavão concordou inteiramente e que de fato fez com que gritasse, "Certamente, certamente!", tão alto e com uma voz tão severa que os peixes dourados que viviam no tanque da fonte de água fresca, puseram as suas cabeças para fora d'água, a perguntar ao imenso Tritão de pedra o que estava a acontecer na terra.

Mas de alguma forma os pássaros gostavam dele. Tinham-no visto muitas vezes na floresta, dançando como um elfo atrás das folhas num redemoinho ou encolhido dentro do oco de algum velho carvalho, compartilhando nozes com os esquilos. Eles não se importavam com a feiúra dele nem um pouquinho. Pois, mesmo o próprio

rouxinol que à noite cantava tão docemente no bosque de laranjas que algumas vezes a Lua inclinava-se para ouvi-lo, não tinha lá muitos atrativos no final das contas. E além do mais, fora gentil com eles, e durante aquele terrível e penoso inverno, quando não chegaram a descer até os portões da cidade em busca de comida, ele não se esqueceu deles nem uma vez sempre dando-lhes migalhas do seu pequeno naco de pão preto e a dividir com eles o que quer que tivesse em seu parco desjejum.

Assim, eles voaram e voaram ao redor dele, apenas tocando a sua bochecha com as suas asas ao passar, e falavam entre si, e o Anãozinho estava tão feliz que não pode deixar de mostrar a eles a linda rosa branca, e a contar-lhes que a própria Infanta dera-a para ele, pois ela amava-o.

Eles não entenderam a única palavra do ele dizia, mas não tinha importância, pois puseram a cabeça para o lado, com um olhar inteligente, o que é quase tão bom quanto entender algo, e muito mais fácil.

As Lagartixas também sentiam uma enorme simpatia por ele, e quando sentiu-se cansado de correr por aí e atirou-se sobre a relva para descansar, brincaram e fizeram travessuras em torno dele, tentando divertí-lo da melhor forma. "Nem todos podem ser tão belos quanto as lagartixas", exclamaram, "seria esperar demais. E, embora pareça absurdo de dizer-se, ele realmente não é tão feio afinal, desde que evidentemente fechemos os olhos e não olhemos para ele." As Lagartixas são extremamente filosóficas por natureza e sempre sentam-se juntas por horas e horas, quando não têm nada mais a fazer ou quando o tempo está chuvoso demais para que possam sair.

As Flores, no entanto, estavam muito aborrecidas com o comportamento delas e dos pássaros também. "Isso só demonstra", disseram elas, "a consequente vulgaridade dessas incessantes correrias e voos. Pessoas educadas sempre ficam exaltadas no mesmo lugar como fazemos. Ninguém nunca viu-nos saltando pelos passeios ou trotando loucamente pela relva atrás de libélulas. Quando queremos mudar de ares, mandamos buscar o jardineiro e ele transporta-nos para outro canteiro. Isto é digno e deve ser assim. Mas pássaros e lagartixas não têm noção de repouso e, de fato, os pássaros nem mesmo têm uma morada fixa. São só vagabundos como os ciganos e devem ser tratados da mesma maneira." Então empinaram o nariz, parecendo muito arrogantes e ficaram encantadas quando depois de algum tempo viram o Anãozinho arrastando-se de cima da relva e tomando o caminho do palácio através do terraço.

"Certamente deveria ser mantido entre quatro paredes pelo resto da sua vida", disseram, "olhem a sua corcunda e as suas pernas tortas" e começaram a rir.

Mas o Anãozinho não importou-se com nada disso. Gostava imensamente dos pássaros e das lagartixas e julgava que as flores eram as coisas mais belas do mundo inteiro excetuando, é claro, a Infanta, pois havia dado-lhe a linda rosa branca e amava-o e isso fazia uma grande diferença. Como desejava estar com ela novamente! Havia-o posto à sua direita e sorrido para ele e jamais sairia do lado dela, por isso a tornaria a sua companheira, ensinando-lhe todo tipo de truques encantadoras. Pois, embora nunca estivesse no palácio, conhecia uma grande porção de coisas maravilhosas. Poderia fazer gaiólinhas de junco para os gafanhotos cantarem dentro e moldar o longo feixe de bambu numa flauta que Pã adorava escutar. Conhecia o lamento de cada pássaro e podia chamar os estorninhos que estavam no topo das árvores ou as garças do lago. Conhecia o rastro de cada animal, e podia seguir a lebre pelas delicadas pega-

could track the hare by its delicate footprints, and the boar by the trampled leaves. All the wild-dances he knew, the mad dance in red raiment with the autumn, the light dance in blue sandals over the corn, the dance with white snow-wreaths in winter, and the blossom-dance through the orchards in spring. He knew where the wood-pigeons built their nests, and once when a fowler had snared the parent birds, he had brought up the young ones himself, and had built a little dovecot for them in the cleft of a pollard elm. They were quite tame, and used to feed out of his hands every morning. She would like them, and the rabbits that scurried about in the long fern, and the jays with their steely feathers and black bills, and the hedgehogs that could curl themselves up into prickly balls, and the great wise tortoises that crawled slowly about, shaking their heads and nibbling at the young leaves. Yes, she must certainly come to the forest and play with him. He would give her his own little bed, and would watch outside the window till dawn, to see that the wild horned cattle did not harm her, nor the gaunt wolves creep too near the hut. And at dawn he would tap at the shutters and wake her, and they would go out and dance together all the day long. It was really not a bit lonely in the forest. Sometimes a Bishop rode through on his white mule, reading out of a painted book. Sometimes in their green velvet caps, and their jerkins of tanned deerskin, the falconers passed by, with hooded hawks on their wrists. At vintage-time came the grape-treaders\*, with purple hands and feet, wreathed with glossy ivy and carrying dripping skins of wine; and the charcoal-burners sat round their huge braziers at night, watching the dry logs charring slowly in the fire, and roasting chestnuts in the ashes, and the robbers came out of their caves and made merry with them. Once, too, he had seen a beautiful procession winding up the long dusty road to Toledo. The monks went in front singing sweetly, and carrying bright banners and crosses of gold, and then, in silver armour, with matchlocks and pikes, came the soldiers, and in their midst walked three barefooted men, in strange yellow dresses painted all over with wonderful figures, and carrying lighted candles in their hands. Certainly there was a great deal to look at in the forest, and when she was tired he would find a soft bank of moss for her, or carry her in his arms, for he was very strong, though he knew that he was not tall. He would make her a necklace of red bryony berries, that would be quite as pretty as the white berries that she wore on her dress, and when she was tired of them, she could throw them away, and he would find her others. He would bring her acorn-cups and dew-drenched anemones, and tiny glow-worms to be stars in the pale gold of her hair.

\*\*\*\*\*

But where was she? He asked the white rose, and it made him no answer. The whole palace seemed asleep, and even where the shutters had not been closed, heavy curtains had been drawn across the windows to keep out the glare. He wandered all round looking for some place through which he might gain an entrance, and at last he caught sight of a little private door that was lying open. He slipped through, and found himself in a splendid hall, far more splendid, he feared, than the forest, there was so much more gilding everywhere, and even the floor was made of great coloured stones, fitted together into a sort of geometrical pattern. But the little Infanta was not there, only some wonderful white statues that looked down on him from their jasper

\* People who squeeze the grapes with their feet to extract the juice and producing the wine.

pedestals, with sad blank eyes and strangely smiling lips.

At the end of the hall hung a richly embroidered curtain of black velvet, powdered with suns and stars, the King's favourite devices, and broidered on the colour he loved best. Perhaps she was hiding behind that? He would try at any rate.

So he stole quietly across, and drew it aside. No; there was only another room, though a prettier room, he thought, than the one he had just left. The walls were hung with a many-figured green arras of needle-wrought tapestry representing a hunt, the work of some Flemish artists who had spent more than seven years in its composition. It had once been the chamber of *Jean le Fou*, as he was called, that mad King who was so enamoured of the chase, that he had often tried in his delirium to mount the huge rearing horses, and to drag down the stag on which the great hounds were leaping, sounding his hunting horn, and stabbing with his dagger at the pale flying deer. It was now used as the council-room, and on the centre table were lying the red portfolios of the ministers, stamped with the gold tulips of Spain, and with the arms and emblems of the house of Hapsburg.

The little Dwarf looked in wonder all round him, and was half-afraid to go on. The strange silent horsemen that galloped so swiftly through the long glades without making any noise, seemed to him like those terrible phantoms of whom he had heard the charcoal-burners speaking – the *Comprachos*, who hunt only at night, and if they meet a man, turn him into a hind, and chase him. But he thought of the pretty Infanta, and took courage. He wanted to find her alone, and to tell her that he too loved her. Perhaps she was in the room beyond.

He ran across the soft Moorish carpets, and opened the door. No! She was not here either. The room was quite empty.

It was a throne-room, used for the reception of foreign ambassadors, when the King, which of late had not been often, consented to give them a personal audience; the same room in which, many years before, envoys had appeared from England to make arrangements for the marriage of their Queen, then one of the Catholic sovereigns of Europe, with the Emperor's eldest son. The hangings were of gilt Cordovan leather, and a heavy gilt chandelier with branches for three hundred wax lights hung down from the black and white ceiling. Underneath a great canopy of gold cloth, on which the lions and towers of Castile were broidered in seed pearls, stood the throne itself, covered with a rich pall of black velvet studded with silver tulips and elaborately fringed with silver and pearls. On the second step of the throne was placed the kneeling-stool of the Infanta, with its cushion of cloth of silver tissue, and below that again, and beyond the limit of the canopy, stood the chair for the Papal Nuncio, who alone had the right to be seated in the King's presence on the occasion of any public ceremonial, and whose Cardinal's hat, with its tangled scarlet tassels, lay on a purple *tabouret* in front. On the wall, facing the throne, hung a life-sized portrait of Charles V. in hunting dress, with a great mastiff by his side; and a picture of Philip II. receiving the homage of the Netherlands occupied the centre of the other wall. Between the windows stood a black ebony cabinet, inlaid with plates of ivory, on which the figures from Holbein's Dance of Death had been graven by the hand, some said, of that famous master himself.

\* In French in the original: John, the Fool.

das e também o javali pelas folhas pisoteadas. Conhecia as danças do campo, a dança louca com indumentária vermelha do outono, a dança suave com sandálias azuis sobre o trigo, a dança com grinaldas de neve branca no inverno e a dança das floradas no pomar na primavera. Sabia onde os pombos-toraz construíam os seus ninhos e certa vez quando um passarinho capturou os pais dos filhotes, ele mesmo recolheu-os e construiu um pequeno pomal no vão de um olmo podado. Foram completamente domesticados e costumavam comer nas mãos do menino todas as manhas. Iria gostar deles e dos coelhos que corriam em disparada dentre as longas samambaias; dos gaios com as penas de aço e bicos negros, dos ouriços que podiam enrolar-se e formar uma bola de espinhos e das grandes e sábias tartarugas que rastejavam lentamente, balançando as cabeças e mordiscando as folhas jovens. Sim, certamente deve vir para a floresta para brincar com ele. Dar-lhe-ia a própria caminho e velaria do lado de fora da janela até o amanhecer para assegurar que o gado selvagem de longos chifres não fizesse mal a ela, nem que os lobos magros rastejassem perto da cabana. E ao amanhecer, bateria nas persianas para acordá-la e então poderiam sair e dançar juntos durante o dia todo. Realmente, a floresta não era nem um pouquinho solitária. As vezes passava um Bispo montado na mula branca, lendo um livro colorido. As vezes, com gorros de veludo verde e jaquetas marrom de couro de cervo, passavam falcoeiros com falcos encapuzados empoleirados nos pulsos. Na vindima chegavam lagareiros\* com as mãos e os pés roxos, coroados com heras brilhantes, carregando odres de vinho; carvoeiros sentavam-se ao redor de imensos braseiros à noite, observando os troncos secos queimando devagar na fogueira e assando castanhas nas brasas; e ladrões saíam das cavernas para divertirem-se com eles. Uma vez, viu uma bela procissão cantando pela longa estrada poeirenta para Toledo. Os monges vinham na frente, cantando docemente, carregando bandeiras brilhantes e cruces douradas e, em armaduras prateadas com mosquetes e lanças, os soldados e no meio deles três homens descalços, com estranhos vestidos amarelos inteiramente pintados com figuras maravilhosas, com vestras acetas nas suas mãos. Certamente havia um grande número de coisas para se ver na floresta e quando estivesse cansada, encontraria um banco de musgo macio para ela ou carregaria-a nos braços, pois era muito forte, apesar de saber que não era alto. Faria para ela um colar de brônias vermelhas que seria tão lindo quanto as sementes brancas que ela usava no vestido e quando cansasse-se delas, poderia jogá-las fora e encontraria outras. Traria sementes em forma de copos e anêmonas molhadas de orvalho e vaga-lumes pequenininhos para servirem de estrelas nos seus cabelos de ouro páldo.

\*\*\*\*\*

Mas onde estava ela? Perguntou à rosa branca, mas não teve resposta. O palácio inteiro parecia adormecido e mesmo onde as persianas não foram fechadas, pesadas cortinas foram puxadas para conter a claridade. Vagou por toda parte procurando por algum lugar por onde pudesse entrar, e por fim avistou uma pequena porta particular que ficara aberta. Deslizou por ela e encontrou-se num esplêndido saguão e teve medo por ser muito mais esplêndido do que a floresta, pois havia muito mais dourado por toda a parte e até mesmo o chão era feito de grandes pedras coloridas, assentadas numa espécie de padrão geométrico. Mas a pequena Infanta não estava lá, somente algumas maravilhosas estátuas brancas que observavam-no de cima de

\* As pessoas que espremem as uvas com os pés para extrair o suco e produzir o vinho.

seus pedestais de jaspé, com tristes olhos vazios e lábios estranhamente sorridentes.

E no fim do saguão pendia uma cortina de veludo preto ricamente bordada, salpicada com sóis e estrelas, as figuras favoritas do Rei, bordadas nas cores que ele mais amava. Talvez ela estivesse escondida atrás dali? Ele tentaria de qualquer forma.

Então ele avançou silenciosamente e puxou a cortina. Não, havia apenas uma outra sala, uma mais bela, ele pensou, do que a que tinha acabado de deixar. Nas paredes estavam penduradas tapeçarias de abas feitas com agulhas, com muitos adornos em verde, representando uma caçada, obra de alguns artistas flamengos que levaram mais de sete anos em sua composição. Esse tinha sido o quarto de *Jean le Fou*, como era chamado, o rei louco que era tão apaixonado por caçadas que sempre tentava, em seu delírio, montar os enormes cavalos empinados e arrastar o cervo sobre o qual os cães de caça estavam a saltar, tocando a sua trompa de caçador e apunhalando com a adaga o páldo cervo no ar. Agora era usada como sala do conselho e sobre a mesa do centro encontravam-se as pastas vermelhas dos ministros, estampadas com as tulipas douradas de Espanha e com as armas e emblemas da casa de Habsburgo.

O Anãozinho olhou ao redor, maravilhado e ficou meio temeroso em continuar. Os estranhos e silenciosos cavaleiros que galopavam tão velozmente através das clareiras sem fazer nenhum ruído pareciam para ele como aqueles terríveis fantasmas sobre quem ouvira os carvoeiros falarem – os *Comprachos* que caçavam apenas durante a noite e que se encontrassem um homem, transformavam-no num cervo e perseguiam-no. Mas ele pensou na bela Infanta e tomou coragem. Queria encontrá-la sozinha e dizer-lhe que também amava-a. Talvez ela estivesse na próxima sala.

Ele correu por entre os macios tapetes mouros e abriu a porta. Não! Ela também não estava lá; a sala estava completamente vazia.

Era uma sala do trono, usada para a recepção dos embaixadores estrangeiros, quando o Rei, que não a usava tão frequentemente, consentia em dar-lhes uma audiência pessoal; a mesma sala na qual, muitos anos antes, emissários tinham vindo da Inglaterra para fazer arranjos para o casamento da sua Rainha, então uma das soberanas católicas da Europa, com o filho mais velho do Imperador. Suspensos, viam-se cortinados feitos de couro dourado de Córdoba; e um pesado lustre dourado com ramos para trezentas velas de cera pendia do teto preto e branco. Debaixo de um grande dossel de tecido dourado, no qual leões e torres de Castela estavam bordados com perolazinhas, estava o próprio trono, coberto com um rico manto de veludo preto cravejado de tulipas prateadas e um elaborado adorno de prata e de pérolas. No segundo degrau do trono estava posicionado o genuflexório no qual a Infanta ajoelhava-se com a sua almofada de tecido prateado, e além dos limites do dossel, a cadeira do Nuncio Papal, que era o único que tinha o direito de sentar-se na presença do Rei por ocasião de qualquer cerimonia pública, e cujo chapéu de Cardeal, com suas emaranhadas borlas escarlates, ficava sobre um *tabouret* púrpura diante dele. Na parede, diante do trono, estava um retrato em tamanho natural de Carlos V, vestido com trajes de caça, com um grande mastim ao seu lado; e um quadro de Felipe II a receber uma homenagem dos Países Baixos ocupava o centro da outra parede. Entre as janelas, havia um armário de ébano negro e dentro pratos de marfim nos quais figuras da Dança da Morte de Holbein estavam gravadas, segundo diziam, pelo próprio mestre famoso.

\* Em francês no original: João, o Louco.

But the little Dwarf cared nothing for all this magnificence. He would not have given his rose for all the pearls on the canopy, nor one white petal of his rose for the throne itself. What he wanted was to see the Infanta before she went down to the pavilion, and to ask her to come away with him when he had finished his dance. Here, in the Palace, the air was close and heavy, but in the forest the wind blew free, and the sunlight with wandering hands of gold moved the tremulous leaves aside. There were flowers, too, in the forest, not so splendid, perhaps, as the flowers in the garden, but more sweetly scented for all that; hyacinths in early spring that flooded with waving purple the cool glens, and grassy knolls; yellow primroses that nestled in little clumps round the gnarled roots of the oak-trees; bright celandine, and blue speedwell, and irises lilac and gold. There were grey catkins on the hazels, and the foxgloves drooped with the weight of their dappled bee-haunted cells. The chestnut had its spires of white stars, and the hawthorn its pallid moons of beauty. Yes: surely she would come if he could only find her! She would come with him to the fair forest, and all day long he would dance for her delight. A smile lit up his eyes at the thought, and he passed into the next room.

Of all the rooms this was the brightest and the most beautiful. The walls were covered with a pink-flowered Lucca damask, patterned with birds and dotted with dainty blossoms of silver; the furniture was of massive silver, festooned with floral wreaths, and swinging Cupids; in front of the two large fire-places stood great screens broided with parrots and peacocks, and the floor, which was of sea-green onyx, seemed to stretch far away into the distance. Nor was he alone. Standing under the shadow of the doorway, at the extreme end of the room, he saw a little figure watching him. His heart trembled, a cry of joy broke from his lips, and he moved out into the sunlight. As he did so, the figure moved out also, and he saw it plainly.

The Infanta! It was a monster, the most grotesque monster he had ever beheld. Not properly shaped, as all other people were, but hunchbacked, and crooked-limbed, with huge lolling head and mane of black hair. The little Dwarf frowned, and the monster frowned also. He laughed, and it laughed with him, and held its hands to its sides, just as he himself was doing. He made it a mocking bow, and it returned him a low reverence. He went towards it, and it came to meet him, copying each step that he made, and stopping when he stopped himself. He shouted with amusement, and ran forward, and reached out his hand, and the hand of the monster touched his, and it was as cold as ice. He grew afraid, and moved his hand across, and the monster's hand followed it quickly. He tried to press on, but something smooth and hard stopped him. The face of the monster was now close to his own, and seemed full of terror. He brushed his hair off his eyes. It imitated him. He struck at it, and it returned blow for blow. He loathed it, and it made hideous faces at him. He drew back, and it retreated.

What is it? He thought for a moment, and looked round at the rest of the room. It was strange, but everything seemed to have its double in this invisible wall of clear water. Yes, picture for picture was repeated, and couch for couch. The sleeping Faun that lay in the alcove by the doorway had its twin brother that slumbered, and the silver Venus that stood in the sunlight held out her arms to a Venus as lovely as herself.

Was it Echo? He had called to her once in the valley, and she had answered him

word for word. Could she mock the eye, as she mocked the voice? Could she make a mimic world just like the real world? Could the shadows of things have colour and life and movement? Could it be that...?

He started, and taking from his breast the beautiful white rose, he turned round, and kissed it. The monster had a rose of its own, petal for petal the same! It kissed it with like kisses, and pressed it to its heart with horrible gestures.

When the truth dawned upon him, he gave a wild cry of despair, and fell sobbing to the ground. So it was he who was misshapen and hunchbacked, foul to look at and grotesque. He himself was the monster, and it was at him that all the children had been laughing, and the little Princess who he had thought loved him — she too had been merely mocking at his ugliness, and making merry over his twisted limbs. Why had they not left him in the forest, where there was no mirror to tell him how loathsome he was? Why had his father not killed him, rather than sell him to his shame? The hot tears poured down his cheeks, and he tore the white rose to pieces. The sprawling monster did the same, and scattered the faint petals in the air. It grovelled on the ground, and, when he looked at it, it watched him with a face drawn with pain. He crept away, lest he should see it, and covered his eyes with his hands. He crawled, like some wounded thing, into the shadow, and lay there moaning.

And at that moment the Infanta herself came in with her companions through the open window, and when they saw the ugly little dwarf lying on the ground and beating the floor with his clenched hands, in the most fantastic and exaggerated manner, they went off into shouts of happy laughter, and stood all round him and watched him.

"His dancing was funny," said the Infanta; "but his acting is funnier still. Indeed he is almost as good as the puppets, only of course not quite so natural." And she fluttered her big fan, and applauded.

But the little Dwarf never looked up, and his sobs grew fainter and fainter, and suddenly he gave a curious gasp, and clutched his side. And then he fell back again, and lay quite still.

"That is capital!" said the Infanta, after a pause; "but now you must dance for me."

"Yes," cried all the children, "you must get up and dance, for you are as clever as the Barbary apes, and much more ridiculous." But the little Dwarf made no answer.

And the Infanta stamped her foot, and called out to her uncle, who was walking on the terrace with the Chamberlain, reading some despatches that had just arrived from Mexico, where the Holy Office had recently been established. "My funny little dwarf is sulking," she cried, "you must wake him up, and tell him to dance for me."

They smiled at each other, and sauntered in, and Don Pedro stooped down, and slapped the Dwarf on the cheek with his embroidered glove. "You must dance," he said, "*petit monstre*. You must dance. The Infanta of Spain and the Indies wishes to be amused."

But the little Dwarf never moved.

Mas o Anãozinho não se preocupou com nada dessa toda magnificência. Não daria a sua rosa branca em troca de todas as pérolas do dossel, nem trocaria uma única pétala pelo próprio trono. O que queria mesmo era ver a Infanta antes que ela descesse ao pavilhão e convidá-la para partir com ele ao terminar a sua dança. Ali no palácio o ar era pesado, claustrofóbico, mas na floresta o vento soprava livre e a luz do sol, com mãos douradas e errantes, afastava as folhas tremulantes. Havia flores na floresta também, não tão esplêndidas talvez como as flores do jardim, mas mais perfumadas que todas elas; jacintos no início da primavera que inundavam com ondas púrpuras os vales frescos e a relva das colinas; primulas amarelas que aninhavam-se em pequenos grupos nas raízes retorcidas dos carvalhos; queidônias brilhantes e verônicas azuis, lírios lilases e dourados. Havia amentilhos cinzentos nasogueiras e dedaleiras caíam com o peso das células malhadas que as abelhas procuravam. A castanheira tinha espirais de estrelas brancas, e o espinheiro suas pálidas luas de beleza. Sim: com certeza ela viria, se pudesse ao menos encontrá-la! Viria com ele para a bela floresta e durante o dia inteiro ele dançaria para agradá-la. Um sorriso iluminou os seus olhos com o pensamento, e então passou para o quarto seguinte.

De todos os anteriores, esse era o mais brilhante e o mais bonito. As paredes eram cobertas com damasquinhos em flores rosadas de Luca, desenhadas com pássaros e pontilhadas com delicados botões de prata; a mobília era de prata macia, adornada com grinaldas e cupidos dançantes. Em frente às duas lareiras enormes, havia grandes biombo bordados com papagaios e pavões e o piso, feito de ônix verde-mar, parecia estender-se ao longe, a perder-se na distância. Mas não estava sozinho. Parada à sombra da entrada ao fundo na extremidade da sala, avistou uma pequena figura que observava-o. O seu coração tremeu, uma exclamação de júbilo rompeu dos seus lábios e ele moveu-se na direção do sol. Ao fazê-lo, a figura moveu-se também e ele viu-a claramente.

A Infanta! Não, era um monstro, o mais grotesco monstro que ele já tinha visto. Não tinha a forma correta, como todas as outras pessoas, mas era corcunda, com os membros tortos, com uma cabeça imensa pendente e uma juba de cabelos negros. O Anãozinho franziu o cenho e o monstro franziu também. Riu e a figura riu com ele e pôs as mãos na cintura, exatamente como ele estava fazendo. Curvou-se com zombaria, e a imagem retornou-lhe a pequena reverência. Aproximou-se e a figura foi ao seu encontro, imitando cada passo que dava e parando quando parou. Gritou com divertimento e correu adiante, estendendo-lhe a mão, e a mão do monstro tocou a sua e era tão fria quanto o gelo. Assustou-se e retirou a mão e a mão do monstro seguiu o movimento rapidamente. Tentou avançar, mas alguma coisa Lisa e dura impediu-o. Agora, o rosto do monstro estava próximo do seu e parecia cheio de terror. Afastou os cabelos dos seus olhos. A figura imitou-o. Golpeou a imagem e ela devolveu-lhe o golpe por golpe. Aborreceu-se e a figura fez-lhe caretas horrendas. Recuou e a imagem retirou-se.

O que era aquilo? Pensou por um instante e olhou ao redor da sala. Era estranho, mas tudo parecia estar duplicado naquela parede invisível de água clara. Sim, quadro por quadro, sofá por sofá, tudo estava repetido. O Fauno adormecido deitado na alcova junto à entrada tinha o seu irmão gêmeo que dormia, e a Vênus de prata em pé sob os raios de sol estendia os seus braços para a Vênus tão adorável quanto ela.

Seria Eco? Chamara por ela certa vez no vale e ela respondera-lhe a palavra por

palavra. Podia ela enganar os olhos como enganava a voz? Podia ela fazer uma imitação do mundo exatamente como o mundo real? Podiam as sombras das coisas possuir cores e vida e movimento? Podia ser que...?

Estremeceu e tirando do seu peito a linda rosa branca, voltou-se e beijou-a. O monstro também possuía uma rosa como a dele, igual pétala por pétala! Beijava-a com os mesmos beijos e apertava-a contra o seu coração com gestos horríveis.

Quando a verdade raiou sobre ele, deu um grito selvagem de desespero e, chorando, lançou-se ao chão. Então era ele o corcunda malformado, grotesco e asqueroso de ver-se. Ele próprio era o monstro e era dele que todas as crianças tinham rido e a Princesinha que ele julgara que amava — ela também estava simplesmente zombando da feiúra, divertindo-se com os seus membros tortos. Por que não o deixaram na floresta, onde não havia espelho para dizer-lhe o quão repugnante ele era? Por que o seu pai não o matara, em vez de vendê-lo para envergonhá-lo? As lágrimas quentes correram pelo seu rosto e ele dilacerou a rosa branca em pedaços. Escarpachado, o monstro fez o mesmo, espalhando as lânguidas pétalas no ar. A imagem rastejou pelo chão e quando ele fitou-a, olhou-o com o rosto tomado pelo dor. Arrastou-se para longe para que não pudesse mais vê-lo, e cobriu os olhos com as suas mãos. Rastejou para as sombras como uma coisa ferida e lá ficou, gemendo.

E naquele momento a própria Infanta surgiu com os seus companheiros através da janela aberta, e quando eles viram o feio Anãozinho deitado no chão, golpeando o piso com as suas mãos apertadas, da maneira mais fantástica e exagerada, irromperam em gritos de risadas alegres, e ficaram todos em torno dele, em pé, observando-lhe.

"A sua dança foi engraçada", disse a Infanta, "mas a sua atuação é mais engraçada ainda. Na verdade, é quase tão bom quanto as marionetes, claro que não tão natural." E abanou o seu grande leque, aplaudindo.

Mas o Anãozinho não tornou a erguer os olhos, e seus soluços ficaram cada vez mais fracos, e de repente deu um suspiro estranho e apertou o lado do corpo. E então caiu novamente, completamente imóvel.

"Isso é de primeira qualidade!", disse a Infanta, após uma pausa; "mas agora deve dançar para mim."

"Sim", exclamaram as crianças, "deve levantar-se e dançar, pois é esperto como os macacos da Berbéria e muito mais ridículo." Mas o Anãozinho nada respondeu.

E a Infanta bateu com o pé no chão e chamou o seu tio que estava andando pelo terraço junto com o Camarista, lendo alguns despachos que acabavam de chegar do México, onde o Santo Ofício acabara de estabelecer-se. "Meu Anãozinho engraçado está arnuado", exclamou ela, "deve erguê-lo e dizer-lhe que dance para mim."

Sorriram um para o outro e entraram devagar; Dom Pedro parou e abaixou-se e, com a sua luva bordada, deu um tapa na bochecha do Anão. "Deve dançar", disse ele, "*petit monstre*. Deve dançar. A Infanta de Espanha e das Índias deseja divertir-se."

Mas o Anãozinho jamais tornou a mover-se.

"A whipping master should be sent for", said Don Pedro wearily, and he went back to the terrace. But the Chamberlain looked grave, and he knelt beside the little dwarf, and put his hand upon his heart. And after a few moments he shrugged his shoulders, and rose up, and having made a low bow to the Infanta, he said:

"*Mi bella Princesa*, your funny little dwarf will never dance again. It is a pity, for he is so ugly that he might have made the King smile."

"But why will he not dance again?" asked the Infanta, laughing.

"Because his heart is broken", answered the Chamberlain.

And the Infanta frowned, and her dainty rose-leaf lips curled in pretty disdain. "For the future let those who come to play with me have no hearts", she cried, and she ran out into the garden.

276

OSCAR WILDE | CONTOS COMPLETOS

"Mande vir o mestre dos açoitamentos", disse Dom Pedro, cansado, ao voltar para o terraço. Mas o Camarista olhou sério, ajoelhou-se ao lado do Anãozinho e pôs a mão sobre o seu coração. E depois de alguns minutos ele encolheu de ombros, levantou-se e curvando-se longamente para a Infanta, disse:

"*Mi bella Princesa*, o seu Anãozinho engraçado jamais dançará novamente. É uma pena, pois ele é tão feio que poderia ter feito o Rei sorrir."

"Mas por que ele não tornará a dançar?", perguntou a Infanta, a rir-se.

"Porque o coração dele está partido", respondeu o Camarista.

E a Infanta fez uma cara feia e os delicados lábios rosados dobraram-se em gracioso desdém. "No futuro, que aqueles que venham brincar comigo não tenham coração", exclamou ela e correu para o jardim.

277

CONTOS COMPLETOS | OSCAR WILDE